Insucesso escolar
Debilidades e algumas perspetivas de professores sobre o contexto educativo angolano

Adriano Ngungu

Dissertação de Mestrado em Administração e Gestão da Educação

Orientação: Professora Doutora Sílvia Maria Castro Fortes Cardoso

Dezembro, 2017

DPE | UPT UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Adriano Ngungu

Insucesso escolar
Debilidades e perspetivas dos professores no contexto educativo angolano

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Administração e Gestão da Educação , sob a orientação da Professora Doutora Sílvia Maria Castro Fortes Cardoso

Departamento de Psicologia e Educação

Dezembro, 2017

DPE | UPT UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Saber aquilo que se tem que ensinar *é a primeira regra de ensino.*
A segunda é ***saber um pouco mais*** *do que aquilo que se tem de ensinar.*

Garrett-Pólya

Dedicatória

Aos meus pais, Rosália Kandeya e Fernando Kahala pela vida,
pelo amor e educação que me transmitiram

AGRADECIMENTOS

Uma investigação científica, por individual que seja, é sempre fruto de um envolvimento inegável de muita gente, um trabalho de equipa. A concretização deste trabalho foi possível graças ao apoio de muitos amigos, colegas e não só, que generosamente, se disponibilizaram a colaborar comigo. É a esses que, em modestas palavras, reservo este espaço.

Gostaria de começar por agradecer aos meus pais, Rosália Kandeya e Fernando Kahala, por me terem gerado, criado, educado e, ainda, acompanhado com o seu inequívoco carinho e incentivo, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida. A eles dedico este trabalho. Agradeço, igualmente aos meus irmãos, Paulino, Miguel, Gabriel, Cecília, Teresa, Maria, Félix e Natália, pelo carinho. Ainda agradeço ao Inácio Kahamba, meu sobrinho e amigo, pela sua presença atenciosa na minha vida.

De forma muito singular, exprimo uma profunda gratidão à minha orientadora Professora Doutora Sílvia Maria de Castro Fortes Cardoso, pela forma sábia, atenta e paciente com que acompanhou este trabalho. Foi, na verdade, uma orientação imensamente valiosa. Com ela aprendi a abordar, com palavras adequadas, o tema da Dissertação.

Agradecer imensamente a todos os professores do mestrado pela profundidade e competência que souberam demonstrar durante a fase curricular.

Agradeço de igual modo a todos colegas do mestrado pelo espírito cooperativo e a motivação nos momentos escuros da caminhada. Muitas vezes a escuridão tomou conta de mim, mas vós levantastes a tocha para caminhar com segurança.

A todos amigos (as) que facilitaram o acesso aos seus valiosos livros, nomeadamente: André Sahosi, Norberto, Joana Tchipela, Augusto Tchikete, Leão, José Andrade e outros que, com as suas propostas bibliográficas e metodológicas, ajudaram a melhorarmos este trabalho, o meu profundo reconhecimento.

Finalmente, agradeço ao corpo diretivo, aos docentes e discentes da E.F.P/M.P.N. pelo necessário e valioso contributo nesta investigação.

A todos quantos, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste grande sonho, o meu sincero obrigado.

Bem hajam!

RESUMO

O presente estudo situa-se no âmbito da conclusão do 2º Ciclo de Estudos em Administração e Gestão escolar, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Trata-se de uma dissertação baseada num estudo sobre a problemática do insucesso escolar realizado na escola de Formação de Professores MPN com a pretensão de perceber a eventual relação entre o insucesso escolar e as necessidades de formação docente e, sobretudo, visando promover melhorias na atividade doce para o sucesso escolar dos alunos.

A investigação realizada teve como pano de fundo metodológico uma natureza qualitativa, em que o processo de investigação assumiu a caraterística de ser um estudo de caso, situando-se numa Escola de Formação de Professores de Angola. Para o efeito, procedemos à implementação de técnica de pesquisa bibliográfica, recolha da informação necessária através de um inquérito, por questionário, aos alunos e professores. Também se fez uma entrevista ao Diretor da escola para encontrar opiniões relativas às reais causas e possíveis soluções para o problema que nos propusemos tratar. Para além de nos permitir o aprofundamento de conceitos em torno do insucesso escolar e suas causas, constatámos que muitos problemas promotores de insucesso advêm da falta de formação profunda e específica dos professores e do atual sistema de ensino (Reforma Educativa). Outras causas identificadas têm a ver com a falta de salas condignas para muitos alunos, desinteresse tanto da parte dos professores como dos próprios alunos, sobretudo os alunos da classe social menos favorecida. Toda a nossa investigação aponta para a busca de caminhos e medidas consentâneas para minimizar os efeitos causados pelas debilidades educativas, de forma a perspetivar um futuro de sucesso para a população estudantil em Angola.

Concluímos que se torna importante mostrar como é fundamental utilizar ferramentas adequadas para darmos uma formação sólida aos professores, particularmente no que se refere à reforma educativa que vigora no país, de modo que estes saibam o que deles se espera, o tipo de abordagem educativa e curricular adaptado ao contexto bem como o tipo de relação a desenvolver com os alunos e com os pais e demais elementos das comunidades escolar e educativa em geral. Há condições desfavoráveis a atividades letivas como é o caso de elevado número de alunos por turmas. Mas, ainda assim, continua a vontade de trabalho e de formação contínua dos docentes para darem resposta às deficiências atuais da educação e da reforma educativa que se impõe no país. Constatámos, também, que há um grande esforço da parte do governo no sentido de criar condições condignas e aceitáveis para a educação num mundo em constantes mutações, pelo que ansiamos "ver para crer".

PALAVRAS-CHAVE: Insucesso escolar, reforma educativa, formação de professores

ABSTRACT

This study is within the bounds of the completion of the 2nd level of studies in school management and administration of Portucalense Infante D. Henrique University

The question is the thesis based on a study about the problematic of school failure realized at a Primary Teacher Training School of Nharêa. (M.P.N) with the aim of understanding the possible relationship between the school failure and the necessities of teacher training and above all aiming at promoting improvements in attractive and harmonious activity for the school success of the students.

The investigation carried out had as an under cloth methodology a qualitative nature in which the process of investigation assumed the characteristic of being a case study in a Teacher Training School of Angola. To this effect, we proceeded implementing of a bibliographic, research technique to collect the necessary information through an inquiry by means of a questionnaire to the students and the teacher's .An interview with the school director was also conducted in order to find out the real causes and solutions to the problem we proposed to deal with. Besides permitting us getting to the bottom of the concept surrounding school failure and it´s causes ,we noted that many of the school failure promoting problems are due to the lack of a profound training of teachers of the education system (Educational Reform) .There is yet one thing on record : lack of adequate class room space for many students , lack of interest on the part of students and the teachers ,above all the , the students of from the less favored social class. All our investigation point to the search of putting in perspective a successful future of the students' population in Angola.

We conclude that it becomes important showing how fundamental it is to use adequate tools to give a solid training to our teachers particularly with reference to educational reforms that is vigorous in our country, in the that these know what is in store for them, the type of educational approach and the curriculum adapted to the context as well as the type of relationship to develop with the students, parents and many other elements of school and educational communities in general. There are unfavorable conditions to the academicals activities like is the case of the large number of students per class. Nevertheless, there is a continuous willingness to work and a continual training on the part of the teachers so as to give an everlasting response to the real deficiencies of education and educational reform that is imposed in the country. We noted as well, that there is a great effort on the part of the government in of creating conditions worthy and acceptable to education in constant mutations, of which we strongly desire "seeing is believing".

KEY WORDS: school failure, educational reform, teacher training.

Índice

INTRODUÇÃO 8
CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO E INSUCESSO ESCOLAR 11
1. A Educação na formação do indivíduo 11
1.1. Educação é autoeducação 16
1.2. Educação é desenvolvimento de dentro para fora 17
1.3.Educação e insucesso escolar 17
1.3.1.Em busca de um conceito do insucesso escolar 20
1.3.2. Tentativas de explicar o insucesso escolar 25
CAPÍTULO 2 . METODOLOGIA 39
2. O desenho da investigação 39
2.1. A formulação do problema, questões e objetivos da investigação 39
2.2. O método em investigação 42
2.2.1. Opções metodológicas da investigação 42
2.3. A amostra 47
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS 50
3. Educação em angola e insucesso escolar 50
3.1. Da hegemonia Eclesial à hegemonia Estatal: o Estado Educador 50
3.1.1. O insucesso escolar no período colonial 51
3.1.2. Insucesso escolar no período pós independência 53
3.1.3. A exiguidade das condições humanas e materiais das escolas. 56
3.2. A reforma educativa e a qualidade da formação de professores 58
3.3. A situação sociofamiliar dos alunos 62
3.4. As visões dos alunos, dos professores e do diretor da escola sobre o insucesso escolar . 63
3.4.1. A visão dos alunos 63
3.4.2. A visão dos professores 72
3.4.3. A visão do Diretor da Escola 76
4.5. Reflexões sobre os resultados 79
CONCLUSÃO 91
RECOMENDAÇÕES 96
ANEXOS 104
Anexo1: Questionário - alunos 105
Anexo 2: Guião de entrevista aos professores 109
Anexo 3: Entrevista ao Diretor da E.F.P. (Magistério Primário) da Nharêa 111

INTRODUÇÃO

No caminho da nossa vida como docente dos ensinos médio e universitário tivemos sempre a inquietação de compreender as reais causas da falta de qualidade, nos dias que correm, bem como de atualizar as limitações em pedagogia como chave do processo de ensino e aprendizagem e caminho para o sucesso escolar. A missão do professor neste processo é crucial e complexa. A sua posição é deveras importante, tanto para o melhor quanto para a derrocada do futuro das crianças/jovens alunos. Admite-se, assim, que as debilidades do professor, a exiguidade das infraestruturas das nossas escolas, bem como das instituições afins, a destruturação das famílias, a falta de empenho da parte do aluno, o absentismo escolar do aluno e do professor, podem estar na base do insucesso escolar.

Nesta caminhada o nosso pensamento foi sempre positivo no sentido de procurar caminhos e elementos que possam contrariar este problema, apesar de inúmeros fatores endógenos e exógenos que podem retardar ou melhorar as hipóteses e/ou anular as causas que inibem a formação global do homem que se adequa ao século XXI em ambientes do mundo globalizado.

Na opinião de Pires (1987, citado por Sil 2004:15), "a problemática do insucesso escolar é complexa e multiforme, não se reduzindo à ideia simplista e comum de falar em reprovações". De facto, o elevado número de reprovações não justifica o insucesso, nem o sucesso justifique o contrário. Com efeito, "o insucesso escolar é pois um conceito tão relativo quanto difícil de definir. Não será pouco fácil tentar interpretar o fenómeno do insucesso, analisar fatores e os mecanismos que a geram, explicar e identificar as suas causas" (Idem) .

A procura dessas razões (existência da falta de qualidade de ensino, que noutra vertente é igual ao insucesso escolar e a procura dos caminhos para o seu combate), bem como o tempo não menos longo nas atividades de educação, formal e informal, levaram-nos ao empenhamento em desenvolver uma investigação na presente temática. Para isso, fizemos a abordagem teórica que enquadra e sustenta este foco temático, base para a clarificação de conceitos circundantes ao problema, sendo que, para a qual se mobilizou as diferentes posições de autores de referência.

Desenvolvemos um estudo de caso, onde primamos pela recolha, descrição e análise detalhada dos dados para a compreensão do problema investigado, buscando

apoio nas conceções existentes. Sabemos que não é fácil, para o investigador, encontrar um método que se adeque ao objeto do estudo, que lhe possa permitir a produção de conhecimento novo (Vilarinho, 2000, citado por Martins, 2007, p.93), pelo que não existem métodos milagrosos para a solução de problemas de investigação e que o mais importante é buscar aqueles que se adequam à tarefa em vista (Bell, 1997, citado por Martins, 2007, p.94). Mas, há sempre a possibilidade de fazer escolhas facilitadoras do processo de investigação. Com esta convicção, decidimos que o nosso estudo seria qualitativo, descritivo e hermenêutico.

O projeto foi desenvolvido na escola de Formação de Professores MPN. A escolha não foi alheatória face ao facto de ser uma escola de formação de professores do ensino primário, nível onde se nota mais incidências da falta de qualidade e que influencia, em certa medida, outros níveis. Além disso, as debilidades de um professor do ensino primário podem ser a chave da vida académica de uma criança para os anos subsequentes e pode implicar o seu sucesso escolar. Por isso, achamos pertinente debruçarmo-nos sobre o tema do insucesso escolar, de forma a percebermos quais são os fatores mais influentes para este fenómeno, no contexto analisado. Outro motivo não menos importante, que presidiu a escolha do contexto é o facto de termos uma residência provisória na Nharêa, o que facilitou a integração nesse espaço.

O insucesso é um tema da atualidade que preocupa todas sensibilidades nos tempos hodiernos, entre estes professores, psicólogos, pedagogos, pais e encarregados de educação. Também as autoridades afins e a sociedade em geral questionam-se sobre o facto. Algumas sociedades de forma mais direta e outras não. No geral, quase todas sociedades queixam-se de alguma falta de qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Esta constatação levou-nos ao levantamento das seguintes questões:

- O ambiente familiar e as condições socioeconómicas influenciam no (in) sucesso escolar?
- A qualidade (preparação académica e pedagógica) do professor influencia no (in) sucesso escolar?
- A comunidade educativa tem alguma influência no (in) sucesso escolar?
- Os currículos escolares têm alguma ligação com o (in) sucesso escolar?

Fomos, ao longo do trabalho, tentando confirmar ou infirmar as posições levantadas, através da análise da informação obtida da revisão bibliográfica, dos questionários e da observação.

O nosso trabalho organiza-se em 4 capítulos. A sua sequência e organização visa, por um lado, sistematizar e clarificar o estado atual do Insucesso escolar e, por outro, evidenciar a sua articulação com o estudo empírico que se apresenta.

O capítulo 1 consta uma revisão da Literatura, com uma abordagem teórica atual do tema em estudo.

O capítulo 2 incorpora de forma abrangente a metodologia do nosso trabalho. Tratamos aqui a metodologia qualitativa que se concretiza no estudo de caso, nos questionários aos alunos, entrevistas aos professores e ao Diretor da escola. Foi onde apresentámos os resultados do nosso estudo empírico. Caracterizámos a amostra e procedemos a análise dos dados recolhidos. Neste capítulo procurámos apresentar de forma exaustiva as opções, as estratégias técnicas de investigação implementadas, procurando explicar o percurso, o método e as técnicas promovidas nos processos de revisão de literatura, recolha e tratamento de informação.

O capítulo 3 incorpora a investigação empírica. Refere dados do contexto do estudo, justificando o seu objeto e concretização em Angola. Fizemos aqui uma suficiente abordagem das reais causas do insucesso escolar na escola angolana. Segue-se a apresentação sistematizada dos dados recolhidos e a sua interpretação sobre todas as dimensões exploradas. Tentámos, no fim do capítulo em referência, apresentar algumas medidas para o combate do insucesso escolar, que considerámos consentâneas com eventuais intervenções em processos de minimização do problema.

A finalizar, apresentámos as conclusões e inferências produzidas ao longo do nosso processo de investigação teórica e prática, aproveitando para discutir posições que considerámos coerentes na assunção de papéis educativos (pela família, pela escola e pela comunidade educativa) na organização e no acompanhamento dos aprendizagens escolares e na promoção do sucesso educativo indiscriminadamente. Ainda, refletimos sobre os principais problemas do sector, visando encontrar fórmulas ou modelos eficazes e eficientes para a sua superação, reconhecendo o papel do professor como elemento preponderante na comunidade e agente ativo do desenvolvimento social, bem assim sobre a necessária melhoria das suas condições de trabalho e de formação, as quais impõem-se como uma obrigação pessoal, mas também das instituições governamentais.

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO E INSUCESSO ESCOLAR

1. A Educação na formação do indivíduo

A educação ou processo educativo são sistemas sociais que buscam provocar ou produzir mudanças comportamentais nos indivíduos que se encontram em aprendizagens por meio de atividades educativas (Porto, 2005). Na opinião de Paiva (2007, citado por Branco, 2012), a aprendizagem é um processo complexo, vista como a habilidade de realizar alguma coisa ou seja, repetir assuntos aprendidos para depois os reproduzir. Assim, o processo de aprendizagem refere-se aos procedimentos de aquisição de conhecimentos e habilidades. É uma atividade executada por aquele que aprende.

Para Porto (2005, p.49) "a aprendizagem é um fator simbólico pelo qual o aluno, no final de sua instrução, estará (ou deverá estar) capacitado a `dominar o mundo` (conseguir um estado de equilíbrio diante das necessidades de adaptação às suas necessidades ambientais) ". Efetivamente, "todo o conhecimento é fruto de alguma experiência e esta só se transforma num conhecimento pleno quando se converte em autentico para aquele que aprendeu, isto é, quando adquire a dimensão de significado ou de vivência significativa" (Coll, 1997, citado por Porto, 2005 p.49).

Neste caso, para tornar formativa a aprendizagem, esta não pode ficar restrita à aquisição de conhecimentos, informações e destrezas. Necessita de estar voltada para capacitação do sujeito para execução de atividades por processos mentais de resignação. De facto, na antropologia moderna, o homem é visto como um ser de múltiplas facetas, pois, se encontra submetido às exigências da realidade também multifacetada. No entanto, o que lhe confere uma dimensão de referência sobre os vegetais e demais animais é o facto de poder expressar as suas vivências (Porto, 2005).

Assim sendo, a tarefa da aprendizagem formativa, subscrevendo o pensamento do nosso autor, constitui-se numa orientação para o mundo como concretização ou realização das virtualidades do ser, pelo que, deve estar dirigida para a consecução de uma relação adequada com os objetos, tendo em vista a atenção aos valores significativos dos mesmos. Não havendo essa relação, corre-se o risco de se registar o insucesso tanto para o indivíduo como para a estrutura em que se sustenta, atendendo a

que o insucesso é o resultado de uma sequência de fracassos que envolve o indivíduo e os sistemas facilitadores das aprendizagens escolares e sociais em que se encontra vinculado.

Há uns anos, o insucesso escolar era reduzido, ou, nem sequer se ouvia falar do problema. Há um dado importante que é preciso ter em conta: quando um aluno chega à escola, trás, à partida, o aspeto vivencial da família, tem uma origem social, um nível socioeconómico e cultural marcante, o que significa que o aluno é marcado por diversas situações do existir humano. Muitas vezes, o desejo de igualdade de oportunidade é uma utopia. De facto, até então, todas as responsabilidades eram atribuídas ao aluno, alegadamente porque não aprendia, não adquiria conhecimentos, competências e as atitudes que lhe eram exigidas, pois era ele que não cumpria com as suas obrigações escolares e, por isso, deveria repetir ou então desistir (Sil, 2004).

O facto do insucesso escolar ser visto como um problema de carácter social, educacional e político, cuja necessidade de resolução implica o reconhecimento de que o aluno não é o único responsável pelo seu insucesso, conduz-nos a uma situação geradora de confusão dicotómica entre responsabilidade e culpa (idem). Esta confusão de visões reforça a imputação do insucesso ao sistema educativo, tirando alguma responsabilidade aos alunos. Vê-se claramente que a intenção de desculpabilizar o aluno só, aparentemente, o retira da situação marginal a que, habitualmente, é votado pela escola e pelo sistema, pois o insucesso e o fracasso social estão, desde muito cedo, associados à ideia de que a escola cria uma oportunidade para todos os alunos e permite responsabilizar e culpabilizar a criança relativamente ao insucesso escolar (Roazzi & Almeida, 1988, citados por Sil, 2004).

No entanto, como refere o autor, o aluno procura um certificado e não o obtém. Estamos perante insucesso escolar, ainda que tenha adquirido a instrução que procurava. Mas, se o aluno obtém o certificado comprovativo da qualificação, mesmo não tendo adquirido instrução, estamos na presença de um insucesso, podendo, então, colocar-se a seguinte questão: se a escola promove o sucesso escolar ao conferir um diploma sem conferir a instrução necessária.

Assim, impõem-se grandes desafios à instituição escolar, para que os seus alunos possam ser futuros cidadãos interventivos na sociedade, podendo estes serem encarados em duas vertentes: em primeiro lugar, a atualização e a especialização regular, que o conhecimento científico produzido chegue aos alunos também pela escola (Morgado,

1999); em segundo lugar, é requerida uma formação global e pessoal do individuo, isto é, torna-se necessário um esforço de integração e equilíbrio entre a dispersão, a especialização de conhecimentos e a globalização da atividade educativa de modo que se evite um ato simples de transmissão da ciência, mas, que seja fundamentalmente, uma construção de projeto viável para chegar ao futuro (idem).

A educação e a escola devem ser espaço para emoção e convivência. No espaço escolar deve predominar o diálogo, o afeto, a valorização dos sentimentos de outrem. É perentória a aceitação e repelo da rejeição mediante uma participação ativa e agradável na sala de aula, compreendendo e ensinando os alunos a ter uma atitude mais flexível e cooperativa em relação aos outros, valorizando as capacidades de cada um. Para tal, é necessário que os professores encontrem meios para transmitir aos seus alunos os fundamentos do ensino democrático, o reconhecimento do colega na sua diferença, soluções fundamentais para uma vida em sociedade[1].

Tornar o sucesso escolar e sucesso educativo num único sucesso será possível desde que o aluno seja considerado como o agente central do processo ensino-aprendizagem. Portanto, não se pode aceitar a escola apenas como um local em que os professores são meros transmissores e os alunos unicamente aprendizes. A escola deve ser um local de múltiplas interações construídas no dia-a-dia escolar para se conseguir assim uma compreensão global para um fenómeno como é o insucesso escolar (Sil, 2004).

Na opinião de Montagner (1996), o termo insucesso escolar parece ser inadequado. Para ele, o insucesso na escola parece ser a expressão mais apropriada, porque não presume nem da natureza nem de origem das dificuldades que colocam uma criança na situação de insucesso, nem da duração e não atribui simplesmente a responsabilidade à escola ou aos professores, visto que o considera um problema conjuntural.

Na verdade, quando falamos de insucesso escolar não devemos esquecer a correlação entre este e insucesso educativo, pois, para além de transmitir conhecimentos, a escola deve assumir o papel de educar.

Quanto ao vocábulo educação, Adaid e Filipe (s/d), citando o Dicionário Académico (2008), são de opinião que o aludido termo etimologicamente tem ascendência românica, derivado do substantivo latino "educatio". Por sua vez o

[1] in http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/

substantivo se refere ao verbo também latino "educere", que pode ser traduzido em vários sinónimos: conduzir para fora, fazer sair, intimar, produzir, exaltar, elevar, criar (Adaid e Filipe, p.226.). No mesmo diapasão, na contribuição de Romanelli (1960), citado no artigo "Pedagogia como campo de saber e fazer: breve histórico e conceito", pode-se dizer que, o termo "educação veio do verbo latim educare. Nele, temos o prevérbio e- e o verbo – ducare, dúcere. No itálico, donde proveio o latim, dúcere se prende à raiz indo-européia DUK-, grau zero da raiz DEUK-,cuja aceção primitiva era levar, conduzir, guiar. Educare, no latim, era um verbo que tinha o sentido de "criar (uma criança), nutrir, fazer crescer."

Assim, segundo o artigo já aludido, "etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa "trazer à luz a ideia" ou filosoficamente fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade. " in http://www. Seer.ufu.br//índex.htp7olharesetrilhas/articles Ou https://pt. Wiki/pedagogia.

Deriva, então, para o desabrochar das potencialidades humanas, ou seja, dos valores que potencialmente assentam sobre a predisposição dos indivíduos na aprendizagem de conhecimentos, atitudes e valores.

Assim, esses dois significados etimológicos, apesar da sua aparente diferença, unem-se e completam-se para nos enunciarem que a educação compõe-se de dois sentidos: um de dentro para fora com o sentido do desenvolvimento; outro de fora para dentro com os sentidos de ajuda, de alimento, de apoio e da orientação de outros (idem).

Se tivermos em conta essas raízes etimológicas e a nossa visão do homem, podemos definir a educação como desenvolvimento integral, harmonioso e progressivo da pessoa humana até à sua plena maturidade. Segundo Marinho (2005), citado por Silva (2017: 28) "A educação, pode ser definida como o conjunto de processos formativos do ser humano, nos quais o mesmo se torna sujeito e cidadão. Para tal, é necessário o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e ativos sobre o mundo, que ao se tornarem cidadãos autênticos possam vivenciar os direitos e deveres compartilhados de forma equitativa por uma população".

1. Na opinião de Platão, segundo Teixeira (1999), a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos. Portanto, o papel da educação não é dar a visão, mas orientar os olhos para a direção certa. Para o filósofo, educação seria a arte do desejo do Bem e possui uma finalidade

que se resume à prática do bem. Assim, o Bem está associado à sabedoria enquanto busca da verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilitará que o Bem seja praticado. E que, é possível ao homem alcançar as realidades supremas, penetrar naquilo que possui maior valor, ou seja, chegar à essência do Bem. Daí que, tal coisa por demais grandiosa é tarefa da educação. Desta forma,

> "a educação é essa possibilidade de o homem transcender a sua própria natureza, carregada de medos, fugas e receios, complexos malditos e amaldiçoados. Para Platão, o fim último da existência e, portanto, o objetivo da educação será a assemelhação com Deus *(homoiôsis tô Theô)* " *(*Teixeira, 1999, p.55).

Barros e Barros (1996, citado por Pessanha et al, 2012, p.234) definem a educação como a" ação intencional ou voluntária, de um adulto (ou educador) sobre uma criança (educando), usando métodos mais ou menos autoritários ou dialogantes, tradicionais ou modernos, em ordem a levar a criança ou a ajudá-la (conforme se acentue mais a hétero ou a autoeducação) a desenvolver todas as suas potencialidades (educação integral ou holística). O autor recorre a Estrela (2002) e a Durkheim (1966) para definir a educação como um ato com o fim de inserção numa sociedade ou mesmo um meio de a sociedade integrar o individuo nas suas estruturas.

Kruppa (1994) fala da educação como um processo de socialização. Aliás, há uma interligação entre educação e socialização. Chama educação por socialização, o processo que procura tornar o indivíduo membro da sociedade. Afirma que, tanto a educação como a socialização dependem da capacidade que os homens têm de influírem uns no comportamento dos outros, modificando-se mutuamente. Deste modo, a educação torna-se possível quando os homens reagem e são capazes de atuarem junto a outros homens, aprendendo e ensinando. Para Cabral, a educação como propulsora da cidadania constitui-se em vários processos que se articulam dialeticamente, uma vez que está além dos conhecimentos informais ou científicos, compreende também as construções afetivas, relacionais e criativas, (Cabral, S/d, p.6).

Nessa perspetiva, então, deve-se ver a educação como um fenómeno social complexo, que não ocorre apenas no ambiente escolar, mas que tem na escola a função de mediar a transmissão da cultura e o conhecimento acumulado historicamente, despertando potencialidades e criticidade a cerca da realidade e das possibilidades de sua modificação. (Marinho, Araújo e Almeida,2005:6). Assim sendo, defende que o processo educacional abarca, numa conceção totalizante, quatro dimensões: transmitir o

património cultural, despertar das potencialidades espirituais, refletir o que se vive e modificar a realidade. Na verdade, hoje, a escola restringe-se à primeira dimensão. O acesso ao saber justifica-se por razões de ordem instrumental.

Oliveira (2010, s/p) refere a Comenius, para quem " a arte de ensinar é sublime, pois destina-se a formar o homem, é uma ação do professor no aluno, tornando-o diferente do que era antes. Ensinar pressupõe conteúdo a ser transmitido, e eles são postos pela própria natureza: a arte e a moral". Comenius defendia a escola como o *"locus"* fundamental da educação do homem, sintetizando seus ideais educativos na máxima: "Ensinar tudo a todos".

Em resumo, "educar é uma preparação para a vida e tem como objetivo determinar quais são as funções mentais necessárias à execução de uma tarefa cognoscitiva, bem como identificar o conteúdo de uma tarefa que possibilite a determinação de funções, as quais conduzem aos procedimentos de análise e síntese" (Porto, 2005, p.51). A aprendizagem converte-se em um fundamento psicológico da educação, porque é essencial, uma atividade psicológica, pela qual a aquisição de conhecimentos dá-se pela formação de ações mentais. Segundo o autor, torna-se, assim, imperiosa e necessária, para tal procedimento, a determinação dos processos de assimilação do conhecimento com vistas ao alcance das particularidades de capacitação ou habilitação do sujeito para que a aprendizagem seja realmente formativa.

1.1. Educação é autoeducação

Aqui temos a realidade do desenvolvimento de alguém que é pessoa em construção. Significa que, desenvolver-se humanamente é "crescer em humanidade, valer-se mais e ser mais como homem". Estamos, assim, a dizer que é educando que se educa e desenvolve a si próprio, sendo principal mestre da constituição (veiga, 2012).

Já do senso comum, afirma-se que ninguém educa ninguém e cada um educa-se a si próprio com a ajuda dos outros. De facto, a educação é, por isso, autoeducação por assimilação interior de valores. O autor, citando S. Gregório de Nissa, diz que todo o homem é pai de si mesmo, quando pela liberdade forma-se a si mesmo, gera-se a si mesmo e se dá à luz.

1.2. Educação é desenvolvimento de dentro para fora

Partimos do princípio de que a educação é desenvolvimento. O desenvolvimento humano, como qualquer outra cultura viva, opera-se de dentro para fora com surgir de potencialidades latentes à espera de manifestação. Desenvolver-se é abrir-se, desvelar-se, desabrochar, tornar-se aquilo que de algum modo já se é, mas em germe, ultrapassando-se continuamente (Veiga, 2012, p.14).

Henriques (2013) afirma que Platão na sua teoria de reminiscência faz transparecer esta ideia e que para esse filósofo, toda ideia ou conceito é uma recordação da ideia eterna correspondente que nós teríamos numa vida anterior. Assim, "no Fedro a reminiscência é a rememoração da alma, quando estava na presença dos deuses, onde conhecia todas as coisas. Reminiscência é lembrar o esquecido, acordar o adormecido. É saudade de Deus e da verdade" (Teixeira,1999, p. 52). Ainda, a alma guarda a lembrança das ideias contempladas que passam para a perceção e voltam à consciência. A aprendizagem não é outra coisa senão uma reminiscência. Assim, aprender é recordar. É essa ideia que procuramos todos os dias. Portanto, o homem é um ser em constante devir. Não é só o que já é, mas também o que ainda não é; não é só um ser, mas principalmente um poder a ser. Esta característica não deixa o homem quieto, satisfeito, descansado, sentado. Como disse Fernando Pessoa: Ser descontente é ser homem.

No que toca ao ambiente educativo e educadores, de fora para dentro, nada depende tanto dos outros como o homem, antes e depois do nascimento. O homem, sendo social por natureza, só em sociedade pode desenvolver-se como homem. O ser social é para o homem uma essência para a sua realização como homem; assim como o nosso corpo depende da comida, assim também o homem precisa dos outros para a sua realização (Veiga, 2012).

1.3.Educação e insucesso escolar

A educação formal deve garantir o sucesso das aprendizagens formais dos alunos, sejam elas viradas para o conhecimento científico ou para aprendizagens socializadoras nos quadros da formação pretendida. Atingir o sucesso significa criar condições científicas, pedagógicas, relacionais e materiais para que o cidadão aprenda a viver na sociedade do seu tempo, mobilizando recursos, muitos deles legados pela escola. A

busca do sucesso torna incontornável o estudo do insucesso escolar, tendo em conta a sua importância negativa nos sistemas educativos e as consequências nefastas nas nossas sociedades, face as expetativas de necessidades de desenvolvimento.

Mendonça (s/d) para referir a etimologia da palavra insucesso, busca o apoio em vários autores e dicionários, encontrando divergências entre si. Mas, todos confluem na ideia de que a palavra insucesso vem do latim insucessu(m), o que significa "malogro; mau êxito; falta de sucesso que se desejava" ou ainda, "mau resultado, mau êxito, desastre, fracasso" (idem. p.1).

Concordantemente, no Dicionário Integral de Língua Portuguesa (2010) explica-se que se trata de falta de bom êxito, mau resultado, falta de eficácia, fracasso, logro. O vocábulo insucesso é, habitualmente, referenciado por analogia ao termo sucesso que, por sua vez, advêm do latim sucessu(m) que assume, entre outros, os significados de bom êxito, conclusão ou chegada a resultado, triunfo (ibidem).

O insucesso apresenta-se como um conceito teórico evidente e facilmente objetivado, na situação de quem não atingiu um objetivo educativo (Landsheere, 1992). Benavente (1976) diz que o insucesso escolar é a forma em que uma criança é considerada boa ou má em função dos resultados obtidos e de progressos efetuados no cumprimento dos programas de ensino.

Enquanto fenómeno, o insucesso escolar, na opinião de Alexandre (1999), não é redutível à sua visualização imediata devendo, assim, ser tomado como algo muito complexo e que resulta de disfuncionalidades e da forma como é encarado. Tal é assim que não existe uma definição universal de insucesso escolar, como também não existe um, mas sim, vários tipos de insucesso escolar.

Os termos sucesso e insucesso detêm significados que opõem os conceitos de bom e mau que lhes estão subjacentes (Mendonça, 2007). No campo educacional, o significado do insucesso pode ser sinónimo de mau resultado num exame, ou mesmo o afastamento definitivo da escola provocado por muitas repetências associadas a falta de resultados positivos (Rangel, 1994). Se, em termos restritos, efetuarmos uma correlação entre os termos bom e sucesso, mau e insucesso, verificamos que os mesmos evocam sempre os atributos pessoais positivos ou negativos. Silva (1997, citado por Mendonça, s/d) na sua investigação sobre o termo fracasso, refere-se a desastre, ruína, perda, mau êxito, malogro. Quanto ao sucesso, refere a bom êxito, um resultado positivo.

Na opinião desses autores, estas definições conduzem à depreensão de que é o aluno quem fracassa na sua trajetória escolar, obtendo sucesso ou fracasso, razão pela qual os termos sucesso e fracasso se referem, tradicionalmente, aos resultados positivos ou negativos obtidos pelos alunos e que se expressam pela aprovação ou reprovação no final do ano.

Na verdade, é muito difícil definir o termo insucesso e muito, ainda mais difícil é falar do fenómeno do insucesso escolar. Benavente (1990) reuniu, entre vários estudos, alguns termos para designar insucesso escolar. Entre estes, encontram-se nomeadamente termos como: reprovações, atrasos, repetências, abandono, desperdício, desadaptação, podendo ainda adicionar-se expressões usuais como: mau aproveitamento, mau rendimento, mau comportamento escolar.

Assim, conclui que "o vocabulário utilizado é, muitas vezes, de natureza moral (o insucesso como mal), em geral, dramático (vitimas do insucesso, problema angustiante, doloroso, assustador…).Aparecem também termos de natureza médica (sintoma de … prevenir, eliminar, detetar) " (Benavente, 1990, citado por Martins, 2007, p.13). A autora adverte-nos para a abrangência do problema do insucesso escolar que, abarcando termos de natureza moral, militar e médica, é apenas oficialmente avaliado pelos critérios pedagógicos objetivos - os resultados escolares.

Como afirma Alexandre (1999) não existe uma definição universal de insucesso escolar. Diremos que não existe um, mas vários insucessos escolares. Tudo depende da perspetiva em que nos colocamos, acerca de *insucesso em relação ao aluno.* Pode dizer-se que há insucesso ou fracasso escolar quando algum ou alguns dos objetivos da educação escolar não são alcançados, conforme o autor. Ora a educação escolar tem como finalidade instruir, estimular e socializar os educandos. E de acordo com Pires, Fernandes e Formosinho, cit. Por Estrela (2014), a educação escolar visa a aquisição de determinados conhecimentos e técnicas (instrução), o desenvolvimento equilibrado da personalidade do aluno(estimulo) e a interiorização de determinadas condutas e valores com vista à vida em sociedade(socialização), tudo no sentido do seu desenvolvimento integral. Se um desses objetivos, que constituem outras tantas dimensões da educação, não é atingido, pode dizer-se que há insucesso na educação escolar. Sendo assim, os dados referentes à percentagem de reprovações no ensino são, só por si, suficientes para caracterizar o insucesso escolar. Eles dizem-nos que houve insucesso em relação à instrução, mas não nos permitem diretamente concluir que este insucesso também se

verifica nas outras dimensões educativas que a completam na aquisição de conhecimentos e na formação geral do aluno. (Estrela,2014:26)

Todavia, não deixa de ser sintomático que muitas análises correntes tomem dados referentes à instrução escolar como elemento de referência do insucesso. Isso revela que na escola é valorizada a instrução em detrimento de uma conceção mais ampla de educação, onde a dimensão personalista (formação de uma personalidade equilibrada, estimulação das potencialidades individuais) e a dimensão socializadora (criação de hábitos de cooperação, espírito crítico, participação em decisões comuns) são claramente subalternizadas. Frequentemente acontece que essas dimensões não são tomadas em consideração num juízo global sobre sucesso ou insucesso escolar, quando realmente são essenciais para caracterizar a eficácia do projeto educativo. (Alexandre, 1999).

1.3.1.Em busca de um conceito do insucesso escolar

Apesar de tudo o que foi dito, continua pertinente a interrogação sobre o que é mesmo insucesso escolar e como se manifesta. A polissemia semântica do termo é congruente com o quadro de referências conceptuais, com as expetativas e com o grau de envolvimento de quem aborda o insucesso escolar. Na sociedade hodierna, torna-se difícil encontrar uma definição que reúna consensualidade.

Do ponto de vista metodológico, devemos então compreender, situar e descrever o conceito do insucesso escolar estudando-o como um puzzle científico onde se agregam um conjunto de modelos e disciplinas que o explicam (Thomas Khn,1962 e 1975). Cada análise disciplinar representa ou contribui para um ângulo de visão do conceito do termo insucesso escolar.

Esta análise sobre o conceito ocorre quando algo tem mau resultado no sistema, quer dizer, quando fracassa alguma intenção ou uma ação educativa que não foi orientada para o sucesso. A noção de insucesso escolar é complexa, já que, dependendo dos intervenientes educativos ou da visão dos diversos investigadores, o seu significado pode ser polissémico e multireferenciado. Em sentido lato, o insucesso escolar caracteriza-se pelo baixo rendimento escolar dos alunos que, por razões de vária ordem, não puderam alcançar resultados satisfatórios, não atingiram os objetivos desejados no decorrer ou no final de um determinado período escolar, por conseguinte, ficam reprovados ou seja retidos. Não passam de classe.

Segundo Muñiz, cit. por Fernandes e Silva, o insucesso escolar é "a grande dificuldade que pode experimentar uma criança, com um nível de inteligência normal ou superior, para acompanhar a formação escolar correspondente à sua idade." Fernandes e Silva (s/d :2794). Desde o princípio, percebe-se que a criança não sofre de nenhuma lesão cerebral, assiste, normalmente, às aulas que se ministram na escola e a sua família não tem um nível excessivamente baixo.

O que se entende por grande dificuldade em acompanhar a progressão escolar normal? O autor responde a isso, definindo os indícios que mais bem especificam a existência desta dificuldade, em que não podemos deixar de referenciar todos os problemas derivados do domínio da linguagem tanto oral como escrita. Obviamente que toda a criança que manifeste falhas na compreensão da leitura e na expressão escrita tal situação resultar em classificações baixas e aproveitamento insuficiente para superar, com êxito, os anos de escolaridade (Muñiz, 2013).

Giúdice (2013) subscreve a noção de que o fracasso escolar é um problema de difícil definição e compreensão, por se tratar de um fenómeno que não é natural, mas criado por situações conjunturais anómalas do próprio sistema educativo isto é, resultado das condições de interação entre a proposta de ensino, a assimilação do aprendizado por parte dos alunos, os modelos de ensino e de avaliação, além do contexto escolar e familiar. Assim, entende-o "como um desajuste produzido em algum ponto do sistema educativo, seja na formação do docente, na exigência dos conteúdos, na fragmentação curricular ou, ainda, nas possibilidades oferecidas aos alunos para o aprendizado".

Para alguns autores, é pelo facto de os alunos não dominarem os mecanismos das aprendizagens escolares consideradas fundamentais, mas, geralmente, em apropriarem-se dos conhecimentos transmitidos pelo professor. Para outros, o insucesso refere-se às dificuldades da escola e/ou dos professores em conduzirem os alunos na aquisição de processos cognitivos ou intelectuais indispensáveis à aquisição de processos do saber (Montagner,1996). Este autor designa de insucesso escolar o que é, habitualmente, considerado como evidente e irredutível a partir do momento em que um aluno se mostra refratário às aprendizagens ditas fundamentais, depois de dois anos consecutivos passados na mesma classe, depois de um ano de reprovação.

Isambert-Jamati (1974, citada por Rangel, 1994, p.20) sublinha que a noção de insucesso escolar é sempre uma questão relativa. Isso porque, segundo esta autora, o

insucesso só tem sentido no seio de uma dada instituição. O insucesso é sempre relativo aos objetivos da escola, traduzidos num programa, uma progressão, níveis e não uma inaptidão ditada à criança de forma perene. Assim, pode dizer-se que, afinal, o insucesso sempre esteve presente desde o nascimento da escola. Não é, portanto, um fenómeno só de hoje.

Pires, Fernando e Formosinho (1991, citados por Aguiar (2010), referem que o insucesso escolar é a designação utilizada vulgarmente por professores, educadores, responsáveis de administração e políticos para caracterizar as elevadas percentagens das reprovações escolares no final dos anos letivos.

Já Fernandes (citada na enciclopédia Luso Brasileira, 1980, p. 162), designa o insucesso escolar como, "a não obtenção ou não realização de objetivos predeterminados pela organização escolar ou pela instrução em si". Acrescenta que " o termo insucesso escolar é um conceito que exige, *à priori,* um outro comparativo: mau resultado em relação aos objetivos escolares, falta de êxito na aprendizagem, ausência de eficácia na interiorização, apreensão e assimilação dos conhecimentos. (ibidem).

Ainda Fernandes (2004, citado por Aguiar, 2010) defende que a definição oficial do insucesso escolar advém do regime anual de passagem/reprovação dos alunos, inerente à estrutura de avaliação caraterística do sistema de ensino. Assim, o insucesso caracteriza-se pela incapacidade duma criança corresponder em termos escolares.

Os dados referentes à percentagem de reprovações são por si só insuficientes para caracterizar o insucesso escolar. Eles dizem que houve insucesso em relação à transição, mas não permitem diretamente concluir que este insucesso também se verifica nas outras dimensões educativas, como por exemplo, na questão de competências adquiridas no âmbito educativo (Aguiar, 2010).

Segundo Garcia Pérez (2001, s/p), " el fracasso escolar és una condicion socio-personal que puede quedar definida de maneira operativa como la capacidade de un individuo para alcanzar los objetivos educativos propuestos para un sistema o Centro Escolar, para un determinado nível curricular"[2].

Colocando no centro a instância escola, Iturra (1990, p. 104) frisa que "o insucesso escolar é um fenómeno de falhanço na escola" e define-o como "a dificuldade que a escola tem de treinar mentes que já têm um conhecimento cultural do real"

[2] In http: //www.tda-h.com. Acesso em 25 de junho de 2013

(idem). Em consonância, contrapõe que o caminho para o sucesso consiste em "domesticar uma mente na verdade histórica, cultural e conjuntural (…) " (ibidem).

De acordo com Martins (2007, citando Humbert, 1992), a escola não pode ser considerada uma simples instância de avaliação, pois ela antes de avaliar pretende ensinar, julgando, assim, os efeitos do seu próprio trabalho de avaliação. Os discentes são avaliados sobre os assuntos que tiveram a oportunidade de assimilar previamente. Assim, para explicar o sucesso ou o insucesso é inevitavelmente explicar o insucesso do ensino.

Porto (2005) relaciona o termo com as dificuldades de aprendizagem e diz que elas se referem à situação que ocorre em crianças que não conseguem acompanhar um grau de adiantamento escolar compatível com a sua capacidade cognitiva. De facto, muitas crianças em fase escolar apresentam dificuldades em realizar certas tarefas, as quais podem surgir por diversos motivos como, por exemplo, a proposta pedagógica, a capacitação do professor, os problemas familiares, os *deficits* cognitivos entre outros. Refere, ainda, que as dificuldades de aprendizagem podem ser também chamadas de entraves de percurso, algo que inclui as dificuldades que a criança pode apresentar em alguma matéria ou algum momento da vida, além dos problemas psicológicos, como a falta de motivação e a baixa autoestima que, em muitos casos, podem ser superados com um suporte interescolar e extraescolar (Porto, 2005).

Do exposto, podemos concluir que o conceito de insucesso escolar é relativo, visto variar em função do sistema educativo implementado e na interpretação dada pelos atores educativos e estudiosos. Com efeito, conforme a tradição educativa, as exigências curriculares, as modalidades de avaliação e de orientação, assim irá variar o modo como é determinado o sucesso/insucesso escolar.

Podemos questionar ainda se haverá discrepância entre o desenvolvimento integral de uma criança e as exigências do sistema educativo propostas. Neste âmbito, "uma grande percentagem de insucesso escolar se relaciona com a inadaptação de personalidade da criança às exigências escolares" (Le Gall, 1978, p.15). O mesmo autor salienta que nas escolas do ensino básico, colégios particulares ou outras instituições de ensino, confrontamo-nos com uma enorme diversidade de personalidade infantis e quando as escolas e suas exigências não se adaptam a essas personalidades e condicionamentos psicológicos que algumas crianças têm, tal pode levar ao insucesso escolar. Ainda, a adaptação de criança à escola deveria ser feita juntamente com o

professor, a escola, o aluno e a família indo, cada uma, ao encontro dos outros para que, deste modo, sejam ultrapassadas todas as dificuldades e possíveis falhas na sua orientação, acompanhamento e resultados de aprendizagem.

Nessa perspetiva, o insucesso escolar pode ser ainda atribuído à componente de instrução escolar no que concerne à incapacidade que, muitas vezes, o sistema educativo apresenta em dar resposta a um vasto número de problemas com que cada aluno se debate, podendo conduzir do insucesso ao abandono escolar precoce. Para determinar esta posição, Iturra afirma que "o insucesso escolar consiste na dificuldade de que as crianças têm em aprender, em completar a escolaridade no tempo previsto, em obter notas altas ou pelo menos satisfatórias pelo seu trabalho escolar para poderem continuar com os seus estudos" (Santos, 2013:25).

Ciasca, referindo-se ao seu serviço de atendimento, à queixa escolar usa a terminologia *Distúrbio de Aprendizagem* para se referir àquelas crianças que apresentam uma disfunção do sistema nervoso central o que ocasiona uma alteração no processo de aquisição ou desenvolvimento. Opta pelo termo dificuldade escolar, quando a dificuldade da criança está diretamente ligada a um problema a de ordem e origem pedagógica (Ciasca 2003, citado por Caetano, 2010, p.47). O insucesso escolar pode também ser visto como "falência de um projeto, assim como a posição difícil que somos colocados pelos adversários. No campo educacional, significa o insucesso num exame, bem como o afastamento definitivo da escola provocado por repetências sucessivas" (Rangel, 1994, p.20).

As manifestações de insucesso escolar são múltiplas, mas quatro delas são particularmente referidas, pela possibilidade que oferecem de se poder medir a própria eficácia ou ineficácia do sistema educativo, conforme a ordem apresentada por Morgado (1999):

- abandono da escola antes do fim do ensino obrigatório;
- reprovações sucessivas que dão lugar a grandes desníveis entre a idade cronológica do aluno e o nível escolar;
- níveis de fracasso que podem ser totais (em todas as disciplinas ou quase) ou parciais (numa ou duas disciplinas).
- passagem dos alunos para tipos de ensino menos exigentes que conduzem a aprendizagens profissionais imediatas, mas afasta-os do ingresso no ensino superior.

Apesar dos esforços, é impossível reunir todas as sensibilidades em torno de um único conceito, preciso e objetivo, para o insucesso escolar. Assim, juntamo-nos à conclusão de Pires (1987) para quem não existe uma definição capaz de integrar todas as dinâmicas de insucesso considerando que não existe um, mas sim, vários formatos de manifestação dos insucessos escolares, pelo que o seu entendimento depende da perspetiva e do contexto em que nos situamos e das variáveis consideradas.

De facto, o problema não se esgota neste trabalho, nem seria essa nossa pretensão, pois o conceito insucesso escolar continuará a ser alvo de discussão por muitos atores educativos, continuará a inquietar uma grande parte da sociedade hodierna, como tema de interesse para investigadores, sociólogos, psicólogos e pedagogos, motivados, particularmente, pela repetência e pelo abandono que ainda se verificam nas nossas escolas. Contudo, parece haver alguma consensualidade em admitir uma aproximação entre insucesso e abandono escolar, pois a primeira antecipa e é responsável por uma quota substancial da segunda

1.3.2. Tentativas de explicar o insucesso escolar

A procura de explicações para a problemática do insucesso escolar tem sido uma preocupação constante, ao longo das últimas décadas. As causas do insucesso escolar, na verdade são difíceis de explicar. De facto estar em situação de insucesso implica uma série de causas cuja localização pode centrar-se no aluno, como também no seu ambiente restrito, na sociedade na qual ele está inserido, na própria escola, assim como no próprio sistema de ensino (Sil, 2004). Na nossa opinião, a comunidade educativa e o próprio professor também desempenham papel fundamental para o sucesso ou insucesso deste grande processo escolar.

Da análise às diversas definições de insucesso escolar, os autores abordados apontam para uma série de condições que, ao subsistirem, confluem para o insucesso escolar. Para muitos, reconhece-se que, o insucesso está intimamente ligado ao aluno quando referem que o insucesso escolar depende do nível da inteligência do aluno para acompanhar a formação escolar correspondente à sua idade ou depende do interesse manifestado pelos alunos em aprender e das aspirações dos alunos. Para outros, depende da escola e da família.

De acordo com os estudos realizados por vários autores, entre eles Iturra (1990), Lurcat (1978), Pires, Fernandes e Formosinho (1991), as causas do insucesso escolar

são múltiplas e por vezes contraditórias, mas quase todas se relacionam com fatores ligados ao próprio aluno, ao nível socioecónomico e cultural da sua família, à escola enquanto instituição e os elementos que nela trabalham, designadamente o professor (Martins, 2007). Por sua vez, Davies (1994, citado por Aguiar, 2010, p.26), afirma que "a escola é a principal responsável pelo sucesso escolar das crianças, mas não pode responsabilizar-se sozinha por esta grande tarefa, sobretudo nos dias que correm".

Existe, no entender de muitos, uma dimensão macro e micro das linhas condicionantes para o sucesso/insucesso escolar. O sucesso escolar parece ser determinado por amplo conjunto de variáveis, entre as quais se incluem as características dos alunos, o ambiente interfuncional, os fatores e as relações demarcadas entre estes âmbitos. Para Weiner (1993), as experiências de sucesso em atividades académicas são, geralmente, atribuídas a fatores como inteligência, es forço, dificuldade de tarefa, sorte, temperamento, cansaço, influência de outras pessoas.

Na mesma linha, o autor reconhece existir uma linha infinita de causas concebíveis para o sucesso/insucesso escolar (Aguiar, 2010). Arroteia (2008, p.26), diz que as "diversas causas podem estar associadas ao sucesso dos alunos, tais como condições económicas e culturais da família de origem dos alunos, as condições socioculturais, associadas à forma como está organizada a escola, sobretudo os currículos académicos. Também se defende que

> "cada aluno é o resultado de uma família, de um ambiente social, de alguns amigos, de uma personalidade e também do símbolo, da expressão da tarefa comum de muitos professores, de uma equipe educativa, o que estrutura e dá a identidade educativa a uma escola, a um centro educacional" (Bazarra, Casanova & Ugarte, 2012, pp.102-103).

Caetano (2010), ao buscar significados para a dificuldade de aprendizagem encontra várias definições, mas todas elas diferem dependendo muito do referencial teórico-metodológico de cada profissional, da maneira como ele lança seu olhar sobre o problema. Ainda na opinião do autor, as suas causas podem ser várias como, a baixa de qualidade dos pais, as condições inadequadas de saúde, a formação deficitária de muitos educadores, a falta de assistência, da reabilitação e na prevenção, entre outras.

Mais, os estudiosos pensam noutras possíveis causas para as dificuldades de aprendizagem e provável fracasso escolar. Aqui se pode destacar outras aceções. Corrêa (2001, citado por Caetano, 2010) destaca a visão médica e neurológica, como causa orgânica do não aprender. Outros problemas são apontados, como a visão psicológica,

pautada na deficiência cognitiva, medida pelos testes psicométricos; a visão psicanalítica que direciona o problema para o ambiente, fundamento determinante na constituição da personalidade. A falta dimensão afetiva e a visão sociológica são apontados como fatores determinantes do fracasso escolar.

Sisto e Martinelli (2006, citados por Caetano, 2010) buscam enumerar causas como: a própria criança no contexto da sala de aula, nas peculiaridades do ambiente social no qual o aluno vive, na política educacional atual, na formação dos professores, nas técnicas e nos recursos usados para ensinar, e noutras causas. Entretanto, chamam a atenção para o seguinte: que nenhuma delas é capaz, por si só, de ser responsabilizada pelo fracasso e pelas dificuldades de aprendizagem.

Crahay (1999) fala de insucesso e suas possíveis causas, como conjunto de vários fatores onde destaca a dislexia, a incapacidade de cálculo, o atraso de maturação, a surdez ou outra deficiência sensorial e também alguns eventuais bloqueamentos afetivos. Enquanto Benavente (1976) chama a atenção para as realidades fundamentais e importantes no estudo do insucesso escolar: o aluno, o meio social e a instituição escolar . Só partir daqui deveremos procurar e evidenciar os fatores de insucesso escolar e as suas causas explicativas.

Há, na verdade, na lista das causas do insucessos, grandes controvérsias , mas isto é compreensível porquanto a sua concretização pressupõe e obriga que sejam conhecidos ou identificados os seus responsáveis. Neste ponto deve-se pautar pela análise das funções e papéis dos intervenientes e suas instituições na sua relação direta ou indireta com o insucesso escolar. O grande impasse consiste justamente, no tratamento adequado das causas que determinam o sucesso/insucesso escolares, já que a realidade mostra-nos que é extremamente difícil isolá-las já que normalmente uma implica a outra. Ninguém se acha completamente culpado pelo surgimento do fenómeno. Pensamos, nós, que a causa do insucesso escolar está subjacente nas comunidades educativa e escolar.

No entanto, apresentam-se de seguida algumas causas associadas ao aluno, ao professor, e à instituição escolar, em função dos seus atores envolvidos na ação escolar. Vejamos então:

1.3.2.1. O aluno

A responsabilidade do insucesso escolar desde há muito ficou imputada ao aluno. Nesta abordagem do insucesso, terá prevalecido a teoria dos dons ou dos dotes individuais, tida como teoria explicativa das causas deste insucesso. Benavente (1990) cit. Por Fernandes e Silva (s/d):2797), refere que a teoria em causa explicava o rendimento escolar por "dons" pessoais e naturais do próprio aluno, ou seja, era a inteligência de cada um que ditava o seu sucesso na escola. Para esta teoria, um conjunto de "aptidões" inatas e naturais destes influenciam o ritmo da sua aprendizagem. Portanto, um baixo nível intelectual expresso no Q.I. influencia, negativamente, o seu desenvolvimento escolar.

Binet, Sim, Terman, Kohler, Spearman, Stern (citados por Sil, 2004), debruçam-se sobre a definição da inteligência, bem como sobre o estudo da relação entre o QI e o sucesso escolar dos alunos. Assim, muitas vezes a responsabilidade do insucesso escolar imputada ao próprio aluno buscava no QI a causa do seu sucesso/insucesso, o qual é explicado em função das maiores ou menores capacidades dos alunos, a contar pela sua inteligência ou então pelos seus dotes naturais. No mesmo diapasão, Alves-Pinto (1985) vê a escola como o espaço revelador dessas capacidades individuais e onde todo o insucesso é considerado como o insucesso do aluno. Há, também, aqui uma inexistência de determinadas aptidões inatas ao próprio aluno, o que influenciará negativamente o seu rendimento escolar (Fernandes, 1991, citado por Sil, 2004).

Na opinião de Morgado, segundo Fontes(s/d), as escalas psicométricas de inteligência têm sido apontadas como um bom indicador para identificar estas causas individuais de insucesso escolar. O problema é que a grande maioria dos alunos que falham nos resultados escolares, têm um desenvolvimento normal. Há que não abusar desta explicação.

Para além do QI, há quem pretenda explicar o insucesso pela falta de vocação. Uma das causas apontadas como das mais frequentes para o desinteresse, desmotivação e indisciplina dos alunos está nas opções de um dado curso. A instabilidade característica da adolescência, consta entre as muitas causas individuais do insucesso, na crença de que esta conduz, muitas vezes, o aluno a rejeitar a escola, a desinvestir nos estudos e frequentemente à indisciplina motivada pela rebeldia própria desta faixa etária.

Outrossim, os estilos de vida dos jovens muitas vezes colocam-se na contramão em relação as exigências escolares, com as mais diversas solicitações (saídas noturnas frequentes, desportos, ou responsabilidades familiares, entre outras), provocando hábitos pouco regrados de vida ou compromissos familiares que afastam o jovem do foco escolar. Estas situações podem concorrer para que o jovem encare as atividades escolares como pouco estimulantes, trabalhosas ou ainda rotineiras.

1.3.2.2. A família

Pais autoritários, conflitos familiares, divórcios litigiosos, fazem parte de um extenso rol de causas que podem levar a que o aluno se sinta rejeitado e comece a desinteressar-se pelo seu percurso escolar, adotando um comportamento indisciplinado. O ciúme e a vingança dos pais contribuem para maus resultados escolares dos alunos, por razões emocionais. Muitas vezes, com medo que os filhos lhes deixem de manifestar afeto, trocando-os pela escola ou os professores, adotam atitudes que contribuem para os afastar dos estudos.

Segundo Martins, nas palavras de Coelho (2014), a origem social dos alunos tem sido a causa mais usada para justificar os piores resultados, sobretudo quando são obtidos por alunos originários de famílias de baixos recursos económicos, onde aliás se encontra a maior percentagem de insucessos escolares. Os sociólogos construíram, a partir desta relação, uma verdadeira panóplia determinantes sociais que permitem explicar quase tudo, vejamos:

- Nas famílias desfavorecidas, por exemplo, os pais tendem a ser mais autoritários, desenvolvendo nos filhos normas rígidas de obediência sem discussão. Ora quando estes chegam à adolescência, revelam-se pior preparados para enfrentarem as crises de identidade na afirmação da sua independência. A sua instabilidade emocional torna-se mais profunda, traduzindo a ausência de modelos e valores estáveis, levando-os a desinvestir na escola. (Martins, cit. por Coelho2014).
- Os alunos oriundos destas famílias, insiste Coelho, com baixo nível de escolaridade raramente são motivados pelos pais para prosseguirem os seus estudos; pelo contrário, ao mais pequeno insucesso, estes colocam logo a questão da saída da escola, o que explica as mais elevadas taxas de abandono por parte destes alunos. De facto,

> "se é verdade que qualquer criança, independentemente da sua origem social, representa a escola de determinada maneira, não duvida de que são as crianças das classes mais desfavorecidas aquelas que constroem a imagem mais desfasada da escola e, subsequentemente, com mais graves consequências no trajeto escola. Uma das razões explicativas prende-se com as próprias representações sociais construídas pelos pais. É que, na maior parte dos casos estes foram objeto de uma escola mais punitiva e rejeitante, onde o insucesso foi marca, quando comparada com os pais pertencentes às classes mais favorecidas do ponto de vista socioeconómico e cultural" (Ferreira & Santos, citados por Manacorda, 2010, p. 92).

- Esta posição defende que, o aluno é fruto do seu meio. Segundo Sil e Lopes (s/d :2987), o insucesso está ligado a origem social e a sua maior ou menor bagagem cultural à entrada para a escola. A mesma tese procura explicar o insucesso escolar fundamentalmente em termos de défices categorizados segundo o conceito de handicap ou privação sociocultural. Pressupõe-se, neste caso, que uma criança proveniente de um meio desfavorecido não dispõe das bases culturais necessárias para o sucesso escolar. Ainda segundo esta tese, o próprio ambiente familiar revela-se incapaz de proporcionar, à criança, o conjunto de bases culturais e linguísticas necessárias à progressão escolar e provoca, assim, um atraso. A teoria do handicap sociocultural continua, assim, a atribuir ao aluno e a sua família, a responsabilidade principal pelo insucesso escolar (Sil, 2004).

> "o nível de escolaridade dos pais, a ocupação profissional dos pais, a quantidade de livros existentes em casa, o interesse pela escolarização dos filhos, (…) são indicadores do estatuto socioecónomico da família que se correlacionam com o sucesso académico dos alunos". Venâncio (2002, citando Dowing &Leong, 1982, p.14).

- Ainda de acordo com Martins, nas palavras de Coelho (2014), a linguagem que estes alunos são obrigados a utilizar nos níveis mais elevados de ensino, sendo cada vez mais afastada da que utilizavam no seu meio familiar, aumenta-lhes progressivamente as suas dificuldades de compreensão e integração, levando-os a desinteressarem-se pela escola. Para prosseguirem nos estudos são obrigados a renunciarem à linguagem utilizada no seio familiar. Na verdade, muitas crianças, sobretudo nas zonas rurais no convívio utilizam a língua materna local, enquanto na escola são obrigados a utilizar a língua oficial, neste caso, o português (Venâncio, 2002).

- No pensamento de Durkheim, segundo Cabral (2004),os valores culturais tradicionais de muitas famílias são, contrários aos objetivos que a escola propõe (mérito individual, espírito de competição, entre outros). Por exemplo, para uma família com objetivos agro- pecuário, os objetivos escolares ficam aquém das suas prioridades. Perante este confronto de valores, os alunos oriundos destas famílias estão, por isso, pior preparados para os partilharem. O resultado é não se identificarem com a escola. Nesta linha de ideias, Holligshead, (s/d), afirma que os mais desfavorecidos norteiam-se por objetivos a curto prazo (o presente), o que estaria em contradição com os objetivos visados pela educação (a longo prazo). Esta diferença de objetivos (e valores) conduz a um menor investimento escolar.

A ausência dos pais vida estudantil dos filhos é, também, hoje uma das causas apontadas entre aquelas que contribuem grandemente para o insucesso educativo. Na verdade, a vida profissional de muitos pais, leva-os a uma ausência na vida dos filhos. Estão quase sempre ausentes por causa das ocupações da vida e quando aparecem é mais para cobrarem resultados, exigindo eficiência e poucos incómodos.

1.3.2.3. O professor

Relativamente ao desempenho das atividades profissionais, estas podem envolver condições pessoais, sociais e profissionais dos professores, o que pode acontecer nas seguintes situações: trabalhar longe das áreas (geográficas e pedagógicas) de interesse do docente; condições materiais deficitárias (nível de proventos baixos, sem apoios pedagógicos e com sobrecarga de horários); condições desumanizadas (número elevado de turmas e de alunos, falta de material didático e de espaço); ausência de formação contínua que, quando surge vem tarde e é sentida como uma obrigatoriedade imposta pelo sistema. Não estando institucionalizada, apresenta-se como um fim em si, desligada dos objetivos de desempenho da escola; desempenham funções dirigentes em que não é facultada, regra geral, qualquer formação específica (Ngula, 2013).

Dos pontos elencados, pode, na verde, resultar situações menos boas, como por exemplo: a falta de preparação para a docência; não vinculação efetiva ao ensino e consequente desinteresse; elevadas taxas de absentismo. Segundo Alexandre (1999), a falta de qualquer dinâmica de investigação, salvo em situações pontuais resultantes do empenho individual não exigido nem considerado; gestão empírica dos

estabelecimentos de ensino e a não visualização dos seus objetivos, são outros elementos relevantes para o processo educativo. Estes factos, para além das disfuncionalidades inerentes, podem levar a uma subalternização dos aspetos pedagógicos aos administrativos (Alexandre,1999).

Esses aspetos são parte dos elementos que fazem com que o sistema de ensino se mostre em estado anémico e sem "autoridade moral" para fazer grandes exigências aos docentes, remetendo-se para a boa vontade e para a consciência, o que é, nitidamente, não satisfatório. Entendemos que a escola não será capaz, por si, de eliminar o insucesso escolar, já que as suas causas mais determinantes lhe são exteriores. Contudo, o seu redimensionamento, a sua ordenação funcional e o aclarar dos seus objetivos terão força para minorar as taxas reais de insucesso escolar (Alexandre, 1999).

Ademais, Fontes (s/d) elenca ainda outros elementos, tais como, os métodos de ensino menos adequados, recursos didáticos, a relação menos salutar às características da turma ou de cada aluno, fazem parte igualmente de um vasto leque de causas que podem conduzir a uma deficiente relação pedagógica e que influenciam negativamente os resultados, a que se junta a gestão da disciplina na sala de aula, outro fator que condiciona bastante o rendimento escolar dos alunos. Desta maneira, estamos longe de poder afirmar que uma aula, completamente disciplinada, seja a condição "sine qua non "para o sucesso educativo.

Ainda, como diz Souza (2011: s/p), "muitas vezes, no inicio do ano letivo, o professor entra na sala de aulas com certo preconceito a respeito dos alunos, criado por alguns professores da turma". Isso pode provocar um clima menos salutar na relação professor-alunos e pode também comprometer o desempenho escolar. As investigações de Rosenthal e Jakobson (s/d) demonstraram que os preconceitos destes são, muitas vezes, inconscientes, prejudicando, não poucas vezes, os alunos, sem que os professores se apercebam. Uma coisa parece certa: os alunos baixamente expetados são mais prejudicados que os favorecidos os altamente expetados. Ora, acontece que os alunos de estatuto sociocultural mais baixo são os mais negativamente considerados, tornando-as em principais vítimas das expetativas negativas ou baixas.

Além disso, existem professores que usam um padrão de avaliação exclusivista. Apenas alguns são bons, a maioria são médios e proporcionalmente ao número dos primeiros, existem uns quantos que são mesmo maus e têm de ser eliminados. A avaliação, conforme demonstram inúmeros estudos nunca é absoluta, pelo contrário

varia em função de uma multiplicidade de fatores. As modas pedagógicas, o contexto escolar, os métodos de avaliação, as disciplinas, os professores, os critérios utilizados, o modo como estes são interpretados, todos interferem na avaliação e esta pode contribuir para o insucesso escolar (Fontes, s/d).

Segundo Facci (2009), Vygotsky contrapõe-se à própria obra, onde havia afirmado que "não se pode educar o outro" quando, em textos posteriores, enfatiza a importância da transmissão da experiência sócio histórica. A criança para se humanizar, dizia Vygotsky, (citado por Ferreira e Penteado), precisaria apropriar-se nos resultados já produzidos e elaborados pela humanidade, ou seja, na cultura já produzida socialmente, por meio da educação, pois, é essa apropriação que garantirá a continuidade do processo histórico. Na verdade, para que haja continuidade histórica, é preciso que se a transmissão dos valores, tanto éticos, como científicos a novas gerações. A cultura humana precisa de dar sua continuidade na e pela educação. E neste legado de continuidade, transmissão e mediação dos conhecimentos, reside o grande e importante papel do professor.

Outra questão importante para o estudo do insucesso prende-se com as representações do professor, alicerçadas nos seus percursos e crenças. No entender de Roavazi e Almeida (1988), para os professores, o insucesso escolar é devido a falta de bases, de motivações, de capacidades dos alunos ou do disfuncionamento das estruturas educativas, familiares e sociais que têm como consequência a falta de resultados positivos pelos alunos.

Ainda nesta estrada de ideias, Vygotsky (citado por Ferreira e Penteado s/d), chegou a comparar o trabalho do professor com o de um jardineiro cujo cuidado que tem para com a planta permite que esta se desenvolva de forma natural, cabendo ao cuidador administrar o solo, regular a temperatura, mudar a posição das plantas vizinhas, etc. Da mesma forma, o trabalho do professor comparado ao do jardineiro se restringiria (Facci, 2004 citado por Ferreira e Penteado (s/d), na organização do meio social em prol do desenvolvimento natural e sua atividade ficaria, por assim dizer, limitada.

Para Facci (2009 cit. por Ferreira e Penteado (s/d), é por meio do acesso ao conhecimento científico transmitido pelo professor que o aluno pode tomar conhecimento da propriedade principal de cada novo conceito e ampliar a possibilidade

de compreender o mundo de forma crítica. Portanto, o professor é o despertador dos conhecimentos.

Nas palavras de Facci (2009), cit. Por Ferreira e Penteado (s/d), o professor como mediador dos conteúdos científicos e considerando que sua prática intervém, de modo particular, na formação dos processos psicológicos superiores, torna-se evidente a importância de se investigar os aspetos balizadores de suas crenças, valores e ações, em que o estudo das representações sociais apresentam um caminho promissor para atingir tal propósito.

Ribeiro (2007), apresenta a enorme complexidade de ser professor nos tempos hodiernos, pois além de ser o mediador do processo de ensino-aprendizagem, existem ainda outras valências necessárias para que a prática docente seja eficaz. Dentre elas pode-se destacar, segundo Nóvoa, cit. Por Ribeiro, a compreensão do conhecimento para o saber transmitir a alguém, ser capaz de o organizar, de o reelaborar e finalmente transpô-lo em situação didática em sala de aula. E a outra é a do professor reflexivo, ou seja aquele que reflete sobre a prática, que pensa, que elabora em cima dessa prática. Ribeiro, 2007: 38)

Moscovici, segundo Crusoé (s/d), traz-nos uma nova temática. Fala-nos da Representação social. Para Moscovici, "a representação social O conceito de representação social é uma realidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos." Crusoé" (s/d:109). Para Moscovici, as representações sociais teriam como objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e perceções através de sua face icônica e simbólica.

Bôas (2004: s/p.), apresenta três definições sobre representações sociais de Jodelet, Wagner e Boncher, respectivamete. " (…) é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada , tendo um objetivo pratico e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social."; (…) é um conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo, e simbólico- sobre um fenómeno social relevante, que torna a imagens ou metáforas, e que é consequentemente compartilhado; (…) é um produto e processo de uma atividade mental pela qual um individuo ou um grupo reconstitui o real ao qual ele é confrontado e lhe atribui uma significação específica."

Assim, Segundo Moscovici cit por Wachelke e Camargo (2007, s/p.), "O processo de representação social permite às pessoas interpretar e conceber aspectos da realidade

para agir em relação a eles, uma vez que a representação toma o lugar do objeto social a que se refere e transforma-se em realidade para os atores sociais. As representações sociais tanto são normativas, inserindo objetos em modelos sociais, quanto são prescritivas".

Desta forma, segundo os autores em referência, entendemos que a representação social permite ao sujeito interpretar a mundo, facilita a comunicação, orienta as ações e comportamentos, e nesse sentido, temos a ideia de que a prática escolar está isenta a um conhecimento vindo de interpretação, da comunicação entre os sujeitos. Outro elemento de relevo foi levantado por Maia, segundo Ribeiro (2007), que demostra o ato de representar um objeto como um ato propriamente humano, e como tal, aquele interessa à psicologia como elemento importante que permite a explicação do comportamento humano.

Assim, o problema, por exemplo, da indisciplina em sala de aula, por parte do aluno, tao reclamado pelos professores, como elemento dificultador do processo de ensino aprendizagem pode ser compreendido claramente a partir das representações que os professores e alunos têm dos conceito de indisciplina, pois, tal teoria pode ajudar a conhecer o senso comum dos professores e alunos sobre o conceito de indisciplina que esse conhecimento interfere na ação do sujeito. (cf. Hudson, 2007)

Segundo Ferreira e Penteado (2014), Alves-Mazzotti entende que, os estudos sobre perceções, atribuições e atitudes de professores e alunos, bem como ponto central de comportamentos diferenciados do professor em função de expetativas, relacionando-os ou não a efeitos no aluno, têm procurado uma melhor compreensão do problema. Os resultados são variados e para a autora é necessário procurar compreender como e porque essas perceções, atribuições, atitudes e expetativas são construídas e mantidas, recorrendo aos sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que as orientam e justificam.

Como afirma Jodelet, nas palavras de Moreira e Peter (2012), as representações são essencialmente fenômenos sociais que atingidos a partir de seu conteúdo cognitivo-imagens, conceitos, categorias, teorias - têm de ser entendidos, a partir do seu contexto de produção, ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem, e também das formas de comunicação onde circulam, juntamente com a interferência subjetiva por que passa sua construção. Buscando, assim, um posicionamento mais

integrador, que embora situando o homem no processo histórico, abre lugar para as forças criativas da subjetividade.

Spink defende, de acordo com Larocca (2000), que ao abrir espaço para a subjetividade, a investigação traz para o centro da discussão a questão do afeto na concretização do sucesso escolar dos alunos. Segundo a autora, as representações não são meras expressões cognitivas; são permeadas, também, pelo afeto. Daí o facto da presente investigação centralizar-se no estudo das crenças, expectativas e afetos, visando retomar o sujeito professor na reconstrução de suas conceções como educador.

De acordo com Ferreira (2014), Mazzotti defende que as representações sociais, enquanto sistemas autónomos de significações sociais são fruto de compromissos contraditórios, sob a dupla pressão de fatores ideológicos e de restrições ligadas ao funcionamento efetivo do sistema escolar, e que o peso destas últimas parece tão mais forte que os indivíduos são diretamente afetados ou implicados nas práticas cotidianas.

De acordo com Penin , cit. Por Leindecker e Bastos (s/d :5) , os agentes de educação têm a obrigação de conhecerem o aluno como objeto e sujeito da sua atividade. O trabalho dos agentes educativos não é mudar as características da vida do aluno ou das suas famílias, mas a escola pode e deve mesmo mudar as formas e condições do serviço prestado conforme as características dos alunos em questão. Isto pode ser um elemento chave para o acompanhamento certo dos alunos por parte das famílias, sobretudo para as famílias pobres.

Para Pilletti (2003: 147) certos comportamentos menos bons podem ser um grande obstáculo para aprendizagem por parte do aluno. A antipatia em relação ao professor faz que os alunos associem a matéria ao professor e reajam negativamente a ambos. Muitas vezes, é o que está na origem de distúrbios da aprendizagem que se prolongam por toda a vida escolar. A autora, ainda afirma que o professor e o futuro professor devem pensar sobre a sua grande responsabilidade, principalmente em relação aos alunos dos primeiros anos de escolaridade, em que a influência do professor é muito relevante sobre o aluno. O professor influencia o comportamento dos alunos.

De acordo com Roncaglio (2004), a maneira como o professor e aluno se relacionam, individualmente, com a gestão do curso através da figura do coordenador, influencia o comportamento dos mesmos em sala de aula, como também pode interferir na realização das suas atividades, e por conseguinte, em como se relacionam entre si. Moscovici, cit. Por Roncaglio (2004), afirma que “as relações interpessoais são

interações humanas que correm permanentemente entre pessoas através dos comportamentos manifestos, verbais e não verbais, pensamentos, sentimentos, reações mentais e/ou físico-corporais" Na mesma senda pode-se dizer que, segundo Abreu e Maseto, o professor e o aluno interagindo formam o cerne do processo educativo, o que significa que a aprendizagem só ocorre no clima das boas relações entre os dois atores: professor e aluno. Roncaglio (2004:s/p). Por outros termos, pode-se dizer que, é preciso superar a relação tradicional entre Professor e aluno que imperou de forma dominante por muitos anos na prática pedagógica, e que ainda impera, infelizmente em alguns contextos de ensino em todos níveis, inclusive no superior, remata o autor.

O professor é um observador mais bem colocado no tempo pessoal das diferentes crianças. É para ele um momento privilegiado para ajudar as crianças a ultrapassar as suas dificuldades, sem intrusivo nem diretivo e assegurando uma presença de "pessoa recurso". Deste modo, o professor pode também descobrir as outras particularidades e diferenças, como as crianças que privilegiam os comportamentos e condutas autocentradas, os que são inseguros e temerosos ou, ainda, os mais hiperativos ou, mesmo, os agressivos (Montagner, 1996).

Em suma, Vygotsky apresenta a função essencial do professor: "…orientar de forma ativa e servir de guia ao aluno de modo a oferecer apoio cognitivo. O docente deve ser capaz de ajudá-lo a entender um determinado assunto e, ao mesmo tempo, relacioná-lo ao conteúdo com experiencias pessoais e ao contexto no qual o conhecimento está sendo aplicado" (Moreira, 1994, p.70).

1.3.2.4. A escola

A escola é um bem de caráter social cuja missão lhe é atribuída pela sociedade e pela famílias, a fim de instruir e educar as novas gerações, de modo que estejam preparadas para enfrentar os desafios da sociedade em mutação. Neste sentido, e no entender de Luck (2012, citado por Ventura e Gonçalves, 2014 p.10), "cabe à escola possibilitar aos alunos conhecer de forma efetiva, perspicaz e critico-analítica, o mundo e a si mesmos nesse mundo, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências cognitivas e psicológicas, autoestima e autoconfiança".

Hoje, como frisam esses autores, torna-se imperioso mudar o nosso conceito de escola fomentado em relações tão marcadamente burocráticas, de gestão centralizada para a escola comunidade educativa, na qual a participação de todos os intervenientes

no processo educativo e na tomada de decisão dos alunos inerentes à vida da própria escola, são uma realidade tangível. É preciso, então, que ter escolas para educar e ensinar os alunos com novas ferramentas e pedagogias renovadas, para que a escola concorra para o sucesso dos processos de ensino e de aprendizagem.

A escola assume-se como património de toda comunidade envolvente.

> "se antes a escola estava distanciada da comunidade local, a tendência atual é dizer que a comunidade local tome parte da vida da escola, pois a escola é um recurso desta mesma comunidade territorial e, como tal, é lícito que esta se pronuncie quanto às necessidades educativas dos seus concidadãos e faça valer o respeito pelas tradições e pelos direitos e deveres dos mesmos" (Boaventura & Gonçalves, 2014, p.12).

Portanto, ninguém consegue educar-se sozinho. É necessário unir forças para alcançar os mesmos objetivos.

Segundo Estrela (2002, citado por Pessanha et al), na relação pedagógica estão implicadas entidades ou intervenientes diretos e indiretos do processo pedagógico (aluno-professor, professor-professor, professor-funcionários, aluno-funcionários, professores-pais), embora se admita um sentido mais restrito que abrange a relação professor-aluno e aluno-aluno, em situações pedagógicas (Pessanha, 2012), o que faz que haja necessidade de entendimento sobre as funções e papéis que estas assumem nos processos escolares, de forma a potencial a sua ação em benefício da formação integral dos alunos.

Apesar do que foi dito, na opinião de Branco (2012) torna-se muito difícil delimitar as responsabilidades do fenómeno do insucesso escolar, sendo ele o resultado de um amontoado de fatores, como vimos ao longo do texto, que atuam de modo coordenado. De facto, a conjugação de caraterísticas individuais, a cultura escolar, a cultura familiar, o professor e as especificidades, fatores sociais e culturais mais amplos, todos se juntam para que se perceba a necessidade de harmonização que favoreça processos e interesses de formação dos alunos por forma a promover o sucesso, pois facilmente se poderá patentear o insucesso. Contudo, as situações de insucesso não envolvem necessária e simultaneamente todos os pressupostos e fatores apresentados, variando em função dos contextos e conjunturas que favorecem a existência das dificuldades em obter resultados escolares satisfatórios.

CAPÍTULO 2 . METODOLOGIA

2. O desenho da investigação

Neste capítulo clarificamos as nossas pretensões quanto ao projeto de investigação e as opções metodológicas que estiveram na base do presente estudo. Tendo em conta o problema e os objetivos da nossa escolha conduziu-nos a abordagem qualitativa, descritiva e analítica. Igualmente descrevemos aqui o percurso da investigação, referindo-se da população alvo, as técnicas, os procedimentos e os instrumentos para a recolha de dados, as fases do estudo e os procedimentos da análise da informação relevante.

2.1. A formulação do problema, questões e objetivos da investigação

Fazer investigação científica é produzir modelos que ajudam a visualizar problemas e sugestionar soluções (Carvalho, 2000). Nesse sentido, a capacidade de investigação está ligada à capacidade para construir e operar modelos. Todos os modelos começam com um problema. Portanto, quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode desenvolver uma investigação científica, como afirma o autor. Por isso, o primeiro passo é chegar ao conhecimento do problema. Neste caso, a formulação do problema é o ponto de partida. Assim, é mister dizer que, o que constitui o ponto de partida do trabalho científico não é tanto a observação enquanto tal, mas a observação no seu sentido específico, ou seja, a observação operadora do problema (Popper, 1989, citado por Carvalho, 2000).

Na opinião de Carvalho (2000), a investigação inicia-se explicitando o tema, o objeto e o objetivo para os quais se pretende dirigir a investigação. O tema da investigação é o assunto que se deseja provar ou desenvolver. Corresponde a uma dificuldade, ainda que sem solução, é urgente determinar com precisão, para depois fazer o seu exame, avaliação crítica e solução. O objeto é a delimitação da problemática a tratar, de forma reflexiva, na qual exista suficiente massa crítica.

No nosso caso, o problema é o de competências de muitos alunos das nossas escolas, tanto públicas, como privadas. Muitos terminam ciclos de ensino e não têm competências equiparadas à classe que ostentam. A questão que se coloca é se esta

fragilidade tem a ver com as debilidades do professor. E se tem a ver com ele, quais são os caminhos para sua minimização? Com esta preocupação decidimos trabalhar o *Insucesso escolar: debilidades e perspetivas no processo de ensino e aprendizagem na ótica do professor,* mesmo acreditando que a definição do tema é um processo que se desenvolve continuamente à medida que se trabalha, e que de forma gradual se revela os caminhos a tomar. Assim, de modo geral, reduz-se a amplitude do tema à medida que se avança na área escolhida.

Admitimos que o tema de Insucesso escolar é bastante abrangente e a formulação do problema tem que ser mais específica, indicando apenas o que se pretende resolver. No nosso caso, o problema foi o tentar encontrar uma forma ou sugestões para minimizar o insucesso escolar com base na atividade docente.

Nesta etapa, precisámos clarificar o facto de o problema não ser a mesma coisa que a questão de investigação. De facto, a linguagem peca neste sentido, vendo os dois termos descrever o mesmo conceito. Na verdade, um problema é uma questão que tem em vista uma resposta, deve ser tratada. Por outros termos, um problema de investigação científica é uma questão que geralmente pergunta alguma coisa a respeito das relações entre fenómenos ou variáveis. Assim, a resposta à questão é proposta na investigação (Carvalho, 2000).

Mais, existem duas formas de formular questões: as começadas por "porquê?" e as começadas por "como?". Neste segundo caso, a questão não é saber o porquê deste problema, mas o como resolver este problema? No nosso caso concreto, a grande preocupação foi não a de saber porque acontece o insucesso, mas a de saber como minorar o insucesso escolar no nosso contexto. Neste caso, o autor aconselha o investigador a evitar questões começadas por "porquê", ou seja, a sua tarefa não é explicar "porque" existem as coisas, mas saber "como". Sinteticamente podemos dizer que, o problema tem a ver com o objeto do estudo.

Na opinião de Rudio (1986, citado por Carvalho, 2000) a formulação do problema consiste em dizer de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando assim o seu campo e apresentando as suas características. Neste caso, o objetivo da formulação do problema é torná-lo individualizado, específico e inconfundível.

Mas o que é que nós nos propusemos estudar? A resposta conduziu-nos à seguinte formulação, na forma de pergunta de partida:

- *Que relação se pode estabelecer entre a atividade pedagógica do professor e o (in) sucesso escolar?*

E com que objetivo nos propusemos investigar o problema assim delimitado? O objetivo ficou contornado com base na seguinte formulação:

- *Perceber se existe relação entre a atual formação pedagógica dos professores e o insucesso dos alunos, na procura de desenvolvimento de uma proposta capaz de contrariar o mesmo insucesso.*

Daqui em diante foi importante reduzir o objetivo geral e a pergunta de partida a objetos de menores dimensões, surgindo os objetivos específicos e as questões de investigação de um modo mais específico, dada a dimensão do problema. Os objetivos foram concretizados como se segue:

- Identificar as dificuldades que enfrentam os professores na realização das suas atividades pedagógicas;
- Compreender se existe relação entre os conteúdos de formação e o desempenho do professor;
- Contribuir com propostas para a melhoria de formação que possam ser feitas no sentido de melhorar a atividade dos professores.

Quanto às questões de investigação, definimos as seguintes em sintonia com os demais elementos da formulação do tema em projeto:

- Que dificuldades enfrentam os professores na realização das suas atividades pedagógicas?
- Existirá alguma relação entre os conteúdos de formação e o desempenho do professor?
- Que propostas de formação podem ser feitas no sentido de melhorar a atividade do professor?

2.2. O método em investigação

Para Rosa (2002, citada por Neves, 2011), diferentes problemas de investigação requerem diferentes meios de investigação e propostas em investigação educacional, frequentemente classificadas de abordagens qualitativas ou quantitativas, não têm que ser necessariamente exclusivas e um estudo pode utilizar ambas. Assim, a dualidade existente entre a investigação qualitativa e a quantitativa tem como referência fundamental a diferença verificada relativamente à recolha e análise de dados. Por isso, Moreira (1994) segue o mesmo diapasão de que a melhor investigação social se serve usualmente de ambas. Entretanto, em todas as distinções metodológicas em que têm surgido o contraste qualitativo/quantitativo tem-se revelado persistente e é, na verdade, o que reflete de forma mais precisa a divisão habitual da prática da investigação.

O termo método significa literalmente "seguindo o caminho", do grego *méta* "junto", "em companhia" e *hodós*, "caminho". Outros autores derivam-no essencialmente de "*Methodus*" um termo que remete para duas palavras: "meta" em latim que significa "caminho", "passos" ou "um certo limite" necessário para se chegar a um objetivo e "*thodus*" do grego que significa "percurso" ou "meios" para alcançar um objetivo. Refere-se, portanto, à especificação dos passos que devem ser dados, em certa ordem, para alcançar um determinado fim.

Para Carvalho (2009) a metodologia corresponde à fundamentação teórica do processo de investigação. Implica o desenho da investigação com a indicação do método de abordagem e as técnicas utilizadas, consubstanciando, cientificamente, o percurso da investigação. É nesta fase que se determina a forma de abordar o problema, ou seja, a estratégia a utilizar na sua resolução.

2.2.1. Opções metodológicas da investigação

O método por nós adotado enquadrou-se nos estudos qualitativo onde a conjugação de técnicas permitiu compreender o insucesso escolar, em Angola, e sua relação com a qualidade da formação de professores e a sua atividade no processo de ensino e aprendizagem. Neste processo, contámos com as perspetiva dos participantes e, por isso, também o desenho desta investigação assume um figurino descritivo e interpretativo.

O método qualitativo é interdisciplinar, técnico, económico, heurístico. Trata-se, de um método que apela a disciplinas e tecnologias várias com predominância para as de cariz técnico e económico. É também heurístico no sentido em que se dirige à resolução de problemas, aumentando, com a sua aplicação, a probabilidade de se chegar a uma solução satisfatória e, por vezes, não necessariamente ótimas (Carvalho, 2009).

Há, na verdade, uma grande diversidade metodológica nos estudos qualitativos. Ainda assim, é possível identificar características comuns a toda a investigação qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) apresentam uma série de caraterísticas que marcam uma investigação qualitativa, sendo uma delas o foco nos contextos naturais como fontes diretas de dados, não se concebendo situações experimentais para testar hipóteses previamente formuladas, mas sim, uma recolha direta de informação relativa a situações, processos e fenómenos que ocorrem no mundo real. Neste sentido, os modelos qualitativos sugerem que o investigador esteja no trabalho de campo, faça observação, emita juízos de valor e análises, sendo essencial que a sua capacidade interpretativa nunca perca contacto com o desenvolvimento do acontecimento.

Em síntese, podemos dizer que a flexibilidade assume-se como uma vantagem desta metodologia

> " uma vez que as categorias de análise não são rígidas nem a análise está restrita numa fase em que os dados já tenham sido recolhidos. Isto não significa que não haja rigor, mas sim, a análise sistemática de todos dados colhidos e o seu devido tratamento. A metodologia qualitativa vai mais além da descrição, estimulando a indução e o estudo das perceções pessoais. Portanto, este tipo de estudo vai mais para o cunho descritivo e interpretativo e sua preocupação é mais o processo do produto que o próprio produto" (Carvalho, 2009, p.).

O método qualitativo é uma aposta quando o investigador está mais interessado em compreender, descobrir e interpretar do que testar hipóteses (Carvalho, (2009).

No processo de investigação recorremos à hermenêutica objetiva, por ser capaz de proporcionar uma verdadeira explicação dos factos (Oeverman et al, 1979 citados por Uwe, 2005). Mckinlay (1995) considera que os métodos qualitativos conduzem a resultados relevantes. Nelas podem ser encontradas razões adequadas para a investigação qualitativa, quer ao nível da programação de investigação, quer ao nível de adequação ao tema estudado (Uwe, 2005). Isto quer dizer que a investigação qualitativa permite-nos recolher dados mais consentâneos para a programação de uma investigação, a fim de adequar o tema de estudo e os resultados a alcançar a nível da investigação.

2.2.1.1. O Estudo de Caso

Desenhámos e desenvolvemos um Estudo de Caso, método que compreende a lógica do projeto, as técnicas de coletas de dados e as abordagens específicas a análises dos dados, podendo ser usado na realização de uma investigação específica sobre uma situação, um contexto, ou grupo de sujeitos (Yin, 2010).

Para a recolha de dados decidimos implementar de forma complementar as técnicas como: o questionário, a entrevista, a recolha de documentos e a observação. Inquirimos alunos, professores e o diretor da escola.

2.2.1.2.Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

a) O Inquérito por questionários

O desenvolvimento do trabalho implicou a conceção de um instrumento capaz de produzir informações adequadas e necessárias para verificar os objetivos preconizados. Para este efeito, escolhemos o inquérito por questionário, uma vez que, como refere Quivy e Campenhoudt (2003, citados por Ferreira, 2010, p.72), " este instrumento é adequado para interrogar um grande número de pessoas e permite recolher informações sobre opiniões e perceções" dos sujeitos.

O questionário pode ser definido por uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objetivo de generalizar essa vontade de fotografar uma certa realidade (Ghiglione & Matalon, 1997).

No entender de Afonso (2005, citado por Neves, 2011, p.39) "a informação recolhida através da técnica do questionário consiste não no que as pessoas pensam, mas no que elas dizem que pensam, não no que elas preferem, mas no que elas dizem que preferem." Esta técnica tem vantagem, porque oferece uma maior simplicidade de análise, maior rapidez, na recolha e análise dos dados, mas tem desvantagens na medida em que exige um grande rigor na conceção e é previsível uma taxa de perguntas sem respostas.

Na opinião de Pardal e Correia (1995, citados por Ferreira, 2010, p.71), o questionário "é a técnica de recolha de dados mais utilizada no âmbito da investigação sociológica". Logo,

> "o inquérito por questionário constitui uma técnica de recolha de dados que consiste em colocar uma serie de questões a um conjunto de inquiridos, em geral representativos de uma população, e tem por objetivo o conhecimento de opiniões, interesses ou expectativas. A natureza do inquérito por questionário bem como a sua capacidade de objetivar informação conferem-lhe o estatuto máximo de excelência e autoridade científica no quadro de uma sociedade e de uma ciência dominadas pela lógica formal e burocrático-racional, mais apropriada à captação dos aspetos contabilizáveis dos fenómenos" (p.72).

De acordo com Carvalho (2009) a elaboração de questionários sobre a probabilidade de realização de hipóteses ou acontecimentos permite identificar assuntos e qualificar a sua importância. "Esta metodologia faculta antevisão dessas hipóteses ou acontecimentos que não é uma mera extrapolação de dados do passado. A sua utilização é reconhecida quando se dispõe de dados não mensuráveis a respeito de um problema que se investiga ou em investigações sobre temas recentes" (idem, p.93). A sua utilização recomenda-se quando se trata de assuntos que não são dados históricos a respeito do problema que se investiga.

O questionário aplicado (anexo 1) inclui uma nota introdutória com o objetivo de clarificar e sensibilizar os inquiridos para o propósito do trabalho, garantindo, assim, a confidencialidade das informações recolhidas. Antes deste processo, formalizámos o nosso pedido através de uma carta dirigida ao senhor Diretor da Escola, onde obtivemos o seu consentimento verbal.

b) A observação

A observação pode ser definida como um olhar sobre uma situação sem que esta seja modificada, um olhar cuja intencionalidade é de natureza muito geral, atuando no nível de escolha da situação e não ao nível do que deve ser observado na situação em que se tem por objetivo recolher dados sobre uma mesma realidade (Ghiglione & Matalon,1997).

c) Recolha de documentos

A recolha de dados inclui, não só, a descrição de interações, processos e fenómenos que ocorram no contexto do observado, como também a documentação e interpretação de pontos de vista e das interpretações dos próprios atores acerca daquilo que se passa, ou seja o significado que eles dão a cada dado ou elemento.

d) A entrevista

Outra técnica escolhida no processo de recolha de dados foi a entrevista. Segundo Rosa e Arnooldi (2008, citados por Neves, 2011) a entrevista é uma das técnicas de recolha de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do investigador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais complexa possível, com o mínimo de esforço de tempo.

Segundo esses autores, na implementação da entrevista existem caminhos que se definem na relação entre a pessoa que pergunta e a outra que é detentora da informação no que toca a atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento através do relato oral. Defendem, ainda, citando Parisotto e Souza (1989), que a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e coerente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Portanto, uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza complexa e de escolher o essencial. Pode ainda permitir o aprofundamento de pontos de vista levantados por outras técnicas e de coleta de alcance mais superficial, como o questionário.

Conforme as possibilidades em entrevista, ela pode ser estruturada, ou semiestruturada (Ghiglione & Matalon, 1997).

No que se refere aos alunos, usámos também o modelo de conversa informal de forma a completar a informação recolhida por questionário. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a professores e ao Diretor da escola. Num primeiro passo, neste campo, selecionamos 4 (quatro) professores. Escolhemos a entrevista semiestruturada para permitir que os entrevistados pudessem, expor, livremente, os seus pensamentos, tendências, e reflexões em relação às questões apresentadas e inerentes ao tema que quisemos analisar.

Começamos as entrevistas e apresentamos um guião aos nossos entrevistados de maneira a que fossem informados sobre os objetivos do nosso trabalho, os tópicos a desenvolver e também os materiais a utilizar na recolha desta informação. De salientar, que usamos um bloco de apontamentos, uma, esferográfica, porque os nossos entrevistados não se mostraram muito confortados com o uso de gravador para a recolha de dados. As entrevistas foram realizadas individualmente a cada professor, tentando seguir, para as diversas situações as orientações dos autores supracitados no que se refere à preparação e uso da técnica.

Depois da entrevista personalizada, procedemos à sua cuidadosa transcrição para um computador, de modo que pudéssemos ter mais segurança e, posteriormente, passássemos para a sua análise. As entrevistas permitiram-nos ter dados sobre a vida pessoal e profissional de cada um dos professores, dados considerados relevantes para o nosso estudo. Foi possível reunir as perceções sobre o insucesso escolar, suas causas e caminhos para a sua minimização.

Para a entrevista com o Diretor da escola, o guião de entrevista foi entregue ao entrevistado três dias antes da sua realização. Esta teve lugar na escola, concretamente no gabinete pessoal do Diretor. Mas antes da entrevista, cumprindo a regra geral informamos ao entrevistado sobre o tema e os objetivos da investigação, pedindo a sua colaboração e participação. Outrossim, asseguramos o anonimato e a confidencialidade. Fizemos uma caraterização do perfil através da identificação da formação académica e da experiencia profissional. Ficamos a saber que é graduado em pedagogia pela escola superior pedagógica do Bié. É docente há 11 anos e está nas funções de Diretor há quatro anos.

Para o levantamento de dados, elaborámos, validámos (por acordo entre juízes) e implementámos os guiões de entrevista dirigida a professores e ao Diretor (anexos 2 e 3).

2.3. A amostra

Sabemos que é muito raro podermos estudar exaustivamente uma população ou inquirir todos os seus membros. Seria de facto muito difícil, longo e dispendioso que, quase, tornaria a investigação impossível. Além de que seria inútil, pois inquirindo um número restrito de pessoas com condição de que estas tenham sido corretamente escolhidas, é possível obter as mesmas informações, com uma certa margem de erro, erro calculável, que poderemos tornar suficientemente pequeno (Ghiglione & Matalon, 1997).

Nesse caso, a solução seria apenas de escolher um grupo de indivíduos, uma amostra, de tal forma que as observações que dele fizermos possam ser generalizadas para o resto da população, ou ainda, à totalidade da população em causa ou em estudo.

Selecionamos a nossa amostra entre os alunos, professores e diretor de escola "caso". Trata-se da Escola de formação de professores- MPN, assim denominada e foi

criada pelo decreto executivo nº 144/014 de 26 de 08. Fundada em 2013, primeiramente em instalações provisórias. Atualmente funciona nas instalações construídas e equipadas para uma estrutura definitiva, com o financiamento da Endiama (uma empresa estatal).

Esta Escola foi concebida pelo Ministério da Educação, inaugurada em de 2015 pelo Governador provincial, com a presença do P.C.A da Endiama e a Administradora municipal, e com o olhar atento de muitas entidades da Província e do município em referência. Localiza-se no Município da Nharêa, a 176 km da cidade do Kuito, sede da Província do Bié; Bairro da Nova centralidade, a 4 km da sede municipal. É uma escola pública não comparticipada, expeto no ato das matrículas.

Para recolher dados na escola elaborámos um protocolo de investigação (anexo 3) onde conseguimos a aprovação da direção da mesma para prosseguir com o trabalho de campo entre os atores interiores mesma:

A escola em análise foi criada com o objetivo de formar professores do ensino primário. No âmbito da Reforma Educativa vigente em Angola, a lei de Bases do Sistema Educativo, a lei nº 13, perspetiva a formação de professores em regime de monodocência da 1ª a 6ª classe. A escola do MPN acolhe alunos dos diversos pontos do município, da Província e do país, sobretudo lá onde as ofertas do ensino médio e formação de professores são limitadas.

Como dissemos, a escola foi construída de raiz. Comporta 8 salas de aulas funcionando em dois turnos (manhã e tarde) de 2ª a 6ª feira. Tem uma estrutura física com boa conservação e comporta os seguintes compartimentos: 1 gabinete para o Diretor, 1 gabinete para o subdiretor Pedagógico, 1 Gabinete para o Subdiretor Administrativo, 1 Secretaria-geral, 1 sala de informática com 28 computadores para as aulas práticas; casas de banho para professores, funcionários e para alunos, em bom estado de conservação; um corredor de acomodação dos alunos e dois acessos: um de peões e outro de pessoas portadoras de deficiência. Lamentavelmente, tem um défice de laboratório, biblioteca, cantina escolar, refeitório, cozinha, ginásio, salas de professores, anfiteatro e internato. Neste último caso, os alunos percorrem a pé à volta de 4 a 6 km, ou mais, para chegarem a escola. Carece, por isso, de um meio de transporte escolar para docentes e discentes. Tem luz elétrica por meio de um gerador e tem água canalizada.

O quadro do pessoal é composto por um diretor geral, um subdiretor pedagógico e subdiretor administrativo, formados na escola superior pedagógica do Bié. Quanto à direção e chefia, tem todos coordenadores de disciplina, no total de 14 (catorze), coordenadores de turno. O corpo docente especificamente é composto por 19 pessoas, das quais 2 (dois) do sexo feminino. Quanto à qualificação académica: 3(três) licenciados, 14 (catorze) bacharéis e 2 (dois) técnicos médios. Para todos os professores no princípio de cada ano letivo a direção provincial organiza um curso de capacitação para as práticas pedagógicas e o sistema de avaliação, para além de outros assuntos mais pertinentes. A secretaria possui 3 (três) funcionários. Não tem guardas, nem empregadas de limpeza.

Para o ano letivo de 2015, estavam matriculados 380 alunos, dos quais 104 são do sexo feminino. Destes 54 (cinquenta e quatro) são repetentes ou frequentam a mesma classe pela segunda ou mais vezes. Encontram-se distribuídos por 3 (três) cursos disponíveis, nomeadamente: Língua portuguesa/ EMC; Matemática /Física e Ensino Primário.

Os alunos ingressam na escola por meio de um teste de seleção com questões de Língua Portuguesa, Matemática e cultura geral tendo, também, em conta a caligrafia e a ortografia.

CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

3. Educação em angola e insucesso escolar

3.1. Da hegemonia Eclesial à hegemonia Estatal: o Estado Educador

Os primeiros traços de ensino em Angola encontram-se ligados à evangelização do País pela ação das Igrejas Católica e Protestantes. Segundo a história, Diogo Cão, na sua primeira viagem de exploração à Costa Atlântica africana (1482-1484), de regresso ao Kongo, com a autorização do rei do Kongo, levou a Portugal quatro jovens congolenses. Estes, após terem sido instruídos e batizados pelos Padres Loios, voltaram ao Reino do Kongo (atual norte de Angola) na sua segunda viagem (1485-1486), (Ngaba, 2012).

Diga-se mesmo que essa primeira embaixada de jovens constituiu o primeiro núcleo de cristãos e que contribuiu significativamente para a evangelização do Kongo e do resto de Angola. O regresso de Diogo Cão serviu para o fortalecimento de laços de cooperação entre Portugal de D. João II e Kongo de Nzinga-a-Kuvu (o Rei), como afirma o autor. Desta cooperação destaca-se o ensinar a ler e escrever, afirma Gonçalves citado por Ngaba. Aqui temos a génese da primeira fase da história do ensino em Angola (Zau, 2000). Pode-se dizer neste sentido que os missionários Loios, dominicanos, franciscanos, seculares e depois os Jesuítas, a partir de 1548, foram os grandes protagonistas da ação cultural e evangelizadora (Ngaba, 2012).

Os historiadores apontam para a fase de 1506-1543, como a do princípio do período mais brilhante quanto a ação cultural e evangelizadora. Há aqui uma difusão massiva do cristianismo e da instrução (Zau, 2000). É justamente nesta fase que se concretiza a fundação das primeiras escolas primárias elementares no Kongo e quiçá, as primeiras de toda Africa bantu, (Gonçalves, 2000, citado por Ngaba (2012).

Temos informação de que nos anos de 1514, na região do Kongo, os missionários católicos tinham fundado várias escolas primárias. A Companhia de Jesus surge, em 1607, autorizada pelo então governador-geral de Angola D. Jerónimo de Almeida. Tendo sido criado para formar sacerdotes, recebia também jovens para a instrução (Zau, 2000).

Por outro lado, Santos (2000) afirma que no princípio do séc. XVIII as funções de formação eclesiástica, assistência social, ensino especializado, quer científico como

técnico estavam nas mãos da Igreja Católica, de modo concreto dos jesuítas e sem concorrência.

Em 1759, esta hegemonia ficou demolida com a chamada ação do Marques de Pombal. Com esse governante começou o processo de nacionalização do ensino que veio a resultar na expulsão dos missionários da Companhia de Jesus dos territórios portugueses, a ação se prolongou para os territórios ultramarinos. Assim, de Angola também foi expulsa a Companhia, foram-lhe confiscados os bens, incluindo os de ensino (estamos a falar de escolas e colégios). Começa assim a nova fase, a fase do ensino público (Santos, 2000, citado por Ngaba, 2012).

Com a expulsão dos jesuítas, surge a primeira escola publica oficial, já na segunda metade do séc. XVIII, em Luanda. Trata-se de uma escola primária. A partir dali, primou-se então pela extensão da rede escolar nas regiões de Luanda e Benguela. De facto, até em 1863, contavam-se pelo menos 24 escolas públicas. Diga-se ainda que, na sua maioria era frequentada por alunos de origem europeia (ibidem). Tempos mais tarde, por volta de 1910, com a implantação da República, começa a surgir uma nova realidade. A escola ganhava novas funções. A oferta da educação começa a ser uma realidade no seio dos indígenas e já nos anos 1940, os números dos indígenas começa a subir, embora esses serviços fossem, ainda, poucos e na maior parte dos casos confinados nos centros urbanos.

A situação do ensino em Angola começou a ganhar novos rumos a partir da década dos 1960, altura em que os movimentos armados começam a insurgir-se contra o governo português. O governo português começa a alargar a rede escolar por todo o país, albergando, assim, maior número de indígenas no sistema educativo. Isso era justamente para responder a pressão internacional, como também para tentar apaziguar as pretensões à autodeterminação no seio das populações (Zau, 2002).

3.1.1. O insucesso escolar no período colonial

Como ficou dito, a década dos 1960 foi caracterizada pela extensão massiva da rede escolar, tendo como resultado a formação de um número significativo de quadros nativos que depois ocuparam postos de serviços importantes no próprio desenvolvimento de Angola. Pode destacar-se, aqui, o serviço de bolsas de estudos para Portugal, como também para outros países. Mas, geralmente, era a elite angolana que

beneficiava desta expansão escolar (Santos,1998; MPLA, 1978, citado por Ngaba, 2012).

Foram muitos os fatores que contribuíram para o insucesso escolar, para a maioria da população angolana. Vamos tentar apontar os mais visíveis. Um, reside no facto de só na década de 1960 se ter implementado políticas de extensão séria da escola neste território ultramarino. Foi provado que era difícil fazer em tão pouco espaço de tempo o que não se fez em quase quatro séculos de presença em Angola; outro, o grande problema que terá contribuído para esse fracasso foi, sem dúvida, a nacionalização do ensino que resultou na expulsão dos Jesuítas dos territórios portugueses. Este facto veio provocar um vazio, sobretudo nas zonas rurais onde só o zelo da Igreja se fazia sentir (Zau, 2002).

Na verdade, os professores tutelados pelo Estado nem sempre aceitavam prestar serviços nas zonas rurais, ignorando, assim, o facto de estas localidades serem mais carenciadas em relação às zonas urbanas. Este grande contraste na oferta de professores entre as zonas rurais e urbanas e a fraca formação dos professores do posto, associada também ao modelo elitista e centralizado do ensino contribuiu, significativamente, para o abandono e insucesso escolar e, naturalmente, para o aumento do analfabetismo em Angola (ibidem).

O outro fator que terá estado na base do insucesso escolar é o facto da maior parte da população angolana, sobretudo a indígena, ter pouco interesse pela aprendizagem na escola. Pouca gente se interessou pelo estudo. Assim, o ensino beneficiou apenas um número muito ínfimo, mas, a maior parte da população ocupava-se de outras atividades que, na ótica do autor, geravam ou ofereciam maiores vantagens económicas, mais vultosos rendimentos financeiros ou de dinheiro (Santos, 1998).

Faz parte, ainda, dos problemas básicos do insucesso escolar, o pouco interesse, em certos momentos, por parte dos responsáveis de ensino. Regista-se pouca dedicação à escola, sobretudo no que diz respeito à qualidade. Podemos associar a esses problemas, a questão dos exames de admissão ao liceu em que havia pouca preocupação neste sentido, sobretudo em facilitar a vida dos candidatos. Os exames para acesso ao Liceu estavam confinados aos distritos onde houvesse liceus.

As despesas escolares, sem dúvidas, constituíam um outro fator que impedia muitas famílias modestas de pôr seus filhos na escola. De facto, muitas dessas famílias

não conseguiam cobrir as despesas escolares. Aqui temos a chamada descriminação de origem económica. (Zau, 2002; Ngaba, 2012).

Outro fator incontornável foi a guerra que impediu o desenvolvimento de muitos projetos no sector da educação bem como a mobilidade de professores tanto de origem europeia como indígena. Uns, por motivos políticos ou de insegurança reinante no território, abandonavam os seus postos de trabalho. Daí que a grande herança pós independência, sem dúvidas, resultasse no elevado número de analfabetismo: quase 85% da população. Mas, pouco a pouco, a situação começou a desenhar-se de uma forma diferente. Passou-se para o modelo democrático e descentralizado. Isto veio galvanizar um pouco o sistema de ensino nacional, embora a maior parte das escolas estivesse concentrada nas grandes cidades como Luanda, Benguela, Nova Lisboa/Huambo e Sá da Bandeira/Lubango (MPLA, 1978; Santos, 1999; Ngaba, 2012).

3.1.2. Insucesso escolar no período pós independência

O cenário angolano trouxe à mente as características das economias da África geral, ou seja, uma base produtiva extremamente magra, diversificada e uma extrema dependência do exterior. Um olhar geral à situação apresenta um panorama não muito animador, ao menos no sistema educativo que, tendo em conta a sua dimensão e necessidades, exige grande investimento em bens equipamentos regulares, tecnológicos, físicos e, sobretudo, de qualificação dos seus quadros docentes.

Acresce o problema que se prende com a relação escola/comunidade que é bastante frágil, já que a escola não atrai uma forte participação dos encarregados de educação nem de outros atores educativos envolvidos nos processos de ensino ou escolares em geral. A gestão das escolas mantem-se exclusiva no sentido de promoção de participação dos encarregados de educação e alunos no projeto educativo escolar. Essas são algumas das razões que, seguramente, têm contribuído para o fracasso nos processos de formação, de ensino e de aprendizagem (Ngula, 2012).

Debrucemo-nos sobre alguns aspetos fundamentais do sistema de ensino angolano.

A sociedade angolana atravessou diversas dificuldades no seu contexto histórico, de foro político, socioeconómico, guerra civil, pobreza extrema, corrupção sem rosto. Tudo isso, sem dúvidas, afetou, negativamente, a educação com acentuado registo negativo nos processos de ensino e de aprendizagem. De facto, constata-se que o

sistema educativo não conseguiu superar as necessidades de institucionalização e de garantia de funcionamento capaz de assegurar o sucesso educativo, promovendo a baixa qualidade do ensino (Binji, 2013) e da formação de professores.

A qualidade de ensino é uma necessidade premente da sociedade do período pós guerra. A qualidade de ensino também está ligada à qualidade dos processos que, por sua vez, está ligada à qualidade dos serviços de educação e ensino, fundamentais para garantir a qualidade dos serviços ao cidadão de modo a permitir-lhe qualidade de vida. Naturalmente, a qualidade do ensino é a preocupação mais ingente de todo e qualquer sistema educativo, porque proporciona transformações e promove a pessoa humana e a sua realidade (Ngula, 2012).

Todavia muitos pedagogos revelam que há ainda pouca qualidade na escola angolana. Para Ngula (2012), a existência da fraca qualidade no ensino atual poderá estar na base da má qualidade dos resultados escolares a que se junta a falta de disponibilidade de professores. Não há professores suficientes, sobretudo nas áreas rurais. Em muitos casos, nas escolas rurais a um professor é pedido ensinar da 1ª até 4ªclasse em turmas compostas por 50 a 120 alunos, e sem uma formação adequada. Esta carência de professores está realmente ligada à inadequada e baixa formação educacional. As limitações da formação de professores refletem-se também na deficiente preparação das aulas por parte dos professores, como referem o autor.

O problema da qualidade de ensino, hoje, constitui grande preocupação para todos, tanto para políticos como para os académicos, bem assim a sociedade civil (associações cívicas) entre outros. Na verdade, um país só se afirma como tal, quando proporcionar aos seus filhos uma educação de qualidade e

> "a fraca qualidade de ensino constitui uma aflição para todos cidadãos, independentemente do lugar e função que ocupam na sociedade…o sistema educativo, em vez de ser um lugar de produção de competência, tornou-se num lugar de produção de incompetentes e mal entendidos" (Ngula, 2003, p.273).

Segundo Boaventura (2010, p. 20), Lúcio Lara (um dos grandes nacionalistas angolanos) com idêntico pensamento, afirmou que "hoje a educação é uma miséria em Angola. Para mim, um dos maiores desgostos que tenho é a educação em Angola, que é um desastre, é catastrófica". O político e escritor Lara considera que o problema é geral porque

> "você vai a universidade e encontra vazios, porque não houve os antecedentes. Muitas vezes o jovem chega à universidade e não é universitário. E, então, a lacuna mantém-se na universidade. Esse é o grande drama que nós teremos que resolver" (Lara, 2003, citado por Boa Ventura, 2010, pp. 80-81).

Pepetela também contesta a atual realidade referindo que

> "há uma certa frustração, porque realmente há fraca preparação de base dos alunos. E a frustração é pior (…) é ao mau ensino que vem desde a base. Desde o princípio há o mau ensino. Os alunos, por exemplo chegam à universidade e não têm hábitos de leitura. Muitas vezes o que leem é um ou outro artigo de jornal, de preferência desportivo. Eu noto isso sobretudo em seminários, em que se tem de discutir textos que eu preparo para eles. Eles têm muitas dificuldades em entender os textos. Quer dizer, não estão habituados a ler. Isso tudo porque todo o ensino anterior foi fraco" (Pepetela, s/d, citado por Boa Ventura, 2012, p. 81).

Assim, na nossa opinião, a situação de fraca qualidade do sistema educativo e de formação escolar é algo que vai tirar prestígio ao sistema de ensino, um problema que se torna pior de dia para dia. Muito recentemente, o General Higino Carneiro, atual governador provincial de Luanda,[3] também, defendeu a falta de qualidade de ensino nas nossas escolas, quando disse

> "temos gente que sai da universidade e nem sequer sabe escrever uma carta ao pai e é só ver também quando trocamos mensagens nos nossos telefones. A forma como escrevem revela que o ponto de partida começou mal. Temos de fazer formação de modo que os nossos professores estejam à altura de dar aulas" (p.3).

A fraca qualidade de ensino constitui uma aflição para todos, independentemente do lugar e da função que ocupa na sociedade (Binji, 2013). Temos alguns exemplos de professores competentes, mas há queixas também contra aqueles que lecionam de forma inadequada e que praticam atos de corrupção, minando, assim, os seus projetos pedagógicos. No dizer do autor " a escola é atacada pelo vírus da corrupção que faz com que muitos professores não exerçam a sua missão de educadores, mas de vendedores de diplomas" (idem, p.101).

Para além do referido, outros fatores têm contribuído para a ineficácia dos sistemas educativo e de formação. Senão, vejamos algumas que consideramos significativas. Mpinda Simão (Ministro da Educação de Angola), num discurso dirigido aos professores, por ocasião do dia educador, reconheceu haver falta de qualidade no setor que dirige, tendo evidenciado que a má preparação psicopedagógica de alguns docentes tem influenciado no rendimento dos discentes. Confirmou a existência de

[3] In Discurso proferido por ocasião da abertura oficial do ano letivo 2016.

docentes pouco motivados nas instituições, uma situação devida a muitos fatores como o absentismo, salários incompatíveis com as categorias, as distâncias longas entre as residências e a instituição de ensino e promoção dos docentes na carreira, o que influencia na assiduidade e permanência dos docentes nas instituições, entre outros (Radio Eclésia, 22/11/2016).

3.1.3. A exiguidade das condições humanas e materiais das escolas.

Ngula (2014) sustenta que a superlotação da maioria das escolas, as insuficiências e a conservação da rede de estabelecimento de ensino e os modelos de gestão centralizados e burocráticos, também podem estar na base do baixo rendimento escolar. O elevado número de alunos por turma, de um modo geral pode também estar na base do aumento das taxas de repetências e de abandono escolar.

Na verdade, apesar da reforma educativa que determina um número máximo de 45 alunos por turma, mesmo com elevadas reformas levadas a cabo, a mudança não é uma realidade. Nalgumas localidades, existem turmas com cerca de 70 alunos ou mais. Em muitas escolas, sobretudo nas zonas rurais, há falta de quadros pretos e carteiras, giz para além de escassas mesas e cadeiras para os professores (Zau, 2009). É que durante muito tempo as taxas de natalidade não foram seguidas pelas políticas de construção de Infraestruturas escolares. À falta dessas estruturas associa-se também a falta de profissionais suficientes. Existem localidades onde um professor acolhe numa só turma mais uma classe (1ª, 2ª, 3ª,4ª classes), ou porque é único na escola ou porque faz cobertura dos outros professores ausentes (não poucas vezes).

Os investimentos insuficientes na construção e reabilitação de escolas forçaram as mesmas a aplicarem turnos duplos e nalguns casos, triplos. Também as condições de aprendizagem são lastimáveis pela falta de materiais didáticos, equipamentos e mobiliários, bem como as deficiências curriculares e o uso exclusivo do português como meio de instrução que enfraqueceu particularmente as aprendizagens das crianças nas áreas rurais (Zau, 2009). Nas zonas rurais existem inúmeras crianças a estudarem debaixo das árvores tendo como carteiras pedras, adobes ou latas de leite. Para além das aldeias, isso também acontece em algumas zonas urbanas e suburbanas, o que consideramos lamentável.

3.1.3.1. Os professores

No que se refere aos professores, "o corpo docente não parece empregado de maneira correta e eficaz: a relação professor/aluno é muito baixa, as classes resultam muito grandes, os programas são sobrecarregados de disciplinas e falta um espaço adequado de intervenções individualizadas" (Ngula, 2012, p.275). Soma-se a isso as dificuldades na qualidade de formação de professores e do sistema de formação e acompanhamento.

Além disso, como já foi dito, a escola angolana é hoje atacada pelo vírus da corrupção por muitos professores (Binji, 2013). Essa opinião é partilhada por muita gente, de modo especial, os fazedores de opinião do país. Acreditando no sentido etimológico da palavra "pedagogo (educador) " que deriva da palavra pedagogia que do grego corresponde a paidós (que significa criança) e gogia (que significa – ciência, ensinar, isto é, a arte de educar; dar direção á criança), cremos que o professor não é só profissional ou instrutor, é antes de tudo educador, orientador. Assim, o docente tem responsabilidades acrescidas de promover os valores sociais de referência, o que não poderá fazer se estiver comprometido com atividades e atitudes ilícitas ou que levantam suspeição sobre a sua conduta como educador e como cidadão com responsabilidades sociais e profissionais.

3.1.3.2. A educação nas zonas rurais

A falta de condições nas zonas rurais (ausência de casas condignas, água potável e luz elétrica) influi grandemente no absentismo dos professores, sobretudo quando se trata daqueles oriundos das cidades. O mundo rural é caracterizado por um estilo de vida simples, à margem das tecnologias e do mundo letrado, dos recursos; há ferramentas tradicionais e obsoletas e assenta na atividade produtiva de subsistência ligada à agricultura e pastorícia. Há pouca organização e precárias condições de ensino-aprendizagem. Os alunos são obrigados a fazer longas viagens a pé para frequentar as aulas e numa língua que poucos dominam (Da Silva, 2011, citado por Binji, 2013, p.103). Muitos professores assinam contratos só para conseguirem emprego. Uma vez alcançado esse objetivo (salário), começa outro movimento: pedido de transferência para cidade. Assim as zonas rurais continuam menos servidas em relação às cidades.

Nessa linha de pensamento, Alexandre (1999, p.12) diz que o problema de insucesso escolar torna-se mais agudo nas zonas rurais pelas seguintes razões:

- Concentração dos professores, sobretudo dos mais qualificados, nas cidades;
- Colocação de professores feita a tempo nas cidades;
- Os professores das áreas rurais, muitas vezes residem a grandes distâncias da escola, gastando nas deslocações energias que, em princípio, poderiam ser despendidas na escola, não lhes restando disponibilidade alguma para atender os alunos fora das aulas ou para trabalhar em equipa com os seus colegas de turma e disciplina. Nestas condições o prazer que usufrui no seu trabalho é menor, o que acarreta um menor investimento na obra que estão a realizar;
- As infraestruturas culturais da escola e da região são, nas áreas urbanas, superiores;
- Os alunos das áreas rurais com mais frequência:
- Têm trabalho extraescolar,
- Moram muito longe da escola e não têm meios de transporte adequados,
- Não encontram nos programas uma resposta estimulante aos seus centros de interesse e à sua realidade,
- As expetativas de futuro dos pais, dos professores e deles próprios são geralmente mais limitadas;
- Outros fatores, como, por exemplo, os relacionados com o nível económico da região, parecem interferir na incidência do insucesso escolar".

Nota-se, assim, no sistema educativo uma grande assimetria, a qual acarreta problemas e dificuldades de resolução, dada a sua extensão.

3.2. A reforma educativa e a qualidade da formação de professores

O conceito de reforma educativa pode ser entendido, segundo Pacheco (2001, citado por Cardoso, 2007, p.7), como "mudanças que contribuíram para a transformação e melhoria dos processos e práticas de ensino e aprendizagem e, consequentemente para

a configuração do sucesso educativo dos alunos". Ainda, a Reforma é o conjunto de mudanças que englobam os processos educativo e pedagógico e culminam na reestruturação global do currículo (Ribeiro 1992, citado por Cardoso, 2007).

Cardoso (2007) refere Popkewitz para quem, de acordo com o quadro jurídico, a reforma educativa caracteriza-se pela introdução de alterações de natureza politica, ideológica, social e cultural, o que implica uma adaptação estrutural do sistema em função das mudanças que se quer introduzir revelando-se desta forma, parte de um processo de regulação social; Pacheco (1996) para quem o conceito de Reforma contém um sentido normativo, quando essas mudanças determinam alterações no quadro normativo-jurídico, abarcam, assim, o contexto nacional. Por outro lado, o sentido da inovação quando as mudanças incidem sobre a atividade docente e a ação dos agentes educativos, recai, então, sobre as práticas, num contexto mais restrito e muito mais específico, que é a escola. Canário (1994) afirma que a Reforma pressupõe inovação se for capaz de gerar mudanças reais e especificas na escola; para Grilo (1996), a Reforma motiva-se, induz-se e provoca-se, criando as condições para a escola, comunidade educativa e os professores, em particular, para que possam desenvolver e aplicar a sua capacidade criadora; Gonzalez e Munõz (1987) afirmam que as reformas estruturais devem conter propostas inovadoras que recaiam sobre as práticas e sobre os modos de pensar dos sujeitos.

A Reforma educativa angolana foi um processo longo de análises e reflexões que determinaram os grandes objetivos que constituíram sinais de esperança para uma educação que se quer capaz de proporcionar transformações em todos níveis da vida do país. Destes sinais pode-se destacar: a renovação global do sistema de ensino educativo, a expansão da rede de ensino geral e universitário em todo o país, a valorização do capital humano e a valorização da identidade cultural (Binji, 2013).

A Reforma educativa angolana, (Lei nº13, de 31 de Dezembro de 2001), teve como objetivos a restruturação de todo o sistema de ensino e aprendizagem, proporcionando novos instrumentos para a reconstrução do homem angolano e do seu país, rumo a dignidade e desenvolvimento. A Reforma veio também superar a mentalidade tradicional de "fazer" escola. Assim, a escola deixaria de ser um lugar de transmissão de conhecimentos, de instrução e alfabetização, sendo sobretudo um lugar de educação e desenvolvimento do homem (idem). A renovação educativa fixa à

abertura das mentalidades querendo promover uma vida melhor para todos os angolanos.

> "Fazendo uma avaliação da nossa reforma, podemos afirmar que há muitos progressos, mas constatamos ainda pontos fracos que não favorecem aos objetivos preconizados, tais como: o problema de investimento em infraestruturas para a formação de professores, a nível médio e superior, a praxis tradicional do processo de ensino e aprendizagem, a consciência de ser educador, a passagem automática nas algumas classes do ensino primário, a monodocência, a assimetria entre a escola do campo e a escola urbana e a qualidade de ensino (a escola de diplomas e não de saberes)." (Binji, 2013, p.100).

A reforma mudou a estrutura, mas o modo tradicional de fazer contínua. Na opinião de Binji (2013), mesmo com a reforma, nota-se ainda aquela característica de escola de esforço, escola de castigos, escola passiva, escola centrada em programas, longe da vida real. Neste tipo de ensino, o professor é visto como detentor do saber que deve ser transmitido ao aluno; o professor é o centro do ensino e a aula é simples repetição dos conhecimentos.

A Reforma instituiu a monodocência no ensino primário. É, de facto, um grande problema, sobretudo no campo pedagógico-didático. A Reforma, neste sentido, foi um processo imposto e não se consultaram os atores. A monodocência tem algumas vantagens, como essa interação e continuidade no processo de crescimento do aluno no curso de seis anos. Na verdade, aqui o aluno aprende e cresce tornando-se homem maduro mediante a relação significativa do professor que o acompanha ao longo dos seis anos (Binji, 2012).

Outra vantagem, na opinião do autor e pedagogo, é a continuidade do ambiente familiar.

> " (…) é um verdadeiro ligame entre a família e a escola. Pois que nesta fase da escola primária, a criança precisa de um único ponto de referência e de um único modelo; o único docente garante a estabilidade emotiva, eficiência educativa e uma solida formação" (Binji, 2012, p.87).

Um dos grandiosos limites é o da formação do professor em todas as áreas. O problema agudiza-se quando a isso se junta a própria realidade de Angola ou seja, a deficiência que há no âmbito da preparação dos professores. Não temos estruturas para tal, sustenta o autor acima referido. Há aqui um outro grande perigo tendo em conta a realidade do mundo global. O docente único tem o risco de produzir pensamentos únicos, ensinamento único e superficial. É um sistema muito valioso para o aspeto

afetivo e económico, mas não tanto para as questões de rigor científico, epistemológico e de gestão por serem áreas muito amplas e diversas.

O *Bulling* e as drogas nas escolas são outros grandes problemas que levam ao insucesso escolar. A partir do momento que uma criança entra no mundo de drogas, temos automaticamente desenhado o seu futuro escolar. A causa disso tudo, na linguagem da Pimenta (2013), é a negligência dos pais que levam os filhos a desenvolverem comportamentos de desobediência às autoridades familiares e escolares; o divórcio que se estabeleceu entre os pais e os professores e todo corpo escolar, a má preparação académica e pedagógica de um grande número de professores, a falta de definição dos programas curriculares, a falta de condições de trabalho e respeito pelos professores, entre outras situações.

Na verdade, os problemas ligados aos professores necessitam de um tratamento muito sério. Lamentavelmente, hoje a profissão de professor tornou-se na menos remunerada, menos qualificada e menos respeitada pela sociedade angolana, defende Pimenta. É que o professor é tido como o "polícia da escola". O polícia na estrada manda parar o carro para pedir gasosa (suborno) para o jantar e, o professor por seu lado, na escola, pede gasosa aos alunos para sobreviver, remata a autora. De facto, aqui existem algumas verdades, embora não podemos generalizar, mesmo considerando a grande percentagem de casos bem conhecidos.

Kapitiya (2008) diz que o nível de corrupção que alguns funcionários atingiram, permite calcular que o Ministério da Educação está numa marcha fúnebre. Para o autor, de facto, existe uma presença elevadíssima de professores sem as mínimas competências. Argumenta que, há professores a exibirem muitos títulos sem a correspondente competência ou qualificação profissional e pedagógica. Para ele, a formação de professores foi-se tornando cada vez pior. Partiu-se de um nível muito baixo de professores, mas a ideia era de ir fazendo superações sucessivas, para melhorar a capacitação dos professores. E isso nunca foi feito. Assim, uma nova geração foi formada por professores sem a devida preparação. É uma geração com défices de formação que forma com grandes dificuldades em condições piores que aquela que receberam (Ibidem)

3.3. A situação sociofamiliar dos alunos

Para o melhor entendimento da situação das crianças e jovens em idade escolar, é patente a existência de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos e jovens adolescentes entre os 12 e os 16 anos que passam as 24 horas do dia na rua e que, no seu entender, não querem, não lhes é permitido, ou não têm família e casa a que regressar (Roca, 2000, citado por Dumbo, 2012).

Segundo um trabalho realizado com as crianças de rua e dados fornecidos pelos Kandengues Unidos, existem, hoje, inúmeras crianças nas ruas das cidades do país, sobretudo na cidade de Luanda. Elas vivem organizadas em grupos instáveis em refúgios improvisados; com um nível de educação muito baixo, e algumas praticamente analfabetas, ganhando a sua vida principalmente com a lavagem de carros, na venda de jornais e mendicidade e alimentando-se, em geral, de sobras dos restaurantes; outras ainda procuram o seu " pão de cada dia" no lixo (Roca, 2000, citado por Dumbo, 2012). No nosso entender, a exclusão social em que vivem muitas crianças do país leva ao fenómeno do insucesso educativo por absentismo e abandono. Estão aqui subjacentes processos de insucesso escolar.

Neste caso, crianças cujos pais são "incultos" não conseguem superar os seus handicaps e, mesmo após um período de educação intensa, não se produz a tão desejada mudança, pois outras crianças cujos pais são escolarizados ou mesmo cultos, mesmo não recebendo uma educação tão intensa, aproveitam melhor as oportunidades criadas pelos educadores para se formarem (Gaspar & Diogo, 2010).

Kapitya (2008) afirma que quase metade da população angolana é analfabeta. Por isso, a educação formal ainda não faz parte da cultura do povo. De facto, "a falta de formação dos pais sobre o valor dos estudos tem feito com que os filhos acabem fazendo a vida na rua, sem que os pais se importem com tal situação" (p. 160). Eles não entenderam a diferença existencial entre um intelectual e um analfabeto. Para eles, estudar ou não estudar têm igual significado. Na verdade, em muitas partes do nosso país há pais que não permitem os seus filhos frequentem a escola em detrimento do cuidado do gado (sul do país) e noutros casos, preferem que estes os auxiliem na prática da agricultura (centro do país). Diga-se, ainda, que muitas dessas famílias, no tempo chuvoso mudam as suas habitações para as suas áreas agrícolas, por vezes longe dos centros escolares. Levam todos os seus haveres e aquilo que têm de mais precioso: os filhos. Muitas crianças vêm o seu sonho amputado para cumprir os ditames dos seus

pais. Mesmo que no sentido negativo, "os pais em primeiro lugar são os artífices de seus filhos, aqueles que lhes dão as bases" (Most, s/d, citado por Manacorda, 2010, p.96). Particularmente na infância, período essencial para a formação da personalidade, pois nos primeiros anos de vida, a vivência entre pais e filhos influencia a forma como os filhos encaram a educação estimulando ou inibindo o desejo pelos estudos.

3.4. As visões dos alunos, dos professores e do diretor da escola sobre o insucesso escolar

3.4.1. A visão dos alunos

a) A amostra reflete ausência feminina na educação formal

A amostra participante do estudo implicou 84 alunos da 10ª e 11ª classe: 41 e 43 para 10º e 11ªclasse, respetivamente. Destes, 25 eram meninas, distribuídas por 10 e 15 para 10ª e 11ª classe, respetivamente. É de salientar que todos são cidadãos nacionais, vindos de diversas áreas do país. Nesta caraterização, uma nota digna de registo é que a população estudantil inquirida é bastante heterogénea, no que respeita à idade dos alunos, bem como o número de rapazes que é superior ao número de raparigas. Ainda, a maioria dos alunos tem um passado escolar com um aproveitamento baixo, sendo o número bastante elevado de alunos reprovados ou repetentes.

O censo geral da população realizado em 2014 indicou que no país e, neste município e particular, há mais mulheres que homens. A nossa interrogação é: onde é que esse número de mulheres é mais representativo? Ou será que a escola continua a ser monopólio dos homens?! Em conversas informais tidas com os alunos e alunas de diversas escolas e com diversas personalidades da sociedade civil, apurámos que existem várias razões que explicam a ausência da camada feminina nas escolas. Segundo a opinião destas personalidades a questão prende-se com a cultura da zona, segundo a qual, os pais prestam mais atenção aos rapazes por serem eles o garante para o seu sustento no futuro. Para as mulheres cabe mais a vertente doméstica e reprodutiva.

b) As mulheres são remetidas para o casamento e atividades domésticas com consequências na exclusão da escolarização

As mulheres são por natureza domésticas, pensam estes. Além do mais, muitos pais pensam que formar uma menina é perder tempo, porque depois ela é dada em casamento e, consequentemente, toda a riqueza vai para a nova família (crença cultural popular).

c) O assédio sexual e a gravidez precoce colocam as meninas fora do sistema escolar.

Outro argumento é que muitas das meninas ficam mães muito cedo, e aqui se coloca um tema socialmente preocupante: a gravidez precoce. Crianças grávidas de outras crianças, em consequência do envolvimento com adultos (por vezes, da idade do pai ou do avô), situação que dificulta grandemente o prosseguir dos estudos e o futuro das mulheres em Angola, tema para outras investigações.

d) O baixo índice de escolaridade e a condição socioeconómica dos pais influenciam a progressão nos estudos dos filhos de forma negativa

O conhecimento da profissão dos pais foi um dos elementos fundamentais do estudo, uma vez que isto permite identificar o nível de vida socioeconómica dos pais. Não são poucos os autores e pedagogos que afirmam haver uma ligação entre a categoria socio profissional do pai e o nível de instrução dos filhos (Kapitiya, 2005). Da profissão dos pais, constatamos que a maioria trabalha por conta própria, sobretudo na agricultura familiar de subsistência (48 para pais e 56 para mães). Outras profissões identificadas foram de professor/a (21 e 14 para pais e mães, respetivamente). Os restantes sujeitos não mencionaram a profissão dos pais (7 e 5 para pai e mãe, respetivamente). Existem outras profissões, em menor escala, como enfermeiro/a e pequenos ofícios, como carpintaria, taxista, etc. Isto tudo nos leva a crer que a situação económica e cultural dos inquiridos é baixa. Podemos dizer que a maioria desses alunos pertence à classe menos favorecida, tendo em conta as profissões com maior percentagem, no caso da agricultura de subsistência.

Sendo assim, podemos salientar que os pais dos alunos não possuem boas condições de vida socioecónomica. Isto pode refletir-se na vida estudantil dos filhos, na medida em que não possuem condições financeiras para custear as exigências atuais académicas como, por exemplo, a compra de livros, computadores, internet, roupa, etc. Este fator pode ser um indicativo para insucesso escolar, pois muitos jovens quando não

vêm satisfeitas as suas necessidades, por parte dos pais, desanimam e são capazes de abandonar a escola e partir para outras atividades mais comuns e com lucros mais imediatos. A título de exemplo, tentar negócios nas grandes cidades, principalmente em Luanda ou, ainda, desistem e entram em degradação social por consumo de álcool, drogas, assaltos à mão armada, prostituição, entre outros males.

Para Martins e Carvalho (2006), o êxito escolar começa em casa. Os pais são os educadores primários e primeiros dos seus filhos, pois eles conseguem incrementar melhor o desenvolvimento de novas habilidades quando têm competências educativas seguras. É no ambiente familiar que estão as raízes, as motivações escolares, é lá que se constrói o desejo de ler, escrever, de contar, de falar, de amar. Os jovens, sobretudo os mais desmotivados, necessitam de confiança dos pais e dos professores para acreditarem em si próprios e ultrapassarem os bloqueios que os impedem estudar (Aguiar, 2010, p.22).

No que toca às mães, a maioria dos filhos desconhece as habilitações da sua mãe (22 alunos), o que pode estar a esconder o analfabetismo ou fracas habilitações da mãe. Dos que conhecem, constatámos que são poucas as que concluíram o ensino medio. Ficou assim distribuído, o quadro: 1ªclasse= 3; 2ª=4; 3ª classe=2; 4ªclasse= 9; 5ªclasse= 3; 6ªclasse= 7; 7ªclasse=5; 8ªclasse=3; 9ªclasse=11; 10ªclasse= 3; 11ªclasse=3; 12ªclasse=5; 13ªclass=3; Licenciadas=0; Bacharelato =0; Curso técnico da agricultura =1 e as tais 22 que supomos não terem nenhuma habilitação escolar.

Na opinião de Piletti, (2003, p.151) " um lar em que todos os esforços são despendidos para uma sobrevivência difícil, gera tensões e conflitos para a criança, jogada entre duas realidades diferentes: de um lado, a família sem recursos; de outro, a escola que exige ordem e organização".

Segundo Alexandre, (2003,p.33), "a posição social influencia o sucesso escolar porque os alunos não vivem em escolas, vivem agrupados em famílias. A família é o principal agente educativo e fornece a cada aluno uma determinada educação informal. Essa educação informal pode fornecer ou dificultar a atividade de instrução da escola. A educação informal que os diferentes grupos sociais propiciam não é culturalmente a mesma, nem ao nível dos conhecimentos, nem ao nível da capacidade de aprender. É, sobretudo, através destes diferentes níveis de educação informal familiar que a diferenciação social se reproduz em diferenciação escolar

e) A guerra civil tem consequências sobre o analfabetismo feminino

Um ponto importante a referir é que, desses alunos inquiridos possuem mães supostamente analfabetas, explica-se, de algum modo, pelo longo do tempo do conflito armado que o país viveu, e a Nharêa., muitas vezes, foi o epicentro da guerra por se localizar perto do antigo bastião de Jonas Savimbi, ex-líder da UNITA. Pode-se perceber que muitos da população não tiveram ocasião para frequentarem a escola por causa da guerra, mas também porque nestas regiões a grande prioridade é a agricultura, sobretudo para as mulheres. Muitas são afastadas das escolas para tomarem funções domésticas, dando assim prioridade para os homens.

Acreditamos que o nível baixo de escolaridade das mães, tem incidências no aproveitamento académico dos filhos, na medida em que cada dia a educação está a ganhar mais dimensões, desenvolvendo outros ramos que por vezes são desconhecidos pelos progenitores. Isto faz com que os pais e no caso concreto, a mãe fique ausente da vida escolar dos filhos e valorize menos a vida escolar dos filhos. Isto pode ser também uma das variáveis do insucesso escolar dos filhos, na medida em que não encontram apoio suficiente para os seus estudos.

f) A dimensão do agregado familiar pode ser um fator de exclusão educativa quando associada às fragilidades socioeconómicas dos pais

No que se refere ao número de irmãos, constatamos que as famílias angolanas são na sua maioria muito numerosas. Vejamos que a maioria referiu 8, 9, 12, 15, 16, 17 irmãos; ainda, houve registo de uma família de 20 irmãos. Cremos que uma família assim tão vasta pode ser um grande peso para os pais no apoio familiar para os estudos. Facto curioso é que, quando perguntamos a classe que frequentavam os irmãos que estudavam, constatámos que a maioria andava na primária e no I ciclo do ensino secundário. Só 23 dos 173 irmãos disseram serem alunos do ensino médio (10ª, 11ª e 12ª classe). A maioria, pelo menos, tem irmãos a estudarem. Outros 83 alunos disseram que têm irmãos a estudar e 1 disse que não tem irmão na idade escolar. Quanto aos irmãos que não estudam, todos desconhecem as razões ou não forneceram dados sobre o assunto.

Desses dados pode concluir-se que aqui há várias razões para o insucesso escolar, pois quando as famílias são muito vastas e os seus membros quase todos desempregados, a economia doméstica é escassa e pode complicar para as atividades estudantis. Outro facto é que quase todos Irmãos estão nas classes iniciais, que não conseguem ajudar ou apoiar alunos em análise. Na verdade, quando o número de irmãos é muito grande, torna-se difícil dar a todos a atenção necessária para cada um. Por outro lado, diz Piletti (p.151), crianças e famílias numerosas costumam ter maior experiência de atitudes cooperativas e serem mais independentes. Cabe ao professor tentar evitar que as carências prejudiquem a aprendizagem e valorizar os aspetos positivos dessas crianças.

Não pretendemos afirmar que alunos que provem de famílias pobres, com baixo nível de escolaridade dos pais têm obrigatoriamente maus resultados escolares. Não é verdade que todas crianças vindas de famílias pobres têm baixo desempenho. Existem, outrossim, variadíssimos exemplos de alunos vindos de famílias pobres e analfabetas que singram na vida. Muitos deles obtém bons resultados, pelo próprio esforço, pela atenção dos pais e pela contribuição do Estado, no entanto não se pode deixar de fazer esta relação.

Subscrevemos que "independentemente do nível de rendimento ou do nível de instrução escolar, todas as famílias podem apoiar o sucesso dos seus filhos. Quanto mais a relação entre as famílias e a escola for uma verdadeira parceria, mais sucesso aparecerá" (Davies (2003), citado por Aguiar, 2010, p.16).

g) O desemprego no agregado familiar afeta o sucesso escolar

Quanto à profissão dos irmãos são poucos os que têm profissão. Dos 84 inquiridos, 60 desconhecem a profissão do dos Irmãos; 4 têm irmãos professores, 3 são taxistas, 3 são pedreiros, 2 camponeses, 1 agente da polícia, 1 enfermeiro, 1 bancário, 1 negociante e outros cinco declaradamente sem profissão. Ainda, outro pormenor é que para aqueles que não trabalham, as razões são completamente desconhecidas. Só 2 disseram ter irmãos de menor idade; 2 têm habilitação insuficiente para trabalhar na função pública e 1 refere falta de emprego. A partir dos dados, dá para perceber que há muito desemprego em Angola, e Nharêa não foge à regra. A exagerada falta de emprego estável, isso pode, na nossa opinião, desmotivar aqueles que ainda se encontram no

ensino, na medida em que lhes poderá parecer perda tempo ou desinvestimento, pois se algum dos irmãos já terminou pelo menos a 12ª, a 13ª ou está licenciado e não tem emprego, questionam se interessa continuar a estudar. Estudar para depois levar o diploma à lavra ou ao mercado paralelo (praça)?!

h) Foco nos estudos ou nos processos formativos: a dedicação ao estudo variou consideravelmente entre os inquiridos

A outra questão apresentada foi se estudavam todos os dias, quantas vezes. Ainda perguntámos quantas horas estudavam e se eram acompanhados ou não e por alguém. Permitiu apurar que a maioria dos alunos estudava todos dias (47 alunos). Outros, porém, não estudavam todos os dias (33 alunos). Os demais não responderam. Quantas vezes por semana estudam, o número variou de 3 a 5 vezes para uns. Outros porém não responderam (53 alunos). Constatamos que, alguns estudam menos de 1 horas; outros estudam de 1 a 2 horas, e outros tantos desconhecem o tempo ou não referem o tempo de estudo. Isso pareceu-nos esconder ausência de estudo.

i) O acompanhamento e apoio aos estudos em casa é prestado de forma diversificada por pais, colegas e amigos, irmãos (por esta ordem).

Ao questionarmos os alunos se têm alguém que os acompanha nos estudos em casa, responderam que têm ajuda dos pais (17), dos colegas (19), dos amigos (19), do irmão (5) e de outros irmãos (3). Facto curioso é haver, embora em número insignificante, alguns acompanhados pelas suas namoradas. Mas também encontramos aqueles que estudam sozinhos. Não têm ninguém que os acompanha nos estudos.

j) Na ocupação dos tempos livres joga-se futebol, está-se com amigos e família

Quanto à ocupação dos tempos livres, ficamos a saber que maior parte dos tempos livres são ocupados pelo futebol (27) e estudo (28). Há casos de alunos que se dedicam ao trabalho, a ouvir música, a brincar. Constatámos que muitos não responderam (48 alunos). Na mesma linha, fizemos uma pergunta para saber as pessoas com que passavam os tempos livres. A resposta foi: com os amigos (52) e com a família (27).

Muitos não emitiram resposta. Os tempos de lazer dos alunos são para a frequência de discotecas, embora por uma minoria (13) dos inquiridos.

k) Sobre as condições alimentares, frequência e sucessos nos estudos

Quisemos saber se os alunos têm alguma refeição antes das aulas, porque uma boa alimentação pode influenciar nos resultados. Verificamos que a maior parte dos alunos não têm nenhuma refeição antes das aulas (22). Dos alunos por nós inquiridos são 31 que estão nesta situação e outros comem algumas vezes (22). Os outros 31 não responderam.

As razões apontadas para as dificuldades alimentares são várias. Algumas prendem-se com a falta de condições económicas nas famílias, outras com a falta de tempo (a escola dista cerca de 4 kms da sede municipal, pelo que há alunos que percorrem 4, 5,6, 7 kms apeando para chegar à escola.). Na caracterização da escola vimos que não há uma cantina escolar. Neste caso, há alunos que se mantém sem comer durante várias horas de aulas. Situações de jejum repetidas podem ser prejudicial à saúde, o que pode comprometer os resultados escolares dos alunos e o futuro dos jovens. A situação é idêntica ao que em outras tantas escolas do país, tendo em conta o estado de pobreza extrema da grande parte das famílias em Angola. A nosso ver, este problema pode ser um indicativo para falta de sucesso educativo nesta escola, na medida em que um aluno em jejum pode ter pouco aproveitamento dos conteúdos apresentados pelo professor, o que também afeta todo o seu aproveitamento.

l) Meios complementares de acesso à cultura e hábitos de leitura

Outra questão apresentada aos alunos foi se vêm televisão. A resposta é que a maioria dos alunos vê televisão. São 54 alunos. Isso já é bom para a sua atualização face ao mundo em redor no acesso à informação e formação informal. Outros (31 alunos) ficam longas horas a ver televisão e comprometem, assim, o seu tempo de estudo. No entanto, há também outros 30 alunos que dizem não assistirem a televisão, por não terem tais condições devido à falta desse aparelho (TV) ou de luz elétrica.

O hábito de leitura é fundamental para um bom estudante. Mas, muitos alunos dos tempos hodiernos não são amigos da leitura, o que ainda os torna mais débeis

intelectualmente. Sobre este assunto, quisemos saber se tinham hábito de leitura. Foram quase unanimes em afirmar que o fazem com frequência. Há também outros 5 que não leem com frequência.

Uma maioria de 46 alunos disse que frequentava a biblioteca municipal, o que requer melhor apetrechamento deste espaço de cultura para alimentar o equilíbrio bibliográfico e a evolução académica do município.

m) Sobre os caminhos que podem levar ao sucesso relacionados com o aluno

A última questão diz respeito a alguns caminhos que podem levar ao sucesso estudantil. Foram várias as alíneas escolhidas pelos alunos como fatores importantes relacionados com o aluno: ser responsável (12), cumprir os seus deveres escolares (13); definir objetivos de acordo com as suas prioridades (8); sentir-se bem consigo próprio (10); Levar uma vida saudável (14); ter motivação para aprender (9); perceber a importância dos estudos para o futuro profissional (17); confiar, acreditar nas suas capacidades, gostar de estar com os colegas.

n) Sobre os caminhos que podem levar ao sucesso relacionados com a família

Os fatores de sucesso relacionados com a família/encarregados de educação, os alunos identificaram: responsabilizar os educandos pelos deveres e tarefas escolares (7); reconhecimento da escola por parte dos encarregados de educação (10); bom ambiente familiar (13); disponibilidade de materiais escolares diversificados aos educandos /filhos (10); condição económico-financeira da família (31); nível cultural da família e o acompanhar e apoiar os educandos/filhos nos estudos (12); criar sincronia com a escola (participar das reuniões de concertação). Todas essas alíneas foram votadas na vertente bastante importante. Portanto, os alunos acham que estes fatores são fundamentais para que haja (ou tenham) sucesso.

A atenção e o apoio de diversas formas pelos pais/encarregados de educação (30), acompanhando, de perto, os seus educandos (22), animando-os, encorajando-os e superando com eles as variadíssimas dificuldades (13) pode levar a maiores níveis de sucesso dos mesmos na sua caminhada estudantil.

o) Sobre os caminhos que podem levar ao sucesso relacionados com os professores

Pensamos ser de extrema importância saber da opinião dos alunos em relação aos professores da escola em análise. As suas alíneas exprimiam ser muito importante o seguinte: ensinar as matérias para que os alunos compreendam (23); dominar os conteúdos das disciplinas (12); bom relacionamento com os alunos (5); exigência relativamente aos trabalhos dos alunos (9); acompanhamento personalizado apoio aos alunos com maiores dificuldades (21); ensinar de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos, manter disciplina ou autoridade nas aulas (32).

Com base nas respostas dos alunos, o professor é o elemento basilar no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, ele deve ser um pedagogo, um pai. Deve, acima de tudo, conhecer as características individuais de cada aluno e respeitá-las de forma a conduzir com sucesso as atividades docentes em prol de uma aprendizagem efetiva. Dai o dever que o professor tem de motivar os seus alunos, em contexto da sala de aula de forma que possam superar as suas deficiências.

p) Sobre os caminhos que podem levar ao sucesso relacionados com a comunidade educativa

Como respostas, obtivemos a opção maioritária por bastante importante quanto a: ajuda por parte da escola na preparação para os momentos de avaliação (12); disponibilidade de materiais diversificados uteis às aulas e às aprendizagens (11); articulação/ligação entre matérias e o dia-a-dia extraescolar (43); organização escolar de acordo com os tempos livres e o tempo de estudo diário, constituição de turmas em função do nível de aprendizagens e do número dos alunos (22); reforço dos programas de merenda escolar para todas escolas (65); criação de políticas de incentivar novos quadros (criar mais postos de emprego) (56); construção e reabilitação com meios modernos a todas escolas (32).

Ficamos assim a perceber que as propostas aqui indicadas constituem valores que devem serem asseguradas pela comunidade educativa para promover sucessos na escola, como modelo para o país. Na verdade, um dos grandes problemas que o Setor da Educação vive é a falta de infraestruturas compatíveis com a atual demanda dos alunos.

Hoje, há muitas escolas com salas superlotadas, o que dificulta, sobremaneira, o acompanhamento personalizado de todos alunos, sobretudo aqueles com dificuldades de aprendizagens. O problema se torna ainda grave nas zonas rurais onde muitas crianças são obrigadas a terem aulas debaixo das árvores e sentadas nas pedras ou adobes. Portanto, a infraestrutura, em geral, seria uma "autoestrada" para o sucesso educativo dos alunos, mesmo considerando Angola, em geral. Acrescida está a necessidade de construção de escolas de proximidade e a aquisição de transporte escolar para facilitar o acesso aos alunos, particularmente os que vivem longe da escola.

3.4.2. A visão dos professores

Os nossos inquiridos revelaram um tempo de serviço variável entre 4 a 10 anos de ensino. Isto é importante para avaliar a experiência na atividade que desempenham, pois ela também pode ser indicativo para o sucesso escolar. Todos eram efetivos na instituição, o que acrescenta mais responsabilidade na função. Lecionam na escola em estudo entre 3, 2 e 9 meses. Dos professores inquiridos, 1 (um) era subdiretor pedagógico, 1 (um) coordenador de disciplina e 2 (dois) apenas professores. Para estes professores (4), a carga era favorável e compatível, porque dava margem para a preparação e execução de outras atividades. Entretanto, tivemos uma resposta que contraria este pensamento. Na opinião desse professor há sobrecarga, pois o tempo que lhe resta não permite para realizar outras atividades pedagógicas fora da sala, como a planificação, investigação, etc.

a) *Sobre o conhecimento dos professores do significado de insucesso escolar*

A questão central da nossa investigação foi o insucesso escolar na sua relação com a formação de professores. Por isso, aqui quisemos saber dos professores o que eles sabem do fenómeno. As respostas foram:

P1 - É a incapacidade de um aluno/estudante não corresponder aos objetivos preconizados de uma instituição escolar que pode ser provocado por ele próprio, a escola ou a comunidade;

P2 – Insucesso, para mim, é quando não há cumprimento taxativo ou regular com o programa no ensino e aprendizagem;

P3 - O insucesso é algo que acontece quando temos alunos numa turma e que não têm motivação;

P4- insucesso escolar é um fator caracterizado pelo mau ou baixo rendimento do aluno, tendo em conta os intervenientes, a ausência de acompanhamento, a falta de interesse".

Dessas respostas podemos perceber que 2 desses professores têm um conceito claro sobre este fenómeno e outros 2, pelo contrário, têm uma noção um tanto confusa sobre o conceito de insucesso escolar.

b) Sobre que fatores atribuíam ao insucesso escolar

Em geral, os nossos entrevistados responderam, inequivocamente, que era o próprio aluno, em primeira instância, seguido do currículo e do sistema da Reforma educativa que não favorece. Outro alegou que é a fraca preparação da base, pois muitos vêm da base mal preparados". Outro ainda diz ser da conjuntura, porque não é o professor que coloca bibliotecas na escola e tanto mais. O outro, ainda, diz que " é relativo porque são muitas situações estão na sua génese. Absentismo elevado pouca motivação e debilidades de alguns professores. Todas respostas colocadas na balança apercebemo-nos de que, os nossos inquiridos foram unânimes em mostrar que a questão do insucesso escolar é muito complexa e tem a ver com muitas situações, embora um deles tenha respondido que a responsabilidade é do aluno e da sua mal preparação a partir da base.

c) Sobre se a escola está preparada para promover o sucesso escolar

A resposta maioritária foi de sim (3), devendo capacitar os professores, promover debates, incentivar o estudo e criar estratégias para maior participação dos pais e encarregados de educação; é preciso usar métodos eficazes para que os alunos entendam a matéria. Outros ainda acham que, os professores estão bem preparados. Um, nega a possibilidade da escola promover sucesso escolar dos alunos, sem apresentar nenhuma justificação.

d) Sobre se costuma incentivar os alunos com atividades de complemento curricular para promover o sucesso escolar

A resposta é afirmativa, mandando alguns trabalhos de investigação, mesmo sem biblioteca na escola. Um, diz que utiliza os programas de disciplina de forma fechada. Outro dá explicações nas horas extras, dialogando mais com os alunos e incentivando-os a terem o hábito de estudo. Finalmente, o ultimo não realizada nenhuma atividade fora do currículo.

e) Sobre mudanças a operar na escola para promover o sucesso escolar

Os nossos entrevistados apontam a responsabilidade para alunos e professores, devida assiduidade, mais incentivos, clarificação das políticas educativas, a revisão dos currículos, infraestruturas que facilitem a boa acomodação. Os professores inquiridos são unânimes em dizer que essas são elementos basilares para que haja bom aproveitamento. Afirmam que uma boa acomodação pode permitir aos alunos mais concentração e consequentemente mais aprendizagem e que o contrário pode causar distração. Imagine-se, por exemplo, uma criança que estuda ao ar livre não consegue estar completamente atenta à matéria e ao professor. Sempre que houver uma pessoa ou um veículo a passar, está logo distraído. Portanto, uma criança pregada ou sentada na lata ou na pedra para ouvir as aulas, seguramente não terá todo conforto possível, e consequentemente, vai ser diminuta a sua concentração e aprendizagem.

A merenda escolar influencia o aproveitamento escolar, sobretudo para aquelas crianças vindas de famílias desfavorecidas ou então nas zonas rurais. São 4 professores que defendem essa ideia dos 5 por nós entrevistados. É grande incentivo para reter mais crianças na escola e evitar o absentismo ou mesmo abandono escolar. No entanto, pode ser complexo um dia em que falta a mesma. Portanto, a merenda escolar tem um lado positivo e outro negativo. Ainda assim, é de recomendar que haja merenda, sobretudo para os contextos mais carenciados.

f) Sobre mudanças a operar ou operadas no currículo e no sistema educativo para promover o sucesso escolar.

Os professores responderam que era necessário adequar a grelha de cadeiras às reais necessidades do país; fazer uma profunda revisão dos atuais currículos e retirar aquelas disciplinas acidentais; as disciplinas e os conteúdos devem estar nas linhas ambicionadas pelos alunos. Articulação dos conteúdos de acordo com a vida quotidiana do aluno. Devem ser revistos os conteúdos elaborados para sermos concretos e objetivos.

A monodocência, parte importante da Reforma educativa em curso no país, influencia a qualidade de ensino. Para alguns três (3), é prejudicial, na medida em que nem todos os professores dominam todas as disciplinas, acabando por não darem bem todos os conteúdos. Mas, outros são de opinião de que quem está ensino médio ou Magistério primário devia estar em condições de lecionar todas as disciplinas. Esses acham o problema da monodocência ser um falso problema. Há aqui um jogo de *ping pong*. Pelo sim e pelo não, achamos que muitos professores não estão preparados para as dinâmicas da monodocência. Além disso, há falta de articulação entre os ciclos. O Ministério da Educação precisa de rever as políticas para evitar insucessos na escola angolana, por falta de compreensão e condições de funcionamento da reforma.

Advogam a necessidade de investimento nos recursos humanos e materiais, com a construção de mais escolas, campos multiusos, refeitórios, cantinas e remuneração condigna dos professores; que haja permanente supervisão pedagógica; criação de uma disciplina de técnicas de estudo, criação de bibliotecas em todas escolas (pelo menos do I e II ciclos do ensino secundários). Outro elemento apontado é a despolitização do sistema de ensino e aprendizagem bem como também a mudança do sistema de ensino tradicional de modo a acompanhar a evolução da educação contemporânea.

g) Sobre mudanças a operar nos professores para promover o sucesso escolar

Os professores advogam que, para haver sucesso, devem mudar atitudes; evitar o absentismo laboral, aperfeiçoar as metodologias de ensino, criar mais empatia com os alunos. Tudo o que foi exposto leva-nos a concluir que um bom clima na sala de aula é fundamental para que haja mais aprendizagens da parte dos alunos. Piletti (2003) diz-nos que o autoritarismo e a inimizade geram antipatia por parte dos alunos. Antipatia em relação ao professor faz com que os alunos associem a matéria ao professor e reajam negativamente a ambos. É importante pois que o professor e o futuro professor pensem

sobre sua responsabilidade, sobretudo em relação aos alunos dos primeiros anos, sobre os quais a influência dos professores é maior.

Ainda, três (3) professores referem que a falta de qualidade degrada com as suas nefastas influências e enferma o nosso sistema de ensino, debilitando as possibilidades de ensinar e aprender junto de muita população estudantil. Muitos alunos transitam de classe sem mínimas competências para isso.

h) Sobre mudanças a operar nos alunos para promover o sucesso escolar

Os alunos para terem mais sucesso devem ter: mais dedicação, assiduidade e serem ativos a todos níveis. Os professores não foram claros sobre desenvolvem atividades de apoio ao aluno. Também não tivemos muitas respostas conclusivas.

3.4.3. A visão do Diretor da Escola

Quisemos saber o que, para o diretor, poderiam ser fatores de insucesso escolar tendo em conta os intervenientes no processo educativo, as condições físicas e materiais e o currículo.

a) Plano de estudos, programas, modelo de avaliação e o sucesso escolar

Para o diretor, o atual modelo de avaliação contribui para o sucesso dos alunos. Segundo entrevistado o atual sistema permite mais participação do aluno. A Reforma educativa prevê que se faça avaliação contínua dos conhecimentos. Cada aluno tem a possibilidade várias vezes por trimestre, mês, semana e/ou mesmo por dia. Isto cria mais entrosamento entre o aluno e professor e permite que aluno seja mais conhecido pelo professor.

> *D - Não. Visto que permite mais participação por parte do aluno, mais entrosamento e mais familiaridade com o professor.*

Quisemos saber se tem havido cumprimento dos programas previstos, ao que afirmou que de forma geral sim.

> *D- Sim, tendo em conta o papel que os pais e encarregados de educação desempenham na comunidade.*

Quanto ao aproveitamento dos resultados académicos, no fim de cada ano, afirmou ter havido bons sinais, sendo notório o nível de aproveitamento. Mas que se devia esclarecer que nem sempre os resultados positivos são sinónimos de sucesso.

> *D - Sim, normalmente em cada trimestre é notável o nível de aproveitamento dos alunos. Isso nos dá muita alegria, embora as notas positivas representem profundamente o sucesso escolar.*

b) O envolvimento dos pais e EEs e o sucesso escolar

Quanto aos encarregados de educação e o seu envolvimento na vida académica dos seus encarregando, se isto é um elemento que pode contribuir para o insucesso. Aqui, o inquirido disse-nos que sim, na medida em que eles desempenham um papel preponderante na vida dos filhos.

> *D - Sim, normalmente em cada trimestre é notável o nível de aproveitamento dos alunos. Isso nos dá muita alegria, embora as notas positivas representem profundamente o sucesso escolar.*

c) A gestão educativa, parcerias e o insucesso escolar

A equipa de direção se estabelece parcerias que contribuam para o aumento dos recursos materiais e melhoria dos recursos humanos, havendo intercâmbio muito grande entre a escola, a Administração Municipal, a repartição e a Direção Provincial da Educação.

> *D - Sim, nomeadamente, a Repartição municipal da Educação, a administração municipal e direção provincial da educação.*

d) Papel que o diretor tem desenvolvido no combate ao insucesso escolar

Quisemos também saber, a partir do seu papel de Diretor da escola, se tem desenvolvido alguma ação ou projeto de gestão para minimizar o insucesso escolar. A resposta foi positiva:

> *D - dialogo com os alunos, há também algumas palestras alusivas a estes problemas, divulgamos os objetivos do Ministério da educação e do governo no processo de Ensino-Aprendizagem.*

e) Sobre o clima de escola e o insucesso

Quanto ao ambiente na escola em referência, ele considera-o de satisfatório.

D - Acho satisfatório, embora não falte algumas flexões, o que é completamente normal para aqueles que vivem em comunidade ou têm maior parte do tempo em comum.

f) A atribuição de responsabilidade sobre o insucesso escolar

Quanto a quem atribuía a responsabilidade do insucesso escolar. Respondeu que era tudo relativo e tudo dependia do concreto. Aqui a resposta distribuir as responsabilidades a cada um dos intervenientes. Ausência dos alunos nas escolas, pouco acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem.

D - Depende muito do contexto e das situações. Pode-se apontar o caso da ausência de alunos nas salas de aulas; pouco acompanhamento dos pais e EEs no processo de ensino-aprendizagem.

g) Sobre como reverter a situação de insucesso

O que se podia fazer para inverter o quadro e, assim, ter mais sucesso escolar. A resposta não se fez esperar: foi no sentido de maior cooperação entre os agentes educativos, mais participação da sociedade em geral do processo de ensino e aprendizagem, maior engajamento dos professores, direções de escolas, Igrejas, associações juvenis, autoridades Tradicionais, e políticas educativas, primar pela capacitação dos docentes, Formação dos professores e mais diálogo entre aluno e professor, professor e aluno; professor e direção da escola, e vice-versa, melhoramento da oferta de material didático.

D – Eis algumas soluções: aproximação entre os alunos e direções de escolas; muita aproximação entre o conselho, EEs e as direções escolares; mais participação da sociedade em geral no processo de ensino e aprendizagem; maior engajamento dos professores direções de escolas, igrejas, associações juvenis, autoridades tradicionais… nas políticas educacionais; primar pela capacitação dos docentes; mais diálogo entre aluno-professor, professor-aluno, professor e direção das escolas; aumento e melhoramento do material didático.

4.5. Reflexões sobre os resultados

Podemos dizer que o fenómeno de insucesso escolar não é um problema de fácil solução e que não existem planos ideais, nem soluções únicas, nem ainda receitas infalíveis para o sucesso escolar e para combater o abandono escolar. No entanto, consideramos que devemos sempre procurar o nosso contributo através da investigação, pois pode permitir-nos apresentar respostas possíveis, pressupostos, reflexões, variáveis preditivas, contribuindo para o desenvolvimento da temática em análise.

A educação intelectual foi sempre importante. Hoje, porém, mais do nunca, devido ao tipo de sociedade em que temos de viver, marcada pela globalização, face ao qual nos devemos definir e dentro da qual devemos estar cativos, qualificada e criticamente presentes. Se, de facto, o valor do homem não se mede pela sua educação intelectual, também não é menos verdade, que não se é plenamente homem sem ela. O homem tem hoje necessidade dela para estar esclarecidamente presente no mundo, captar o sentido das realidades, exercer competentemente uma profissão e realizar a sua própria vida como homem do e no seu tempo. (Veiga, 2012, p.172)

No entender do autor, hoje a educação intelectual tornou-se um problema muito grave e sério, a contar pelos inúmeros intentos de reformas efetuadas ou ainda a efetuar, por todos os lados e pela abundante bibliografia dedicada ao assunto. Podemos mesmo afirmar que a educação anda ligeiramente "doente". Dai a preocupação de pedagogos, pais, professores, entre outros, e grande luta na procura de medicamentos para este "cancro" que chama insucesso escolar. Segundo Fernandes (2006, citado por Fontes s/d, s/p) "vivemos num mundo cada vez mais informatizado e dependente das novas tecnologias de informação. Torna-se vital a valorização de novos objetivos educacionais e a redefinição dos processos de ensino e modos de atuação dos professores", que se querem mais consentâneas com os desafios dos processos de formação discente e docente para uma cidadania ativa enfocada na participação no desenvolvimento.

Com a **implementação das novas tecnologias**, entre outras ferramentas e métodos ativos, o papel do aluno pode ser mais relevante e motivador, contrariamente ao ensino tradicional, onde o professor exerce o papel principal, sendo as aulas frequentemente expositivas e com pouca interação pedagógica e uma atitude passiva do aluno. Com a evolução tecnológica é uma realidade bem assente nos nossos dias, cada vez mais se utiliza a tecnologia nos conteúdos curriculares, pois esta permite a

diversificação das atividades facilitando, assim, a resolução de problemas e permitindo uma maior participação do aluno no processo de ensino/aprendizagem.

Outro aspeto importante é a **reconfiguração do papel do aluno** de âmbito do seu processo de formação, como medida para possível redução do insucesso escolar.

Acreditamos que o aluno deve ocupar, efetivamente, o centro do processo educativo. O princípio fundamental da verdadeira conceção pedagógico - didática é o valor central e insubstituível do educando no processo educativo. O centro não nem o programa, nem o professor, nem a sociedade, mas o aluno: tanto na sua realidade atual com futura; tanto nas suas características individuais como nas suas exigências sociais; tanto na sua vocação temporal como na sua dimensão de eternidade. Este princípio leva-nos a conclusões muito práticas relacionadas quer com os métodos pedagógicos, quer com a conceção dos programas e o conteúdo dos mesmos (Veiga, 2012, p.176).

A centralidade do aluno exige que este seja conhecido profundamente em toda a sua originalidade e em cada uma das fases da sua vida para que o ensino se adapte às características próprias do aluno e do seu ritmo de aprendizagem para o caminho do sucesso. Assim, os educadores devem habituar-se a observar o educando, a estudar as suas reações e a estrutura da sua personalidade para poderem agir com sabedoria. Na opinião de Veiga, a razão desta adaptação ao aluno é mais do que evidente: é preciso que haja uma psicologia diferencial. E esta mesma característica da centralidade do aluno exige que uma, uma vez conhecida a sua vocação, a escola proporcione-lhe os meios para autêntica preparação e realização da mesma. Mas é preciso tomar cuidado: falar da individualização não é falar de individualismo: aquele que humaniza e liberta; este que atrofia e mata.

A escola deve preparar o homem para a vida na sociedade que o espera e na qual já está inserido. O homem deve ser preparado a viver o hoje do seu mundo e preparar-se para agir nele e sobre ele, sendo capaz de se integrar ativamente no mesmo e de contribuir para a sua transformação. Trata-se da formação da personalidade de modo que possa ser sujeito e não simples objeto na sociedade em que vive e naquela em que viverá. Para isso, não pode a escola esquecer-se de que a sua finalidade não é só a instruir, mas, e sobretudo, educar de forma integral o homem para viver no seu mundo e no seu tempo.

Quanto **aos formadores/professores**, o ensino é uma profissão. Por isso, como todas as profissões, também o ensino, para ser bem exercido, exige um domínio

adequado da técnica e da arte de ensinar, ou seja é preciso adquirir as competências profissionais (Boa Ventura, 2013, p.13). O professor é um dos maiores trunfos da escola e está presente em todos discursos sobre a educação. Independentemente das razões, sejam elas boas ou más, em contexto educacional fala-se sempre da figura do professor. Por isso, deve, ele estar em posição vantajosa. Para que isso aconteça é preciso que tenha uma formação sólida e reconhecida. Nas palavras de Castro (2002, p.191), a formação do educador não se completa apenas com a apropriação do conteúdo da disciplina que se propôs a ensinar. Isto é importante e até indispensável, mas persiste uma outra exigência, a de formação pedagógica de modo que a atividade de ensinar supere os níveis do senso comum tornando-se uma atividade sistemática.

É importante dizer que, no âmbito da Reforma do sistema de ensino " o professor bem preparado é chave de toda inovação educativa-didática, o fator determinante da qualidade da escola. Cada inovação educativa requer um impulso externo como política educativa e um investimento económico adequado, porém a sua gradual atuação e implementação exige inteligência, a competência e a convicção pessoal por parte do professor" (Nanni, 2000, citado por Boa Ventura, 2013, p.12).

São três fatores que estão a influenciar e decidir a importância da formação de professores na sociedade atual: o impacto da sociedade da informação, o impacto do mundo científico e tecnológico e a internacionalização da economia. (Garcia,1999, citado por Boa Ventura, 2016). A formação aparece como o instrumento mais potente para democratizar o acesso das pessoas à cultura, à informação e ao trabalho.

O grande desafio que se põe aos professores nos tempos hodiernos é que não basta a competência em criar condições de aprendizagem de conteúdos por parte dos alunos. É necessário e urgente educar para as relações sociais através de atividades sociais e pró-sociais. Assim, a arte de ensinar deve fazer com que ao mesmo tempo que os alunos aprendem os conteúdos, se realize, de igual modo, a colaboração, a solidariedade, a responsabilidade, o aumento da auto estima, o prazer de estar com os outros, o encorajamento e a motivação, o sucesso e a realização dos objetivos que individualmente seriam impossíveis de realizar. Isso tudo permitirá termos professores para mudança educativa.

Na verdade, a humanidade hoje precisa de professores com visão emancipada, que possibilitem transformar as informações em conhecimento e em consciência crítica,

para formar cidadãos sensíveis e que busquem um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos.

A redefinição do papel do professor deve caracterizar-se pela passagem de um professor que tudo sabe, que transmite comunicando como fonte de saberes e reduz os alunos a simples ouvintes, à uma imagem de professor caraterizada como: um agente qualificado e competente com uma identidade bem definida, uma figura de rede capaz de trabalhar e gerir relações com todas as pessoas, um facilitador da aprendizagem, um operador multimédia que sabe utilizar a globalidade de mensagens, um protagonista de investigação educativa, em vez de um executor acrítico de currículos já definidos.

Uma das mais importantes implicações da teoria do psicólogo suíço, Jean Piaget, é que a aprendizagem mais eficiente ocorre quando o professor combina a complexidade da matéria com o desenvolvimento cognitivo dos seus educandos, tendo em mente que nem todos os alunos de uma turma ou classe estão no mesmo ponto do desenvolvimento intelectual. (Nanni, 2000)

Ainda, é uma obrigação de consciência frisar que no âmbito de qualquer reforma do sistema educativo o professor bem preparado é chave de toda a inovação educativa-didática, o fator determinante da qualidade da escola. Assim, cada inovação educativa requer um impulso externo como uma política educativa e um investimento económico adequado, porém a sua gradual atuação e implantação exige a inteligência, a competência e a convicção pessoal por parte do professor (Nanni, 2000, citado por Boa Ventura, 2007). Boa Ventura frisa, ainda, que os professores devem ter consciência de que hoje a formação prioritária da nova escola é a criação de ambientes favoráveis à aprendizagem, abandonando a sequência tradicional estudo-interrogação, e passar a uma comunidade educativa de discentes e docentes empenhados coletivamente no processo de aprendizagem dos objetos de estudo e na construção de um saber compartilhado. Assim, será necessário fazer recurso a métodos de ensino capazes de valorizar simultaneamente seja aspetos cognitivos e sociais, seja aspetos afetivos e relacionais de todo tipos de aprendizagem.

A atual formação de professores nos institutos de formação de professores em Angola enquadra-se no âmbito da reforma educativa em curso no país da qual é parte integrante e aprovada pela lei de base do sistema educativo angolano. No âmbito da reforma educativa, para o seu sucesso se reconhece que além da mobilização de um conjunto de recursos humanos e materiais será necessário e indispensável o

desenvolvimento de programas de formação inicial e contínua, quer de quadros de chefia e direção (Simão, 2000, citado por Boa Ventura, 2007).

Em todos países, há uma grande preocupação para que haja uma formação de qualidade para todos os professores, sobretudo para os principiantes. No caso de Angola, temos de afirmar que não existe, em todas as instituições no campo da educação escolar, a formação inicial nos institutos médios normais de formação de professores ou em instituições do ensino superior. Os novos professores são inseridos através do concurso público, como docentes do sistema educativo e são enviados às escolas onde deverão trabalhar nas quais, através de tentativas e erros, enfrentam de modo individual e isolado o choque da realidade do seu novo estado de professor principiante. Aí, entre tentativas e erros enfrentam de modo individual o choque da realidade do seu recente estado de professor e principiante. Como consequência, muitos por falta de apoio das próprias escolas e das administrações escolares locais, na primeira oportunidade que tenham para trocar de profissão docente o fazem e os que permanecem exercendo a profissão docente o fazem porque é o único meio que têm para a sobrevivência, afirma (Boa Ventura, 2007).

Há que reconhecer, com muita satisfação, que, quanto à formação dos professores em serviço, isto tem sido uma realidade, embora de uma forma exígua. Em Angola, realiza-se um programa de formação através de cursos de formação caracterizados pela presença de professor considerado perito no âmbito do conhecimento disciplinar, psicopedagógico, didático ou organizacional, o qual determina o conteúdo assim como o plano de atividades do curso. Portanto, são cursos de formação organizados segundo o modelo piramidal do topo a baixo que muitas vezes não tem em conta as necessidades reais e mais urgentes dos professores em formação, e por outro lado peca contra os princípios da formação de adultos que primam pelas dimensões de auto formação, auto regulação e o princípio da significatividade, fundamentais para os adultos quando estão envolvidos em processo de aprendizagem. (Boa Ventura, 2013).

Depois de tudo isto que ficou dito, acerca da formação dos professores é mister frisar: o atual nível de qualidade do ensino em Angola impele às autoridades e todas as pessoas e instituições envolvidas no campo educativo, a mobilizar todos os recursos ideológicos materiais e financeiros para as instituições escolares e em particular para a formação de professores.

Mas, para que haja sucesso, é urgente a institucionalização da formação contínua de professores principiantes e outros, a nível das próprias instituições escolares ou em colaboração das escolas vizinhas. Também, os professores em serviço, que seja feita de tal maneira que todos os professores sejam envolvidos e não se realize de forma seletiva com a participação de grupos reduzidos de professores escolhidos e que representam as próprias escolas. Neste sentido, as escolas de formação de professores podem ser muito úteis em colaboração com as escolas, apoiando essa formação de professores.

Quanto à formação inicial, nas instituições de formação de professores, é fundamental a sua estruturação através de um currículo colaborativo e de um modelo integrado que possibilite a aquisição de competências de base para o exercício da função docente. (Boa Ventura, 2007). Deste modo, é necessário valorizar mais os professores, investindo na sua formação continua e responsabilizando-se na criação de condições adequadas de trabalho, a fim de garantir a efetividade do projeto.

Essa formação contínua, todavia, não deve ser aleatória, mas deve ter em conta aquilo que se pretende realizar em cada escola a fim de projetar uma formação contínua dos professores que seja eficaz, sendo necessário que a instituição que se propõe realizá-la predisponha-se a responder a questões que sirvam de condutor para a tomada de decisão sobre aquilo que é prioritário e necessário para os professores, nesta matéria. Tais questões podem ser as seguintes: quais são os objetivos do nosso projeto educativo? Que tipo de homem queremos formar? Qual é o papel que se espera do professor na nossa instituição? Quais são os interesses e as necessidades formativas dos nossos professores? Que tipo de professor precisamos para uma boa articulação do nosso projeto educativo? (Boa Ventura & Gonçalves, 2014).

Na ótica de Valle (s.d.), os cursos de formação não podem estar voltados exclusivamente para a escola. É preciso fazer uma leitura do quotidiano, do mundo da mídia, da informática. Há variadíssimos espaços de atuação do professor que devem ser trabalhados. Além disso, a escola não pode ficar a margem das modificações culturais, facto que não está sendo considerado pela formação do professor. A autora frisa que o papel do professor não está circunscrito à escola. É preciso, pois, um reformular de atitudes, sair do didatismo exagerado, evitar o viés político partidário.

De acordo com Boff (1995), há necessidade de uma pedagogia para a globalização em virtude da emergência do novo paradigma: a comunidade planetária que devia estar

mais voltada para a ecologia, enquanto " Uma nova forma de organizar o conjunto de relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com seu sentido neste esforço".

Esta formação que se realiza para cada caso concreto, deverá então adotar métodos e meios de ensino, bem como mecanismos de diferenciação pedagógica e de flexibilização dos programas, adequando-os à diversidade dos alunos a fim de promover o sucesso escolar, nomeadamente a nível dos objetivos específicos, conteúdos essenciais, e do desenvolvimento integral do jovem (ME, 2008)[4].

Outra questão importante leva-nos a uma palavra para o problema dos currículos. Menezes (2010, p. 31) chama a atenção de que "não é possível continuar a conceber o currículo de uma forma estática, apenas como plano, rígido nos seus conteúdos, organização e modelos de trabalho, a partir de um único padrão, centralmente concebido que supostamente as escolas aplicam". O currículo deve ser dinâmico e deve ser adaptado às reais e atuais realidades do país e dos povos. Para o autor, em Angola os debates sobre o currículo têm sido pouco frequentes, mas, no entanto, em grande parte por força da reforma curricular e pelas consequentes movimentações no seio da comunidade educacional, conducentes ao debate e à legitimação e as ações pedagógicas, agora com mais importância na realidade cultural educacional.

Segundo Boa Ventura (2013) a necessidade de reforma nas nossas escolas cria também a necessidade de uma nova geração de professores que deve ser alimentada através de uma formação solida e que exige, de igual modo, de uma reflexão profunda reflexão sobre o tipo de cultura que se quer formar, para depois definir a orientação da educação e instrução e, finalmente, realizar um investimento sério no setor da educação e do ensino.

Como a situação socioeconómica das famílias é desfavorável e foi grandemente afetada, nas últimas décadas, pelo conflito armado, pela crise económica financeira e pela falta de chuvas nalgumas regiões, esta surge como uma agravante do insucesso escolar, e funciona como mais uma determinante de exclusão escolar.

Na opinião de Valle (s/d), quanto menor a renda familiar, mais baixas são as notas, mais absentismo, maior é o abandono escolar. Na verdade, o ingresso precoce da criança no mundo de trabalho, ocorre por necessidade de aumentar a renda familiar e

[4] ME, Artigo 11, Estatuto da carreira docente angolano, de 4 de Março, de 2008

também em alguns casos para ocupar todo o tempo em alguns para que não ande em más companhias.

Hoje, apesar de todo esforço envidado pelo governo com a criação de incentivos para manter as crianças no seio das suas famílias e nas escolas, ainda assim é bastante o número dos que se evadem para as cidades, sobretudo para a capital do país para ajudar o sustento das famílias. Somos de opinião que o governo procure melhores medidas de políticas educativas, com incremento da merenda escolar, sobretudo para as zonas rurais, onde a pobreza é muito mais visível. Achamos que outra política passaria por adotar com algum apoio de sexta básica as famílias mais vulneráveis, sobretudo nas zonas rurais.

Em última análise, o insucesso escolar não é uma fatalidade e as crianças não estão destinadas a serem boas ou más alunas, tudo dependerá do funcionamento da escola e da sua interação com o meio social e também das características da própria criança, pelo que requer responsabilidade e intervenção partilhadas dos agentes educativos nas comunidades educativas e o acompanhamento de maior proximidade com o poder local e institucional no sentido de dar condições físicas, humanas, materiais e formação continuada aos responsáveis educativos do sistema escolar.

Efetivamente, não só os recursos humanos, como também a organização escolar pode contribuir de diferentes formas para o insucesso dos alunos. Frequentemente esquece-se esta dimensão do problema, mas a escola angolana vive graves problemas. A nossa escola não goza da reputação e do prestígio que lhe cabem no seio da sociedade; contínua marginalizada e longe de responder às exigências da sua verdadeira natureza (Imbamba, 2003). Para o autor, a situação da escola em Angola é deveras dramática e preocupante, porque muitas delas transformaram-se em autênticos antros de vícios e maus exemplos na medida em que alguns professores, de educadores, se converteram em sedutores, corruptores e vendedores de notas e certificados e assim vão condenando os alunos à preguiça mental e à ignorância.

"A nossa é uma escola que 'fornece muita instrução (às vezes insignificante), mas muito pouca educação, muita informação, mas pouca verdade; concede um espaço amplo à ciência, mas quase nenhuma sapiência; cultiva intensamente a racionalidade técnica e científica, reservando pouca atenção à racionalidade humanística, ética e religiosa. Portanto, ainda de acordo com o autor, é uma escola que fornece aos jovens muitos meios, mas as vezes sem fins, ideais, valores adequados para fazer deles um uso

correto" (Imbamba, 2003, p.144). Ainda há casos em que, a escola não oferece nem meios nem fins, deixando assim nos alunos um vazio tenebroso e assustador, remata o autor.

O elevado número de alunos por turma, de um modo geral pode também estar na base do aumento das taxas de repetências e de abandono escolar. Os professores e os alunos depositam expectativas baixas em relação à escola. Nas escolas onde isto acontece os resultados tenderão a confirmar o que todos afinal estão à espera: um clima de irresponsabilidade e de falta de trabalho. Os exemplos abundam para que esta afirmação careça de grandes justificações.

Objetivos educativos e educacionais não Partilhados. Se só alguns conhecem os objetivos prosseguidos pela escola, ninguém pode identificar-se com ela e contribuir para a atingir as metas que se preconizam; questões de avaliação, ninguém sabem o que se anda a fazer. Numa organização que sistematicamente não se avalia os seus resultados em função dos objetivos que definiu, e muito menos não se procura identificar as causas dos seus problemas, pelo que o clima de instabilidade instala-se e, com isso, os maus resultados.

Outrossim**, a deficiente orientação vocacional** que muitos alunos revelam no ensino pós-obrigatório é agravada pela ausência nas escolas de serviços de informação e orientação adequados. Junta-se o **elevado número de alunos por escola e turma**, tendem igualmente não apenas a provocar o aumento dos conflitos, mas sobretudo a diminuir o rendimento individual. Também, a organização de **turmas demasiado heterogéneas em idades**, não apenas dificulta a gestão da aula pelo professor, como a coesão do grupo, traduzindo-se no incremento de conflitos internos.

Além desses, o **clima escolar**, isto é a qualidade do meio e das relações internos a uma organização, influencia bastante o comportamento dos seus membros contribuindo para o seu sucesso ou fracasso. O problema é que o clima escolar resulta de uma enorme variedade de fatores, sobretudo dos que são de natureza imaterial como as atitudes, esperanças, valores, preconceitos dos professores e alunos, o tipo de gestão etc., e não tanto do ambiente físico (instalações, localização da escola, etc.). O problema reside em identificar quais são as causas determinantes para um mau clima escolar. Uma coisa é certa, os alunos que trabalham num bom clima tendem a obter melhores resultados que os restantes.

A cultura organizacional sucedânea no plano teórico do conceito de clima escolar tem, obviamente, a sua cota parte no insucesso escolar. O problema é que desde os anos 60 que não se parou de identificar novos tipos de culturas organizacionais. No início apenas se diferenciou as culturas das escolas urbanas (antigas) e das suburbanas (recentes). Concluiu-se então que nas primeiras, a questão da disciplina sobrepunha-se à preocupação com os resultados. As relações professor-aluno eram marcadas pela dureza, formalismo, etc. Nas segunda, talvez porque as instalações são mais recentes e o corpo docente mais novo, respira-se um certo ar facilitador de melhores resultados escolares face os problemas disciplinares, apesar de insuficiente.

Centrado nas escolas portuguesas, Gomes (s/d) identificou quatro grandes modelos culturais:

a) Escola Cívica - onde tudo está subordinado aos diplomas oficiais, não há lugar para as diferenças individuais, muito menos para a inovação pedagógica, o que conta são os regulamentos, as ordens dimanadas do Estado. Nesta escola, os que podem ter êxito são os mais obedientes, dóceis, ou seja, os que continuamente se anulam a si mesmos, na sua individualidade e nas suas aspirações;

b) Escola Doméstica - cujo estatuto de cada um depende da sua posição numa hierarquia definida por uma rede de dependências pessoais. Os laços pessoais, a importância relativa do grupo de pertença, a antiguidade no território, estes são os únicos dados que contam para se ter êxito ou não;

c) Escola Industrial e de Mercado - enfrentam sérios desafios da atual sociedade, privilegiando-se valores como "competência", "especialização" e "capacidade de inovação". Estamos perante uma escola tecnocrática, apostada em responder de forma adequada às crescentes exigências do mercado. Os menos aptos, ou os que possuem ritmos de aprendizagem mais lentos são naturalmente sacrificados em nome das exigências impostas pela competitividade;

d) Escola Narcísica – que está sobretudo interessada na imagem de si a partir do reflexo que produz nos outros. Trata-se de uma escola construída a partir da produção de uma imagem de marca, de "fachada", onde tudo é feito em função deste objetivo mobilizador. Os resultados concretos do ensino são claramente subalternizados, por um discurso retórico de autossatisfação.

Em todas as culturas, uns são beneficiados, outros são conduzidos para o fracasso.

No que diz respeito às **questões da organização e desenvolvimento curriculares**, há um desfasamento entre o currículo escolar dos alunos e os requisitos de entrada/perfil. Os alunos ingressam em novos ciclos sem que possuam os pré-requisitos necessários. Não há documento que verse a avaliação curricular que não tenha uma referência crítica esta questão. **Os currículos** são considerados demasiado extensos, que não permitem que os professores utilizem metodologias ativas com maior participação dos alunos. A necessidade de cumprir os programas inviabiliza a adoção de estratégias mais ativas, mas sobretudo retira tempo ao professor para ultrapassar as dificuldades individuais de aprendizagem que constata em cada aluno. Há uma desarticulação entre programas das áreas curriculares e, com isso, a superposição de conteúdos que, além de incongruente fomenta a má gestão do tempo na ação pedagógico, situação que faz com que os alunos repitam os mesmos conteúdos, de modo diverso e incoerente ao longo dos anos e das disciplinas, levando-os a desinteressarem-se pelas matérias e a sentirem-se confusos.

As elevadas cargas horárias semanais ocupadas pelos alunos em atividades letivas mais tradicionais, são desde há muito consideradas excessivas. Os alunos têm pouco tempo para outras atividades viradas para a afirmação da sua individualidade, desenvolvimento de hábitos de convivência, participação em ações coletivas em prol da comunidade, entre outras de caráter mais transversal. O resultado é sentirem-se numa escola cativeiro, sem qualquer relação com os seus interesses.

Ao nível do **Sistema Educativo**, as causas apontadas como geradoras de insucesso escolar são igualmente inúmeras a começar pela pouca diversidade das ofertas formativas nos níveis terminais do sistema, em particular no secundário. Outras vezes, quando existem, estão desarticuladas em relação às necessidades do mercado de trabalho. Assim, ainda que o aluno tenha tido êxito no seu percurso escolar, o desajustamento de competências concorre para o fracasso na sua transição para a vida ativa. A elevada centralização do sistema de educativo, não apenas torna a capacidade de resposta (adaptação) muito lenta, como fomento a irresponsabilidade ou a burocracia, ao nível local (as escolas). Junta-se-lhe a incapacidade de gerar o interesse das comunidades educativas tidas como mais-valia importantes no compromisso com a educação dos mais jovens, com efeito, a coresponsabilização da ação educativa baseada

na responsabilização, participação ativa e partilhada dos atores educativos em benefício da qualidade da formação dos mais jovens.

Outras questões são colocadas na forma de **conjunto de medidas para diminuir o insucesso escolar** adaptadas de Mendonça (2009, citada por Fontes, s/d, s/p), tais como: investir na garantia de efetivação da obrigatoriedade de frequência do Ensino Pré-Escolar; melhoria do funcionamento das escolas do 1º ciclo em Regime de Tempo Integral evitando o desdobramento e as turmas compostas; funcionamento de mais turmas com Currículos Alternativos; esforço por garantir perfis de saída com a aquisição de competências para a integração no mundo laboral após a escolaridade obrigatória; a redução do número de alunos por turma; a adoção de manuais e programas por ciclo de escolaridade promovendo o acesso a todos os alunos; o acompanhamento de cada turma pelos mesmos professores em cada ciclo de estudos; a aplicação de formas de avaliação diversificadas, sem que se valorize em demasia as provas escritas, mas dando uma cotação que não oculte a avaliação formativa; o desenvolvimento de valores cívicos e de cidadania; a aproximação entre as escolas e os contextos em que se insere de modo a perceber e interagir com este e com as realidades dos alunos; o desenvolvimento de atividades culturais e desportivas nas escolas como complemento da ação educativa, entre os mais prementes. Por último, mas do que necessidade, mais importante ainda é a reforma da formação de professores em conteúdo e forma, garantindo a formação inicial e a contínua, a supervisão pedagógica e a atualização permanente, face às necessidades educativas dos alunos e de superação das dificuldades da docência.

CONCLUSÃO

Um exame, mesmo que seja superficial, da realidade educacional angolana, leva-nos a inferir que estamos muito aquém de um funcionamento do sistema escolar que se defina como tal. "A falta de qualidade do processo educativo é uma preocupação muito generalizada e o esforço para aumentar a escolaridade e o número de alunos nas escolas, não corresponde a uma oportunidade efetiva para que possam adquirir as competências necessárias para se inserirem no mundo do trabalho e para a vida. As disfuncionalidades no sistema educativo angolano comprometem grandemente o presente e o futuro do país"[5].

Os motivos para isso são vários e mais que evidentes. Vão desde aqueles aflorados na análise geral do insucesso escolar, à análise das debilidades do ensino propriamente angolano, que segundo muitos estudiosos tem a ver diretamente com a história do país, nomeadamente: o influxo do paradigma cartesiano, influxo da educação colonial, o influxo da ideologia comunista e ainda as consequências provindas da longa guerra que afetou sobremaneira a estrutura educativa deste país (Ngula, 2012). Na abordagem tradicional ou cartesiana, portanto, a relação professor-aluno era vertical, sendo que um dos polos (o professor) detinha o poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula, etc. O papel do professor estava intimamente ligado à transmissão de certo conteúdo que era predefinido e que constituía o próprio fim da existência escolar. Neste caso, o professor era o centro do processo educacional, e a transmissão do conteúdo programático também tinha imensa prioridade. (Mizukami,1986 citado por Neto, 2012, p.117).

Ngula ajuda-nos ainda a concluir, que o país não tem recursos financeiros suficientes e se os tem, as vezes são mal empregues. Por isso, e com muito pesar, ainda hoje existem legiões de crianças fora do sistema de ensino, os currículos e os programas não são renovados com celeridade; o pessoal docente em grande parte não parece ter a qualidade exigida, excesso de absentismo e abandono escolar, para além de inúmeras reprovações; não se formam técnicos de que se necessidade. Muitas vezes formam-se tantos técnicos para áreas cujo mercado de emprego já está saturado.

[5] Semana social: Conclusões e Recomendações da V semana social nacional. Igualdade de oportunidades, p.3.

Um dos graves problemas de muitas escolas da atualidade é que contribuem para formar cidadãos escolarizados, mas nem por isso educados ou instruídos suficientemente. Existem casos de alunos cuja bagagem académica não é compatível à sua classe. Por isso, o nosso trabalho foi buscar através da bibliografia disponível, como através de vários inquéritos aplicados, procurar as causas mais aproximadas no sentido de acertar mecanismos desse mal que invisivelmente vai dizimando as nossas crianças e o país em geral.

A partir do estudo realizado, embora diminuto, e porque a amplitude do problema não se confina neste modesto trabalho, ainda assim chegamos à conclusão de que grande parte dos problemas vividos, com a falta de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, tem a ver com o próprio aluno (fatores endógenos). Tanto da investigação bibliográfica, como dos inquéritos realizados, percebemos que, ele tem uma cota parte para tais problemas. Assim, no discurso dos professores, continuam presentes referências aos dotes inatos de cada aluno, (as qualidades intrínsecas) e à distinção extremada entre o bom e o mau aluno. Para os professores, muitos alunos não se empenham, não se dedicam e nem têm vontades. Muitos não gostam daquilo que fazem.

As explicações de Benavente (1990, citada por Venâncio e Otero, 2002, p. 27) mostram-nos que, os fatores de insucessos escolares prendem-se com a dimensão cognitiva (memória, abstração, compreensão), normativas (disciplina, sanção, desinteresse) e sociofamiliar (défices culturais, sociais e relacionais).

Outra conclusão a que chegamos tem a ver com as famílias. Segundo a nossa investigação, é que as famílias mais desfavorecidas orientam-se por uma relação muito contextualizada com a realidade, numa perspetiva imediata de definição rígida de papéis. Nas famílias menos favorecidas constata-se uma maior percentagem de crianças com dificuldades escolares, com versões restritas do futuro e em que as opções traduzem visões imediatistas e descontextualizadas. Nestas famílias há um desinteresse evidente perante os estudos dos filhos e, consequentemente, os resultados destes mesmos alunos tendem a ser negativos, demonstrando desta forma que a família tem muita influência no sucesso/ insucesso do aluno.

Achamos ainda que, apesar do grande esforço em eliminar assimetrias entre a cidade e o campo, este pensamento não deixa de ser uma utopia. O país continua, infelizmente, a registar este mal. As cidades continuam a ser as mais servidas, tanto a

nível das infraestruturas, como a nível dos recursos humanos. Continuamos a verificar que nas escolas urbanas e suburbanas existem professores excedentários em detrimento das escolas rurais onde, muitas vezes, centenas de crianças são assistidas por dois professores ou mesmo um. O mais agravante ainda é que esses nem sempre têm uma preparação adequada e trabalham fora das Zonas de Influência Pedagógica (Z.I.P.).

Outro grande mal nas zonas rurais é a falta de infraestruturas compatíveis ao tempo atual. Existem algumas, é de reconhecer o esforço do Governo angolano, para as zonas mais importantes (comunas, povoações de relevo), mas as aldeias perdidas no mapa estão entregues "a deus de alá". No pensar de Martins (2007) o estrato social, familiar, a falta de estruturas sociais escolares, o baixo nível cultural e social das famílias, quando não proporcionam meios, estímulos, motivação, condições de estudo e aprendizagem aos seus educandos, são entraves para o normal funcionamento do processo de ensino e aprendizagem e, estão na base do insucesso escolar.

Outro facto levantado é a questão do meio envolvente. Relativamente a este facto, a distância que muitos alunos têm de percorrer para chegar à escola é desgastante. De facto a distância é grande, o aluno tem dificuldades acrescidas pois o facto de estar longe de casa todo o dia e o tempo que fica apeando, isto pode afetar o seu desempenho. Deste modo pode ficar imperativamente afetado o tempo que poderia dedicar aos estudos, tendo implicações na vida de estudante, traduzindo para um fator negativo que pode conduzir ao insucesso e abandono escolar. Esta é a situação de milhares de crianças em Angola, sobretudo nas áreas rurais.

A situação de pobreza de muitas famílias foi amplamente realçada aqui neste estudo. Constata-se que, a maior parte das famílias pobres, não tem preocupação com a formação dos seus filhos. Muitas famílias não incentivam as crianças abraçarem a vida estudantil. Diz o ditado: "*nemo dat quod non habet*", ou seja, ninguém dá o que não tem. Muitas famílias estão desprovidas de recursos para custearem todas despesas inerentes à formação dos seus filhos. Consequência disto, muitos jovens, sobretudo das aldeias, fogem para as grandes cidades e ingressam no mundo do trabalho precocemente. Desprovidos de habilidades académicas, acabam por exercerem atividades geralmente precárias que os dispensa de qualquer qualificação profissional e consonante a remuneração auferida. Tudo isso para ajudar no sustendo da sua família. Lamentavelmente, muitos depois chegam há situações menos boas; uma vez fracassada

escola caem em vícios, como a droga, alcoolismo, prostituição, banditismo, mentiras, misérias, mendicidade e todo mal exemplo.

Partindo da opinião de muitos autores e também da nossa experiência do dia-a-dia, como docente e investigador, constatamos que o sucesso/insucesso escolar depende em grande parte da escola e da figura do professor. "Para se alcançar um salto de qualidade na educação, é preciso buscar não só o desenvolvimento e enriquecimento de competências, mas principalmente uma mudança significativa na formação e identidade profissional dos que se dedicam ao ofício de professor. A educação de professores, seu desempenho e o trato do conhecimento é de fundamental importância ao delineamento de novos rumos na prática pedagógica." (Nazar, 2016)

Da organização da escola e da entrega dos docentes depende grandemente o sucesso/insucesso dos alunos. Vejamos por, exemplo, uma escola bem estruturada, número de alunos compatível, acesso fácil, professores qualificados, assíduos e com competências pedagógicas reconhecidas, creio haver ai mais possibilidades para o sucesso escolar. A escola e o professor são chamados, sobretudo, para o ensino de base, a desempenhar uma tarefa de importância capital para a inserção das crianças.

Como diz Imbamba (2003,p.250) "a escola deve ser… um viveiro de qualidade donde brotam os cidadãos autênticos, um espaço vital onde o individuo deve ser cultivado para os valores e ideais mais nobres, forjando, desta feita, cidadãos de qualidade, porque munidos não só de instrução, mas também, de ideais. Eis porque é preciso reforçar e relançar a figura do professor, uma figura emblemática na história da humanidade, mas que na nossa sociedade, infelizmente, está aquém da sua real e indispensável importância". Por isso, será necessário repensar mais a sua formação, mediante uma escolarização de base séria com conteúdos novos, metodologias atualizadas, formadores dignos e bem remunerados.

Tentámos, em formas de síntese, mostrar alguns caminhos para o sucesso escolar:

- Tornar as aulas mais interessantes de forma a aumentar participação dos alunos.
- Ensinar de forma que os alunos aprendam a matéria.
- Apostar na formação contínua de professores.
- Otimizar condições de aprendizagem dos alunos.

- Criar boas relações /aluno /professor[6].
- Criar uma relação de cooperação entre a escola e a família, a partir da escola.

É ponto assente que a qualidade é a preocupação mais nobel de todo e qualquer sistema Educativo. Esta proporciona transformações e promover a pessoa humana e a sua realidade. Qualquer projeto educativo que se faça para alcançar os objetivos desejados deve ter como ponto de partida, análise do contexto educativo, depois a catividade de formação dos educadores e depois o envolvimento de toda a comunidade educativa. (Binji, 2013). Assim sendo, pensamos que a qualidade de ensino e o combate do insucesso escolar passam pela organização inovadora. Esse tem sido a preocupação do Estado angolano, do M.E. e todos profissionais da educação na sua atuação diária, embora seja isso um sonho aquém e distante por atingir. Vamos trabalhar, certos de que o nosso trabalho não será em vão e o nosso sonho não será uma utopia.

Puff! No fim desta caminhada difícil chegamos à conclusão de que, esta investigação não encerra as discussões sobre o tema. Diante da complexidade do fenômeno e do emaranhado que constitui a teia de significados levantados durante a investigação, se faz notável a possibilidade de novas investigações, envolvendo mais fontes e investigadores. Creio ser momento para a sociedade saber buscar mais conhecimentos sobre o tema em questão e buscar caminhos para a sua mitigação. A nossa abordagem quer ser nesta hora, um contributo de análise, de reflexão e de compreensão das complicadas problemáticas que afetam o setor da educação hoje e procura buscar soluções concretas ou pelo menos aproximadas deste setor que achamos ser vital para todas as sociedades e Angola não deve fugir a regra. É, pois, nossa intenção que este trabalho sirva de mola impulsionadora para mais investigadores investirem no assunto, já que tem sido menos abordado, a nível académico, mas que os seus efeitos são claramente visíveis nos tempos hodiernos.

Gostaríamos de dizer que os objetivos e os problemas de investigação inicialmente definidos foram atingidos e sustentados.

[6] Na opinião de Costa (2000) a relação que o jovem estabelece com o professor ou a professora, tem muita influência no modo como os jovens encaram a escola/estudo. O gosto pela matéria passa muitas vezes pela relação professor/aluno.

RECOMENDAÇÕES

Em suma, é mister afirmar que a responsabilidade do insucesso escolar não deve ser imputada a uma só entidade. Existe um conjunto de fatores que, em simultâneo, compõem todo um cenário compatível com o surgimento desse insucesso: o nível socioeconómico dos alunos é muito importante no sucesso/insucesso destes no meio escolar. As famílias têm um papel preponderante, pois a elas cabe motivarem as crianças e jovens e incutirem neles a ideia de que a escola é um meio para alcançar os seus objetivos. Quando não há este incentivo por parte da família, dificilmente o aluno terá bons resultados a nível escolar. Precisamos para isso trabalhar com as famílias, sobretudo as mais desfavorecidas para compreenderem o valor real da formação dos seus filho para o seu futuro e num mundo globalizado.

Os currículos são instrumentos fundamentais para um bom funcionamento do sistema educativo. Eles não estar desfasados com a vida real das comunidades. Devem ser dinâmicos, flexíveis e adaptáveis a vida e às verdadeiras ambições profissionais dos jovens. Por isso, é mister falar das revisões temporárias para que se eliminar elementos desnecessários e introduzir inovações, tudo para o sucesso escolar.

O papel da escola e do professor deve passar não só pelo lecionar conteúdos, mas também motivar e incutir nos alunos valores que lhes proporcionem bons resultados. Por isso, eles precisam estar bem armados com ferramentas necessárias para que seja banida ou minimizada esta epidemia indesejada, que se chama insucesso. Para isso sugerimos a formação tanto a inicial quanto a continuada, como a melhor forma de criar essa competência profissional e assim criar mais sucessos. Assim, os professores de hoje têm pela frente um grande desafio: conduzir com sucesso os seus alunos rumo ao futuro, nunca pedindo o impossível sem antes esgotar todos os possíveis. Portanto, o professor, além de fornecer conteúdos científicos, deverá ter o papel de incentivar e motivar o aluno e incutir nele valores que o tornarão num bom cidadão. Por isso, não basta apropriar-se do conteúdo da disciplina que se propõe ensinar. Essa competência, sem dúvida, é indispensável por significar a qualificação do professor, mas exige-se uma formação pedagógica, ética e política, de modo que a atividade de ensino supere os níveis do senso comum, tornando-se uma atividade sistematizada.

Recomendamos assim que, se invista mais na formação técnica, pedagógica e ética de professores e diretores de escolas. Que os efeitos da Reforma educativa sejam debatidos abertamente com os diferentes atores sociais envolvidos no processo

educativo, a fim de introduzir as correções que se mostrem necessárias. No pensamento do Ministro da educação, deve concorrer para qualidade de ensino, fatores como o asseguramento das infraestruturas, material didático, gestão, inspeção e supervisão, professores motivados e comprometidos com a causa da educação. (Rádio Eclésia, 22/11/2016).

Na opinião de Sergiovanni (2004, p. 82) "o ensino e a aprendizagem têm de ser personalizados para que os professores possam ajudar a construção de conhecimento. Os professores têm de saber ouvir os alunos – e ter o tempo e o interesse para o fazer – para que estimulem esta construção ao mesmo tempo que dão a orientação e a estrutura necessárias". Sergiovanni insiste ainda que, o melhor indicador de que o aluno sabe é o trabalho em si. Nunca esquecer que "o melhor mestre não é o mais sábio nem o que mais trabalha, mas o que faz trabalhar melhor os seus alunos e da maneira mais inteligente, estimulante e eficaz" (Veiga, 2012, p. 187).

Precisamos de eliminar as assimetrias regionais no campo educativo. É preciso servir o campo paridade da cidade. Por isso, o Ministério da Educação deve envidar esforços para levar mais professores, mais infraestruturas e tecnologias que permitam maior inserção, atualização da comunidade escolar rural. Segundo Fernandes (2006), citada por Fontes (s/d, s/p) "vivemos num mundo cada vez mais informatizado e dependente das novas tecnologias de informação. Torna-se vital a valorização de novos objetivos educacionais e a redefinição dos processos de ensino e modos de atuação dos professores". Com a implementação das novas tecnologias, o papel do aluno volta a ser mais relevante e motivador, indo em contra com o conceito básico do ensino tradicional, onde o professor exercia o papel principal, sendo as aulas frequentemente expositivas e com pouca interação.

Como a evolução tecnológica é uma realidade bem assente nos nossos dias, cada vez mais se utiliza a tecnologia nos conteúdos curriculares, pois esta permite a diversificação das atividades facilitando assim a resolução de problemas e permitindo uma maior participação do aluno no processo de ensino/aprendizagem. O professor deve ser um parceiro de visão e experiência na construção do conhecimento, assumindo o seu papel de promotor, orientador, mediador, motivador e gestor da aprendizagem; deve ser fonte de motivação para o aluno. Como promotor da aprendizagem, facilita o acesso aos dados e informações, ao conhecimento acumulado pela sociedade, orientando,

executando e avaliando eventos, experiências e projetos, para que ocorra a construção do conhecimento (TPA com ANGP/LD-22/11/2016).

A finalizar, uma das grandes recomendações, por sinal também desafiante, para colmatar algumas deficiências no processo de ensino e aprendizagem em Angola para gerar mais sucesso escolar e com isso sucesso educativo, passa necessariamente por promover a formação a fim de melhorar a oferta da formação inicial, criar estímulos e promover oportunidades de formação contínua, investir na supervisão pedagógica dos docentes para que se possa permitir ao professor oportunidades formativas com vista a uma maior consolidação das competências e o seu desejável desenvolvimento profissional.

Também, preparar gestores e educadores para materializar e dar continuidade a política de educação, sobretudo nas áreas consideradas precárias e criticas; criar todos mecanismos para despolitização das escolas públicas; as nomeações para cargos de chefias devem ser por competência e não afinidades político/familiar; retomar e generalizar a distribuição da merenda escolar a alunos, sobretudo nos níveis mais baixos e áreas carenciadas; melhorar as infraestruturas, a formação e a remuneração de professores, visto que a motivação de professores implica desenvolvimento dos alunos e da escola.

Vale-nos, para terminar, pensar que " o ótimo é inimigo do bom, mas também que o bom, por muito que se esforce, nunca chegará aos calcanhares do ótimo" (Saramago, 2008, citado por Neves, 2012, p.38).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Aguiar, C.F.S. (2010). *Perceções de alunos do ensino secundário sobre o sucesso e abandono escolar. O contributo da prática desportiva. (Dissertação de Mestrado).* Madeira. Faculdade de Madeira.

Azevedo. J. F. (2012).*Metodologia de Língua Portuguesa*. Luanda: Plural Editores

Bazarra, L., Casanova, O & Ugarte, J. G. (2012). *Ser Professor é dirigir professores em tempos de mudança.* 5ª Edição. S. Paulo-Brasil: Edições Paulinas.

Boaventura, J.F, (2013).*Como pensar a formação dos professores em Angola*? Casalserugo. Proget Edizion.

Boaventura, J. F. & Gonçalves, A. (2014) *Reprojetar a escola. Projeto educativo e projetos curriculares na comunidade educativa*. Roma: Proget Edizion.

Bôas, L. P. S. V.(2004), *Teoria de representações sociais e conceito de emoções ; diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana: Pós graduação em psicologia da educação*. Univ. Pontifícia católica de S. Paulo.

Binji, P., (2013). *A reforma educativa em Angola. O desafio da construção duma escola libertadora*. Roma. Editora Padova.

Branco, J. P (2012). *Insucesso escolar e autoconceito (um estudo na área escolar de Maia)*. Mestrado em Ciências de educação. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Caetano, L. M. (2010). *Temas atuais para a formação de professores*. *Contribuições da investigação piagetiana*. S. Paulo-Brasil: Edições Paulinas

Cabral, A. (2004). *A sociologia funcionalista nos estudos organizacionais: foco em Durkheim.* Cadernos Epape-Brasil.

Coelho, J.E. (2014). *O fraco aproveitamento dos alunos da 7ª Classe da escola 22 de Novembro no município de Caconda*. Huila, Angola

Campos, C.M, (2014).*Gestão escolar e docência.* 4ª Edição. S. Paulo-Brasil: Ed. Paulinas

Cardoso, S.M.C.F. (2003). *Reforma e/ou inovação curricular: um projeto de ensino básico renovado para Cabo Verde.* (Dissertação de Mestrado). Braga: Instituto de Educação e Psicologia-Universidade do Minho

Castro, E. A. & Oliveira, P.R. (2002). *Educando para o pensar.* S. Paulo-Brasil. Edição vozes

Carvalho, J.E. (2009).*Metodologia do trabalho científico*. *«Saber-Fazer» da investigação para dissertações e teses*. 2ª Edição. Lisboa: Escolar editora.

Crahay, M. (1999). *Podemos lutar contra o insucesso escolar?* Lisboa: Instituto Piaget .

Crusoé. N.M.C. (s/d). *A teoria de representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação*.

Dumbo, M.L.N. (2012). *A delinquência juvenil em Luanda*. Porto: Ed. Ecopy

Estrela, C.S.M.(2014), *Multiculturalidade na educação: a integração dos alunos de origem estrangeira na escola secundaria da Baixa de Banheira*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Ferreira, I. L. (2010). *Os professores e o currículo: perceções e níveis de intervenção dos professores do ensino Básico no desenvolvimento Curricular.* (Mestrado em supervisão pedagógica). Lisboa, Universidade Aberta.

Ferreira, A. V. S. e Penteado, A. (s/d), *O fracasso escolar segundo as conceções de professores de uma escola pública de um município de pequeno porte do Paraná*.

Fernandes, J. A. E Silva, R. M. F. (s/d), *O insucesso escolar em Matemática na perspetiva dos professores de Matemática do 2º Ciclo.* Univ. de Minho

Fernando, B.V.J. (2010). *A escola Católica em Angola e o desafio da construção da comunidade educativa*. Bari: Edizioni, vivere

Gaspar, M. I. & Roldão. M.C. (2014), *Elementos do desenvolvimento curricular*. Lisboa. Universidade Aberta

Gaspar, P. & Diogo, F. (2010). *Sociologia da Educação e Administração escolar*. Luanda. Plural editores.

Ghiglione, R & Matalon, B. (1997). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras-Portugal: Celta editora.

Giudice, M. (2013), *Quem fracassa com o insucesso escolar*? Acervoeducared

Henriques, A. C. (2013). *Aspetos da teoria piagetiana e pedagogia*. 2ª Edição. Lisboa: Editora Instituto Piaget

Hundson, L.M. (2007), *O Forum em ambiente virtual para o desenvolvimento profissional de professores de educação básica. Dissertação de pós-graduação*. Universidade de Estácio de Sá. Brasil

Imbamba, J. M. (2003).*Uma nova cultura para mulheres e homens novos. Um projeto filosófico para Angola do terceiro milénio à luz da Filosofia de Battista Mondin*. Luanda-Angola: Ed. Paulinas

Larocca, P. (2000), *O saber psicológico e a docência: reflexões sobre o ensino de psicologia na educação. Psicologia: Ciência e profissão.* Universidade Estadual de Campinas.

Le Gall, A. (1993). *Insucesso escolar*. 2ª Edição. Lisboa: Editora estampa

Leal, A. L., (2005), *Educação e cidadania. Uma inovadora proposta de formação religiosa*. Luanda: Edições Paulinas

Leindecker, A.M & Bastos, C. C.B.C. (s/d). *Conselho de Classe: Uma experiência de participação democrática na escola.*

Manacorda, M. A. (2010), *História da educação. Da antiguidade aos nossos dias.* 13ª Edição. S.Paulo-Brasil: Cortez editora

Martins, C. P. M., (2005/2006). *Fatores de análise do insucesso escolar. Um estudo feito a partir da escola secundária polivalente Cesaltina Ramos*. Cabo Verde (3º ciclo, do ano letivo, 2005/2006). Praia, Instituto Superior de Educação.

Martins, L. S. T. R. (2007). *Um olhar sobre o (Ins)Sucesso escolar na diversidade cultural* (estudo de caso). (Dissertação de Mestrado em relações interculturais). Porto. Universidade Aberta

Mendonça, A. (s.d.). *Insucesso escolar: Etimologia e definição*. Foco. ASA editora

Menezes, M. A (2010). *Reflexões sobre a educação*. Luanda: Mayamba editora

Montagner, H. (1996). *Acabar com o insucesso na escola. A criança, as suas competências e os seus ritmos*. Lisboa: Bayard Editions

Moreira, M.A. & Petter, C.M.B. (2012), *Representação social de ciência : Um estudo preliminar nas series iniciais do ensino fundamental. Psicologia: ciência e profissão.* Esc. Estadual de ensino fundamental de Minho e de Porto-Alegre

Muñiz, B, M. (2013). *A família e o insucesso escolar*. Porto: Porto editora.

Nazar, R.M.G. (2016). *A formação do professor, a prática reflexiva e o desenvolvimento de competências para ensinar. Unicastelo – campus Descalvado*

Neto, T. J. A. S. (2012). *A importância do Lúdico na educação da criança.* Brasil: Zina Editores

Neves, T. (2012). ***Angola. Justiça e paz nas intervenções da Igreja Católica*** *(1989-2002).* Lisboa: Texto Editores

Neves, U.M.T. (2011). *Um estudo na escola do Magistério Primário de Benguela*. (*dissertação de Mestrado em Gestão e Administração escolar*). Biblioteca escolar/centro de Recursos Educativos. Odivelas. Editora das letras, S.A

Ngaba, A.V. (2012). *Políticas educativas em Angola (1975-2005). Entre o global e o local: o sistema educativo mundial*. M'Banza-Kongo. Angola: Editora sedieca

Ngula, A, (2003). *A escolarização em África. Das grandes ilusões à pedagogia de projeto*. Bari, Vivere editora

Oliveira, J. R. L. (2011) *Trabalho de Didática* (licenciatura em Química). Lisboa: Universidade Aberta

Kruppa, S. M. P. (1994). *Sociologia da educação*. 13ª Edição. S. Paulo- Brasil: Cortez Editora.

Pessanha, M. & allis (2012).*Psicologia da educação*. Luanda: Plural editores.

Piletti, N., (2003). *Psicologia Educacional.* 17ª Edição. S. Paulo- Brasil: Ed Ática.

Porto, O. (2005). *Bases da Psicopedagogia. Diagnósticos e intervenções nos problemas de aprendizagem*. 3ª Edição. Brasil: Wak Edição

Kapitya, F. (2008). *Mesa redonda de animais.* Fábulas e contos comentados, provérbios em Umbundu. Lobito, Aguedense

Kundongende, J.C. (2012). *Crise e regate dos valores morais, cívicos e culturais na sociedade Angolana. Um contributo para a inversão dos valores éticos*. Huambo: Ceretec

Rangel, A. (1994).*Insucesso escolar*. Coleção Edições Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget

Ribeiro, E. C. (2007). *A prática pedagógica do professor mediador na perspetiva de Vigotsky. Curso de pós-graduação.* Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

Roncaglio, S.M. (2004). *A relação professor-aluno na educação superior: influência da gestão educacional.* Psicologia: ciência e profissão. Faculdade Evangélica de Paraná

Santos, A.M. (2013). *A importância da relação pedagógica na promoção do sucesso nas turmas de percurso curricular alternativo. Dissertação de Mestrado em A.G.E.,* Universidade católica portuguesa. Faculdade de Ed e Psicologia.

Sergiovanni, T. J. (2004). *Novos caminhos para a liderança escolar.* Porto: Asa Editores

Sil, V. (2004). *Alunos em situação de insucesso escolar*. Lisboa: Instituto Piaget

Sil, V e Lopes, J. A. (s/d). *Os professores face à problemática do insucesso escolar-Suas atitudes, perceções e opiniões.* Instituto Piaget e Universidade de Minho.

Souza, E. A. (2011). *A relação professor-aluno. Influências positivas e negativas no processo de ensino aprendizagem na perspetiva de alunos do ensino medio.* Universidade Estadual de Londrina.

Teixeira, E. F.B. (1999). *A Educação do homem segundo Platão.* S. Paulo – Brasil: Paulus editora

UNIVERSAL (2009) *Dicionário Integral de Língua Portuguesa*. Córdova. Texto editores

Uwe, F. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica. Lisboa. Edições Monitor*

Wachelke, J.F.R. e Camargo, B. V. (2007), Representações sociais, representações individuais e comportamento. Interamerican jornal psychology. Universidade Federal de Santa catarina, Porto Alegre-Brasil.

Valle, B. (s.d.). *Cenários da formação de professores no Brasil: Perspetivas para as próximas décadas*. S, Paulo. Cortez editora.

Veiga, A. (2012). *A educação hoje. A realização integral e feliz da pessoa humana*. Vila Nova de Gaia. Porto: Edições Perpétuo Socorro

Venâncio. M. & Otero, A. G. (2002), *Eficácia e qualidade na escola*. Porto: ASA Editores

Zau, F. (2009). *Educação em Angola.* Novos trilhos param o desenvolvimento. Lisboa: Movilhos Editora

Sites consultados

Alexandre, J.A.A, (1999). *Insucesso escolar. O caso português*. Br.monografia.com. S.A

Giúdice, 2009, O que é o fracasso escolar? in http: www.educarede.org.br. Acesso em 2 de Março de 2016

Documentos consultados

Diário da República, conselho de Ministros, de 4 de Março, de 2008

Jornal de Angola

Club k Angola-Notícias imparciais de Angola

ANEXOS

Anexo1: Questionário - alunos

Este questionário insere-se num estudo de causas sobre o insucesso escolar e caminhos para o sucesso escolar, a apresentar na última fase da minha dissertação para obtenção do grau de Mestre, na Universidade Portucalense, Infante Henrique, com a orientação da Professora Doutora Sílvia de Castro Cardoso.
O anonimato e a confidencialidade das respostas são integralmente salvaguardados. Agradecendo desde já a tua colaboração. Pedimos que respondas com sinceridade às questões apresentadas. De antemão queremos dizer, que não há respostas corretas nem erradas, a tua opinião é sempre válida. O tempo pode variar entre 20 a 40 minutos.
Nota: *Não coloques o teu nome em lado nenhum.*

Escola_____

Idade_____

Município_____

Nacionalidade_____

Género? Masculino ☐ Feminino ☐

1. Qual é a classe que frequentas? _____

1.1. É a primeira vez que frequentas esta classe? Sim ☐ Não ☐

1.2- Se não é a primeira vez que a frequentas, esta é a tua (coloca uma cruz na tua opção):

Segunda vez ☐ Terceira vez ☐ Outra (especifica) ☐

2 - Já reprovaste em classes anteriores? Sim ☐ Não ☐

2.1- Se sim, quantas vezes, em que classe(s) e porquê ?

Nº de vezes_____ Classe (s) _____

Porquê_____

3 - Profissão do pai _____

3.1- Idade do Pai_____

3.2- Habilitações literárias do pai (coloca uma cruz na opção):

Ensino primário	**I Ciclo do ensino secundário**	**II Ciclo do ensino secundário**
1ª Classe ☐		10ª Classe ☐
2ª Classe ☐	7ª Classe ☐	11ª Classe ☐
3ª Classe ☐	8ª Classe ☐	12ª Classe ☐
4ª Classe ☐	9ª Classe ☐	13ª Classe ☐
5ª Classe ☐		
6ª Classe ☐		

Curso profissional ☐ Qual ?_____

Bacharelato ☐ Qual ?_____

Curso superior (Licenciatura) ☐ Qual ?_____

Outro (especifica) ☐ Qual?_____

4- Profissão da mãe _____

4.1- Idade da mãe _____

4.2- Habilitações literárias da mãe (coloca uma cruz na tua opção)

Ensino primário	**I Ciclo do ensino secundário**	**II Ciclo do ensino secundário**
1ª Classe ☐		10ª Classe ☐
2ª Classe ☐	7ª Classe ☐	11ª Classe ☐
3ª Classe ☐	8ª Classe ☐	12ª Classe ☐
4ª Classe ☐	9ª Classe ☐	13ª Classe ☐
5ª Classe ☐		
6ª Classe ☐		

Curso profissional ☐ Qual ?_____

Bacharelato ☐ Qual ?_____

Curso superior (Licenciatura) ☐ Qual ?_____

Outro (especifica) ☐ Qual?_____

5- Se tens irmãos diz quantos tens e de que idade ?

Rapazes_____ Idade(s):_____

Raparigas_____ Idade(s):_____

5.1- Os- irmãos em idade escolar frequentam a escola? Sim ☐ Não ☐

5.2- Se sim, em que classe escolar estão

_____

5.3- Se não, porquê?_____

5.4- Os que já não estão em idade escolar, ou não estudam, que profissão têm?

5.5- Se não têm , porquê?

_____

6 - Estudas todos os dias?

Sim ☐ Não ☐

6.1- Se não, quantas vezes estudas por semana?_____

6.2- Quanto tempo estuda de cada vez ?

menos 1 hora ☐ 1 a 2 horas ☐ Mais de 2 horas ☐

6.3 -Estudas acompanhado?

sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

6.4 - Se sim ou às vezes ,com quem?_____

7- Tens alguma refeição antes das aulas? Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

7.1 - Se não, porquê ?_____

8- Vês televisão todos os dias?

Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

8.1- Se sim, durante quanto tempo por dia ?

Até 1 hora ☐ Entre 1 a 2 horas ☐ Mais de 2 horas ☐

8.2 - Se não, porquê ?_____

9 - O que fazes nos tempos livres, enumera, pelo menos, 3 atividades ?

_____

9.1- Com quem passas os tempos livres?

Amigos (as) ☐ Família ☐ Outros (as) ☐

9.2 - Costumas ler?

Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

9.3- Costumas ir à discoteca?

Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

9.4 - Costumas ir à biblioteca

Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

9.5 - Costumas ir ao restaurante ?

Sim ☐ Não ☐ Às vezes ☐

10- Fatores ou caminhos para o sucesso escolar – fatores que podem levar a um melhor aproveitamento escolar. Assinala, por ordem de importância, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante):

Fatores relacionados com os alunos	1	2	3	4	5
Ser responsável, cumprir os deveres escolares					
Definir objetivos de acordo com as suas possibilidades					
Sentir-se bem consigo próprio					
Levar uma vida saudável (alimentação equilibrada, não consumir álcool descansar o suficiente)					
ter motivação para aprender					
Perceber a importância dos estudos para o futuro profissional					
Confiar, acreditar nas suas capacidades					
Gostar de estar com os colegas/ fazer amizades					
Outros fatores…					
Fatores relacionados com a família/ Encarregados de Educação					
Responsabilizar os educandos / filhos pelos deveres e tarefas escolares					
Reconhecimento do papel da escola por parte dos encarregados de educação					
Bom ambiente familiar					
Disponibilidade de materiais escolares diversificados aos educandos/filhos					
Condição económico-financeira da família					
Nível cultural da família					
Acompanhar e apoiar os educandos /filhos nos estudos					
Criar mais sincronia com a escola (participar das reuniões de concertação …)					
Mais fatores….					

Fatores relacionados com os professores	1	2	3	4	5
Ensinar as matérias para que os alunos compreendam					
Dominar os conteúdos das disciplinas					
Bom relacionamento dos professores com os alunos					
Exigência dos professores relativamente aos trabalhos dos alunos					
Acompanhamento personalizado e apoio aos alunos com maiores dificuldades					
Interesse e motivação dos professores pela aprendizagem dos alunos					
Ensinar de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos					
Manter disciplina /autoridade nas aulas					
Outros fatores…					
Fatores relacionados a Escola e a comunidade educativa					
Ajuda por parte da escola na preparação para os momentos de avaliação					
Disponibilidade de materiais diversificados úteis às aulas e às aprendizagens					
Articulação / ligação entre as matérias e o dia-a-dia extraescolar					
Organização escolar de acordo com os tempos livres e o tempo de estudo diário					
Constituição de turmas em função do nível de aprendizagem e do número de alunos					
Reforçar os programas de merenda escolar para todas escolas					
Criar políticas de incentivos para novos quadros (criar mais postos de emprego)					
Construir, reabilitar e apetrechar com meios modernos todas escolas					
Outros fatores…					

Anexo 2: Guião de entrevista aos professores

Estimado(a) colega Professor(a)

No âmbito do projeto de dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Administração e gestão escolar , em curso na Upt(Universidade Portucalense Infante D.Henrique) , intitulada *" O Insucesso escolar -Debilidades e algumas perspetivas de professores sobre o contexto educativo angolano.";* e cuja finalidade última é procurar melhorar o ensino e aprendizagem, venho solicitá-lo que responda ao presente questionário, que se destina a efetuar um trabalho de investigação que me propus a realizar. Mais especificamente, procurar-se-á, com base nas respostas obtidas, identificar conceções, pontos de vista e medidas que os alunos, encarregados de educação, professores e a sociedade em geral consideram fundamentais acerca deste grande fenómeno, que enferma a nossa escola angolana e que se chama insucesso escolar.

Tratando-se de um trabalho de investigação, é de maior importância que responda de forma cuidada a todas as questões apresentadas na entrevista, assim como, que responda com sinceridade e de forma empenhada a todas as perguntas, pois delas dependem a validade da investigação. É preciso também dizer, que não existe resposta certa nem resposta errada. O que é mais importante é que se responda tudo de acordo com a sua opinião. Neste contexto de responsabilização, eu, enquanto utilizador dos dados, comprometo-me a não fazer qualquer uso desta informação, a não ser em anonimato.

Desde já, muito obrigado pela colaboração.

Questões:

1- Há quanto tempo leciona?_
2- Qual o tipo de vínculo profissional possui?
3- Há quanto tempo leciona nesta escola?
4- Ocupa algum cargo de gestão?
5- Acha que a sua carga horária é favorável a uma boa atividade docente? Porquê?
6- O que é para si insucesso escolar?
7- Acha que o insucesso escolar é um problema da falta de estudo? Do currículo? Ou dos professores em adaptar-se a Reforma?

8- Acha que a escola está preparada para promover o sucesso dos seus alunos? se sim, como ?
9- Costuma apoiar os seus alunos com atividades de complemento curricular? Como?
10- O que deve mudar na escola para haver mais sucesso?
11- Acha que a falta de boa acomodação dos alunos e professores nalgumas escolas pode contribuir para o insucesso escolar? porque?
12- A merenda escolar pode melhorar o aproveitamento escolar? Como?
13- O que mudar no currículo ou matéria para se ter mais sucesso?
14- O que mudar nos professores para se ter mais sucesso?
15- Na sua opinião, há influência da corrupção e a falta de qualidade de ensino nos tempos hodiernos?
16- Acha que a falta de assiduidade dos professores pode contribuir para o insucesso escolar?
17- Na sua opinião, a monodocência pode contribuir para mal qualidade de ensino?
18- Que devem fazer os alunos para terem mais sucesso?
19- Acha que há falta de articulação entre ciclos? se sim, diga porquê.
20- A escola e os professores costumam desenvolver atividades de apoio aos alunos para além das aulas? se sim, são atividades de lazer ou de complemento escolar?
21- Que mais opiniões avança para que haja sucesso escolar na sua escola em particular e no país em geral?

Obrigado pela sua colaboração,

Adriano Ngungu

adyngungu@yahoo.com.br/adykahala015@gmail.com

Anexo 3: Entrevista ao Diretor da E.F.P. (Magistério Primário) da Nharêa

Protocolo:

Excelentíssimo Senhor Diretor da Escola de Formação de Professores N.

Eu, Adriano Ngungu, estudante do curso de Mestrado em Administração e gestão escolar, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto/Portugal, com o nº 36543, venho por este meio solicitar à sua autorização para recolha de dados junto dos discentes e docentes da escola de Formação de Professores, instituição que é da vossa tutela, através de inquérito por questionário e por entrevistas, respetivamente.

O presente trabalho centra-se no âmbito da investigação individual que culminará na minha dissertação de Mestrado, na problemática do Insucesso escolar, suas causas e caminhos para sua mitigação, sob a orientação da Professora Doutora Sílvia Maria Castro Fortes Cardoso.
Por razões éticas da investigação, serão mantidos o anonimato e a confidencialidade de toda informação recolhida. Fico a inteira disponibilidade de V. Exª para facultar a informação que julgue oportuna para a adesão à investigação.
Subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

N…., 16 de Novembro de 2015
Atenciosamente

_____
Adriano Ngungu

Questões:

1- Acha, o senhor, que o atual sistema de avaliação contribui para o insucesso dos alunos?
2- Na sua opinião a falta de acompanhamento dos pais e encarregados de educação contribui para o insucesso escolar dos alunos?
3- Acha que a boa planificação dos conteúdos contribui para o sucesso dos alunos?
4- A percentagem de repetências diminui de ano para ano?
5- Cumprem-se os objetivos previstos nos programas?
6- Os alunos obtém bons resultados académicos no fim do ano letivo?
7- A equipa de direção estabelece parcerias que contribuem para o aumento dos recursos materiais e melhoria dos recursos humanos da escola?
8- As repetências e abandono escolar são alguns indicadores do insucesso escolar?
9- Como o Diretor, o que tem feito para minimizar esses indicadores?
10- Como caracteriza o ambiente e o clima de trabalho na sua escola?
11- Quem é o culpado do problema do insucesso escolar?
12- Na sua opinião como docente e Diretor quais são as causas do insucesso escolar?
13- Aponte alguns caminhos para o combate ao insucesso escolar na sua escola, em particular e no país em geral.

Grato pela disponibilidade!

Professor Adriano Ngungu